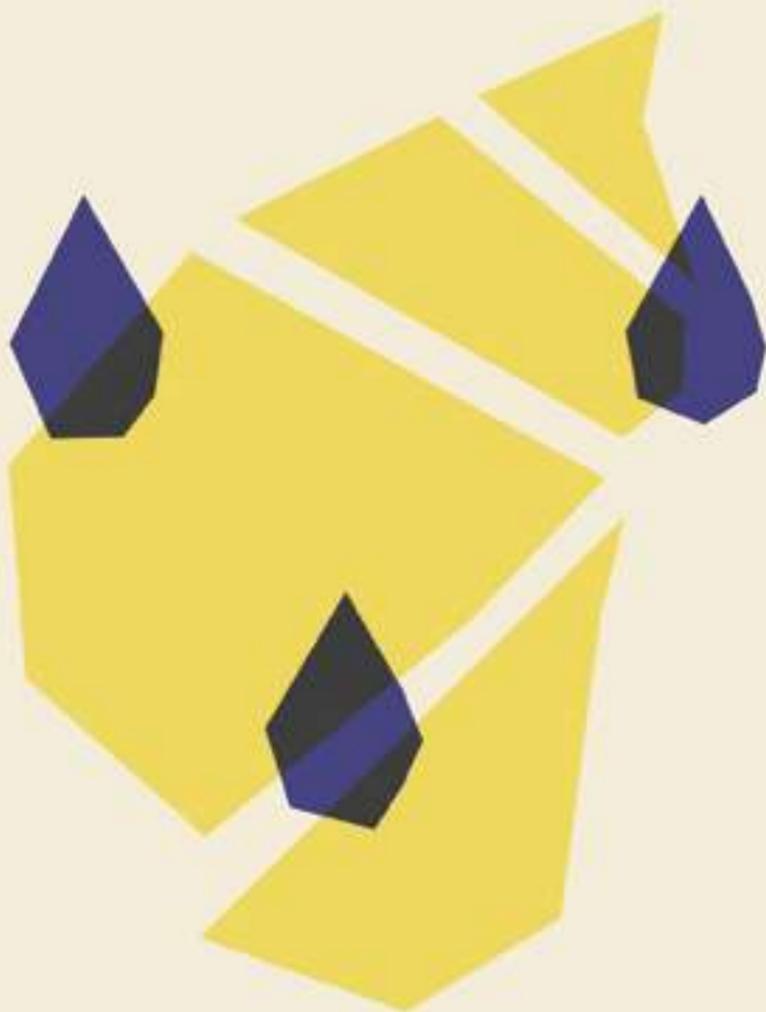


# Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto





# Cântico sobre uma gota de água



# Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto

Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida



Colção  
Comunidades  
Portuguesas

Poesia

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.  
Av. de António José de Almeida  
1000-042 Lisboa  
[www.incm.pt](http://www.incm.pt)  
[www.impresnacional.pt](http://www.impresnacional.pt)  
[www.facebook.com/ImprensaNacional](https://www.facebook.com/ImprensaNacional)  
[editorial.apoiocliente@incm.pt](mailto:editorial.apoiocliente@incm.pt)

© Eduardo Bettencourt Pinto e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Cântico sobre uma gota de água  
AUTOR: Eduardo Bettencourt Pinto  
EDIÇÃO: Jorge Reis-Sá  
CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo  
CAPA: Estúdio João Campos  
REVISÃO DO TEXTO: João Miguel Alves  
PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)  
TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.<sup>a</sup> edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2995-6

## ÍNDICE

A palavra e a distância em E. (de Exílio) Bettencourt Pinto por Onésimo Teotónio Almeida . . . . .	17
---	----

### **OS DEDOS NA IMAGEM**

Música . . . . .	49
A guitarrista . . . . .	50
Cântico sobre uma gota de água. . . . .	51
Ciclo noturno. . . . .	52
Quadros . . . . .	53
As palmeiras de Eugénio . . . . .	55
Allegro maestoso . . . . .	57
Mitologia do sul. . . . .	58
Vinho. . . . .	59
Ritos . . . . .	60
A palavra. . . . .	61
Olhar entre ruínas . . . . .	62
A vizinha . . . . .	64
O país invisível. . . . .	66
O relógio. . . . .	67
O silêncio . . . . .	69
Os últimos dias . . . . .	70
Arte noturna . . . . .	72
A minha sombra . . . . .	74

### **O VELHO POETA**

O poeta e a cidade . . . . .	79
Na esplanada . . . . .	80

Café . . . . .	81
O velho poeta . . . . .	82
Ofício de procura . . . . .	84
O poema . . . . .	86

## **SUL**

Salinas no retrato . . . . .	89
Nostalgia . . . . .	90
Labirinto. . . . .	91
Poema à mãe/1 . . . . .	92
Poema à mãe/2 . . . . .	93
Salinas . . . . .	94
A casa . . . . .	95
Balada com pedras . . . . .	96
Breve memória do meu pai . . . . .	97
As mãos do meu pai. . . . .	98

## **SETEMBRO**

Monólogo com as sombras . . . . .	103
Setembro/1 . . . . .	104
Corpo de setembro . . . . .	105

## **ILHA**

Ilha . . . . .	109
A viúva da água . . . . .	110
Evocação da ilha . . . . .	111
Calheta de Nesquim . . . . .	112
José Nuno . . . . .	113

## **O AMANTE NO LENÇOL**

Madrigal. . . . .	117
Intimidade . . . . .	118
Dança. . . . .	119
A cama . . . . .	120
A lua. . . . .	121

As mãos . . . . .	122
O retrato mais antigo . . . . .	123
Prelúdio . . . . .	124

**CARAÍBAS**

O regresso dos músicos . . . . .	127
História dum guerrilheiro . . . . .	128
Menina da água . . . . .	131

**MENINA DA ÁGUA CANTATA EM B MENOR – NORDESTE,  
S. MIGUEL, AÇORES**

1/. . . . .	135
2/. . . . .	136
3/. . . . .	137
4/. . . . .	138
5/. . . . .	139
6/. . . . .	140
7/. . . . .	141
8/. . . . .	142
9/. . . . .	143
10/. . . . .	144
11/. . . . .	145
12/. . . . .	146
13/. . . . .	147
14/. . . . .	148
15/. . . . .	149
16/. . . . .	150
17/. . . . .	151
18/. . . . .	152
19/. . . . .	153
20/. . . . .	154
21/. . . . .	155
22/. . . . .	156
23/. . . . .	157
24/. . . . .	158

25/	159
26/	160
27/	161
28/	162
29/	163
30/	164
31/	165
32/	166
33/	167
34/	168
35/	169
36/	170
37/	171
38/	172
39/	173
40/	174
41/	175
42/	176
43/	177
44/	178
45/	179
46/	180
47/	181
48/	182
49/	183
50/	184

### **A COR DO SUL NOS TEUS OLHOS**

Estações brancas.	191
Fim de festa.	192
Tão longe o sul	193
África.	194
Retrato antigo	195
Momento	196
Enunciação	197

Anoitecer em Alebag . . . . .	198
As lágrimas da água . . . . .	199
Ilha . . . . .	200
Sentado na sombra do silêncio. . . . .	201
A velha cidade . . . . .	202
O caminho de regresso. . . . .	203
As palavras . . . . .	204
Meditação de sábado . . . . .	205
Percurso . . . . .	206
Café. . . . .	207
As palavras cantam no mar. . . . .	208
As palavras das árvores . . . . .	210
Sinopse. . . . .	211
Introspeção . . . . .	212
Um caminho para o sul . . . . .	213
Matinal . . . . .	214
Vigília . . . . .	215
Braços . . . . .	216
Agosto . . . . .	217
Peregrinatio . . . . .	218
Não sei dizer que te amo quando estou triste . . . . .	219
O silêncio . . . . .	220
O nome. . . . .	221
Na floresta, quem diria! . . . . .	222
Amanhecer . . . . .	223
Manhã na ilha . . . . .	224
Fragor . . . . .	225
Homem a fugir do poema. . . . .	226
Rente ao crepúsculo . . . . .	227
Noite . . . . .	228
Trabalho no jardim . . . . .	229
Tão pouco . . . . .	230
Memória. . . . .	231
Quadro. . . . .	232
Errâncias . . . . .	233

Momento . . . . .	234
Pequeno romance de abril . . . . .	235
A fala do romântico . . . . .	236
Uma palavra sobre a tarde . . . . .	237
Rente à pele . . . . .	238
Poema do litoral . . . . .	239
Monólogo com o desejo . . . . .	240
Conhece nas minhas mãos . . . . .	241
Musical . . . . .	242
O rumor das tuas margens . . . . .	243
Amor . . . . .	244
Tato . . . . .	245
Madrigal rente à primavera . . . . .	246
Fim do dia . . . . .	247
Rosas . . . . .	248
Proximidade . . . . .	249
A mesa . . . . .	250
Melancolia . . . . .	251
Breve momento com o verão por cima . . . . .	252
Verão . . . . .	253
Voo . . . . .	254
Neblina. . . . .	255
Do amor . . . . .	256
Utopia . . . . .	257
Após. . . . .	258
Sonata a caminho do verão . . . . .	259
Nos campos onde moram os ventos dos teus olhos. . . . .	260
Depois de ti . . . . .	261
Sinais. . . . .	262
Junto ao mar que anoitece. . . . .	263
Verão . . . . .	264
As cores dos teus olhos. . . . .	265
Viagem interior . . . . .	266
Vertigem. . . . .	267
De setembro . . . . .	268

Canção . . . . .	269
Retrato sobre a cómoda . . . . .	270
Sentimento de chuva . . . . .	271
Domingo . . . . .	272
Momento . . . . .	273
Sentir . . . . .	274
Harmonia . . . . .	275
Escureço . . . . .	276
Madrigal . . . . .	277
Casi cielo . . . . .	278
Música . . . . .	279
Oh, quante lagrime per te versai . . . . .	280

### **TANGO NOS PÁTIOS DO SUL**

A tarde . . . . .	285
Antes do tempo . . . . .	286
Caminhas nos cânticos do sul . . . . .	287
Tango . . . . .	288
Alba . . . . .	289
As mulheres . . . . .	290
Voz . . . . .	291
Nos dias . . . . .	292
O escritor . . . . .	293
Regressas às Salinas olhando a memória no retrato . . . . .	294
Só o desamor é fútil . . . . .	295
Teresa . . . . .	296
Tribo . . . . .	298

### **VIAJAR COM SOMBRAS**

A velha máquina de escrever . . . . .	301
Mãe das ilhas . . . . .	303
Alma . . . . .	304
Amina Lawal . . . . .	305
Campo de S. Francisco . . . . .	307
Cantata sobre um rosto . . . . .	308

Cântico . . . . .	309
Idade . . . . .	310
Imagem na espuma. . . . .	311
Manhã de chuva. . . . .	312
A lavadeira . . . . .	313
O mar que atravessavas em setembro . . . . .	314
O princípio do mundo . . . . .	315
Ofício. . . . .	316
Poema no guardanapo. . . . .	317
Angola . . . . .	318
Primeiro, último encontro . . . . .	319
Quadros mediterrânicos . . . . .	321
Solstício . . . . .	322
Um país? Que importa? . . . . .	323
Uma mulher . . . . .	325
Verão . . . . .	326

#### **UM DIA QUALQUER EM JUNHO**

A mãe . . . . .	329
A senhora do inverno. . . . .	330
A sombra das palavras . . . . .	331
Cantata. . . . .	332
Inícios . . . . .	333
Legado . . . . .	334
Monólogo do romântico triste. . . . .	335
Pai nos últimos tempos. . . . .	336
S. Jorge . . . . .	337
Um momento tão perto . . . . .	338
Utopia . . . . .	339
Yelapa, México. . . . .	340

#### **ÁGUAS DE SOLEDADE FUNCHAL, MADEIRA**

Varanda noturna . . . . .	343
Uma ilha dentro das mãos . . . . .	344
Essence. . . . .	345

Rua . . . . .	346
Rua da memória . . . . .	347
Na dobra do lençol. . . . .	348
Águas de soledade. . . . .	349
Instantâneo. . . . .	350
Ofício urbano. . . . .	351
Discurso sobre um guardanapo. . . . .	352
Adeus. . . . .	353



A PALAVRA E A DISTÂNCIA EM  
E. (DE EXÍLIO) BETTENCOURT PINTO  
por Onésimo Teotónio Almeida

A literatura portuguesa é geograficamente bastante mais vasta do que nos mostram os cânones. Estes ignoram sistematicamente o que ultrapassa o retângulo da ponta final da Europa, esquecendo que esta, e Portugal em particular, se estendem Atlântico fora, pela Madeira e Açores, para não falar da diáspora. Indesculpáveis omissões têm ocorrido devido a uma ignorância que parece incurável. Na verdade, a literatura portuguesa ultrapassa largamente o espaço geográfico consignado na Constituição. E está bem viva por esse mundo fora alimentada por uma rede de cultores que se lhe sentem ligados, muito embora as histórias literárias desconheçam a sua existência.

O autor do presente volume é um desses escritores quase ignorados. Nascido em Gabela, Angola, em 1954, foi forçado a abandonar a sua terra natal no fulgor da juventude, num contexto por demais conhecido quando a liberdade do novo país enxotou os filhos de cepas adventícias. Refugiou-se então uma temporada nos Açores, terra de seus antepassados<sup>1</sup>, todavia a pouco mais de meia-dúzia de anos lá vividos

---

1. O seu avô, José Rebelo de Bettencourt (1894-1969), é uma conhecida figura das letras açorianas. Foi poeta, ensaísta e jornalista.

marcou-o tanto como as suas prévias duas décadas angolanas. Quando, em 1983, dos Açores partiu de abalada para Vancouver, no Canadá à beira do Pacífico, transportou na bagagem de emigrante um peso pesado de experiências que iria carregar para sempre. Se o coração da África ficou também em parte seu, as ilhas dos avós encheram-no de mar. Uma mulher da ilha levou-o àqueles longes do Canadá onde afoga saudades no feitiço de África e do fascínio do Atlântico. Nem o viver numa outra ilha, a de British Columbia – Pitt Meadows<sup>2</sup> – lhe lenitiva a ausência dos Açores. Sente a distância, o exílio, todos esses ingredientes com que os portugueses cozinham o mistério da saudade e, querendo matá-la, viaja na escrita para a gaveta ou para os e-mails. Mesmo assim, tem publicado bem mais do que a distração da crítica consegue captar. Poemas não faltam: *Mão Tardia*, *A Deusa da Chuva*, *Emersos Vestígios*, *A Menina da Água*, *Tango nos Pátios do Sul*, *Traveling with Shadows / Viajar com Sombras* e *A Cor do Sul nos Teus Olhos*. E prosa: *As Brancas Passagens do Silêncio*, *O Príncipe dos Regressos*, *Sombra duma Rosa* e *A Casa das Rugas*. Este último tem África como cenário de fundo.

Eduardo Bettencourt Pinto confessa ter o vício das palavras. Mas que belo vício! Sem ele saber, fui-lhe roubando da nossa correspondência eletrónica nacos que arquivei com esmero, porque só ele sabe tocar na guitarra da distância o tom dolente do exílio. O poeta elevou o e-mail à categoria

---

2. Eduardo Bettencourt Pinto sempre se referiu a Pitt Meadows como uma ilha, até que um dia explicou: «Pitt Meadows é uma ‘ilha’ só em termos metafóricos. É uma pequena cidade apertada entre duas (Port Coquitlam e Maple Ridge), e com uma identidade cultural que a demarca das outras que a cercam. Sinto Pitt Meadows como uma ‘ilha poética’. Está enclanhada entre dois rios – a sul, o Frazer e, a norte, o Pitt River.»

de género literário. Insisto há anos com ele para se abalar à escrita de um diário, já que para isso bastaria apenas coligir os seus e-mails. Os a mim endereçados dariam um belo livro. Vou mesmo recorrer a eles para compor uma autoapresentação do autor dos poemas do presente volume, uma antologia da sua poesia por ele próprio selecionada. Contextualizam magnificamente a personalidade do poeta e ajudam-nos a enquadrar, para melhor entendê-la, a voz que cedo ressalta ao ouvido do leitor disposto a embrenhar-se no universo poético das páginas que se seguem.

As citações não seguem nenhuma ordem lógica, apenas cronológica. São peças soltas que, no seu conjunto, esboçam um autorretrato do poeta:

*Antes que me esqueça, tenho a alegria de te dizer que já sou pai. Nasceu-nos um rapazinho no dia 26 do mês passado. Chama-se Mauro. Enquanto escrevo ele dorme mais a Rosa, lado a lado. Foi uma luz que nos entrou pela casa dentro, cheia de música e insónia. Do seu nascimento guardo a memória de horas incendiadas e intermináveis, o palpar indelével dum sentimento inebriado de sofrimento. A mulher, com a sua graciosidade, magia e misticismo, traz na sua vida a exuberância, a sensibilidade, uma insuspeitada coragem e determinação para enfrentar aqueles densos momentos de vulcânicas dores. A mim só me resta os olhos húmidos, a garganta sem voz frente à grandeza dum acontecimento que num repente transforma o mundo, o instante da eternidade. Aquelas dores ficaram para sempre enraizadas no respeito e delicadeza dum ser que é fabuloso e admirável, que se chama mulher. A vida é a mais lógica e misteriosa equação da alma.*

\* \* \*

Disseram-me um dia, não me lembro quem foi, ah, a Rosa: «Este céu não tem estrelas.» Nunca tinha reparado. «Em Portugal há tantas estrelas que parecem até cair nos nossos olhos!»

Eu sei, a distância faz apertar o coração, atenua discrepâncias, revolve-lhes o peso e a substância, faz de nós inveterados eremitas da sensibilidade. Pensei que a Rosa, ao falar das estrelas de Portugal, falasse da saudade, essa folha de laranjeira caída nos charcos da memória. Mas não. Aludia ela a uma dimensão ulterior, invisível, quase intangível, que é a transposição da nossa interioridade a um plano real, puro e legítimo, banal e ao mesmo tempo etéreo, como as ervas: a pureza do olhar. Olhar apenas, ver este céu triste comer-nos os olhos, e assim perdidos, no instante da nossa pequenez humana, dialogarmos com as partículas de um todo quase incompreensível, mas total, esvoaçante, perene. Nesse momento revelador senti a ternura que se tem por quem sente e repara, e de súbito se apercebe que a existência é curta. Estamos aqui apenas num sopro, para entregar as mãos à totalidade. Absortos nessa grande solidão, aprendemos a coexistir com o Universo. Na Rosa tem o sabor a quietude e ao infatigável rumor do mar. Como a carta de um amigo que nos retempera como uma sombra, aqui fica o registo. Pouco mais posso dizer que obrigado – pelo tempo e atenção. E enviar, simbolicamente, entre as palavras mais frescas, as intermináveis estrelas de Portugal.

\* \* \*

*Ontem, para desanuviar, fomos a um concerto do Keny G. Excelente músico. Muito bem acompanhado, foi um serão de se tirar o chapéu. O Keny tem um jazz muito bem temperado, melodioso, e deixa transparecer uma grande paixão pela música. Sempre literatura também aborrece.*

*Estou à espera que as folhas comecem a cair. Então saio de casa, entro pela humidade dos dias, e regresso a casa com pedaços de cores das florestas, sons ainda de ramos, e sento-me, frente ao lume, a esquecer-me de mim.*

\* \* \*

*Ontem caiu um dente ao Mauro. Deixámo-lo sob a cabeceira. Mal acordou foi ver: tinha lá um dólar. Levou-o para a escola, radiante. Quando chegou veio dizer-me, tão satisfeito como se tivesse vindo do mar. É isto, a infância. Os mitos cheios de bonomia, a complacência e a ternura são dos seus corações frescos, sem mácula. Como a música, a verdadeira música das essências.*

*Escrevo com persistência, como se construísse uma casa. Tijolo a tijolo. Ainda não alcancei as janelas, o que mais gosto. Ou a varanda, onde o sol e as flores crescem entre os passos das mulheres, adoráveis deusas. Mas escrever afinal é isto, um incêndio, instante a instante, que deslumbra e atormenta e nos queima os pulsos. Uma respiração. Para dizer a verdade, é companhia. O meu cão de pelo castanho, igual ao do Hemingway, a ressonar levemente perto dos meus pés. Crescemos juntos no grande vale do Tempo. Às vezes perdemo-nos um do outro: fico*

numa esquina a olhar as multidões sem rumores, como acima digo. Mas volto sempre aqui, aos eucaliptos, às cercas brancas da serenidade. E cheiro as ervas, até cair de bruços na exaustão do silêncio. E da terra.

\* \* \*

Da janela quase vejo setembro. A luz que toca os pinheiros é mansa, antiga. Parece marinha: desprende uma claridade aveludada. Desce vagarosa, corre pelas macieiras como um chuvisco, dá um pouco mais de cor aos frutos. Vou para a varanda com um jornal. Vejo os pássaros em bandos numerosos. São pontos negros em passagem pelos olhos do Mauro, que dá um grito alegre e diz: «Olha papá, os pássaros!» Explico-lhe que eles vão para terras quentes, não gostam do frio, e regressam para o ano. «É porque não têm casacos?», interrompe-me. Fica a olhá-los, extasiado. Faz outras perguntas, tantas que me secam a boca. Curiosidade infinita. Raiz em crescimento. Mas que pelo menos se expanda por terra firme e se mantenha sequiosa de coisas novas.

\* \* \*

Sinto já o fervor da partida, uma ansiedade de relógio parado, as palpitações sonoras no peito, ouvindo já nos sentidos o mar açoriano. Pena que seja só uma semana – uma ilha, como uma mulher, ama-se muito devagar. Para aproximar de nós o paraíso.

\* \* \*

A visita aos meus amados Açores foi-me de uma bonança sentimental interminável. Muito amo, adoro e volto a amar aquela humidade verde das casas com o mar ao fundo. As silhuetas que as habitam, as suas mãos de terra, abertas, e de cuja bondade recebo as sementes das raízes. Revigorei o espírito e tudo me sai em catadupa. Este amor e esta ternura por tudo, que me faz viver dentro das palpitações humanas, nas hastes gélidas do inverno e na neve do silêncio matinal. Tudo isto é uma alegria calada – como observar um universo escondido. Muitas vezes cabe redondinho nos olhos de um instante sereno. E assim escrevo. Escrevo. Labuto a pedra com o cinzel mais puro, o das essências da memória. E resgato das sombras as cores dum novo auge criativo. Como se, atordoado, ras-tejasse no interior dum êxtase. Incendiando a serenidade. Com medo de ser nada.

\* \* \*

Tem feito por cá dias africanos: sol forte, cândido, forrado com uma brisa fresca e alta. A casa até parece diferente com tanta, tanta luz. Se tivesse aqui o mar estaria numa estação muito branca, imensa de ternuras e comprazimentos. Esta é a altura de se fazer as malas e partir para o mar. Pelo menos teoricamente. A realidade é outra, infelizmente. Gostava de estar no Pico neste momento, aí pelas seis da tarde, o peixe a assar na brasa, um copo de vinho tinto, a voz e o júbilo dos amigos e da família. Depois um passeio a pé, corresponder à saudação entusiástica e cortês de um desconhecido, a cor do silêncio rente ao azul do horizonte, um grito de gaivota ao longe. Por fim as sombras da noite, aos poucos caindo sobre os nossos passos.

\* \* \*

*Nesta terra tropeçamos já com os trabalhos do outono, quase serenos, não fossem tão melancólicos: a humidade das folhas, mortas sob os passos, duas lágrimas escondidas no silêncio dos olhos quando anoitece. Durante estes meses todos seremos apenas passageiros da chuva, árvores nuas, céu despido de aves, gente que passa morta dentro dos casacos. Já não procuro um país no eco da madrugada, mas uma luz verde, três ou quatro acordes de harpa, uma ilha a que possa regressar para repartir o pão dos naufragos. Escrever, mais que nunca, significa chegar ao outro lado da ausência, descalço sobre as águas, olhando as sebes e as neblinas, o coração tão cheio de rebeldia. Se é de noite, encosto-me aos muros da música e então oiço Wagner e Schumann sob a frondosa sombra da memória.*

\* \* \*

*Os meus amigos são as minhas raízes. Por eles oiço o Tempo minuar no relógio, e vejo através dos espelhos como todos, nas suas vidas distantes e no entanto tão perto, são os músicos de muita da minha alegria e fé nas coisas da literatura. Inequivoca fortuna.*

\* \* \*

*Setembro chegou aqui molhado e triste, o casaco roto, os sapatos a rastejar de olvido e renúncia. [...] Voltarás às fotografias que me mostraste, o lindo outono de New England. Nessa alegria triste, creio que os impressionistas – sobretudo Matisse – criaram uma casa de*

nostalgias, dois poemas, e alguém tocava piano ao fundo da sala. Na transição das estações, cubro-me sempre desses naufrágios.

\* \* \*

Chove no fim do vento, num tumulto já de inverno. Na claraboia açoriana ouvia este som antigo, sobre a cabeça, enquanto escrevia numa secretária cuja presença naquela casa tinha o cheiro de muitas gerações. Escrevia e rasgava. No cesto, deixava ainda a resfolegar o resto do que sentia, naufrágios vocabulares, perdidas ressonâncias de quem muito tem para aprender neste laborioso afã das palavras. Naquela falsa, amando-a sentia os braços de minha mãe em redor do meu corpo, memória de muitos anos antes, ardido em febre. Ela vinha com mais um cobertor, chã, a voz do ómega e alfa que me era tão essencial. Quando os meus irmãos chegavam, vindos de casa de meus tios na rua de Lisboa, traziam ramos do quintal, folhas, a frescura da água do poço e uma palavra amiga de tia Veneranda presa nas mãos. Anos depois, escrevendo, enquanto pingos de chuva caíam numa pequena malga de plástico sobre a secretária, sentia como o Tempo nunca nos deixa indiferentes a memória. Hoje, recordando, senti que devia partilhar com um amigo esta saudade.

\* \* \*

Este vento, que vem de um céu já escuro, maltrata-me as árvores, suja-me o quintal, não nos deixa dormir. Na ilha, levava-me aos cafés. Regressava com o jornal ao abrigo da casa, e acrescentava dois cobertores à minha cama.

*Lendo, o ruído da casa em baixo, o cheiro das páginas frescas, às vezes parecia-me o melhor lugar do mundo. Não sentia este lago triste que é a ausência do meu pai. Apesar disso, as velas de uma certa realidade onírica ainda me iluminavam por dentro.*

\* \* \*

*O inverno é uma casa fechada e vazia. Acendo a luz e apagam-se as sombras do silêncio. Entro devagar, cauteloso, expectante. As cortinas estão corridas. Oiço passos no teto. São de uma vida que habita sobre mim os seus dias, e que tem o nome de uma flor: Rosa. Mas a flor envelheceu como a chuva do sul, a pele secou, o corpo é agora do tamanho de um sorriso triste. Dorme sobre o meu teto. Todas as noites os seus sonhos descem como nuvens escuras, e flutuam ao meu redor numa misteriosa rotina que não consigo decifrar. Nesta casa só cabe o Tempo, coisa tão grande! O Tempo, sim, que me fala através da memória de outros mundos, daquilo que fui, tão ao sul do mar, nas fotografias que guardo nas paredes. Rosa, a vizinha, é uma ave no céu da minha casa. O seu inverno é tão antigo, tão vasto, tão misterioso como o inverno.*

\* \* \*

*Leio a poesia de Wang Wei, o grande poeta chinês. Gostava de falar dos poemas de Czeslaw Milosz, de os tirar do vento e trazê-los aqui, a estas palavras, a este branco do ecrã. Mas Wang Wei chama-me, acena-me de entre velhas árvores, semiencoberto por uma luz de cristal que baila entre as folhas. E rendo-me. A sua poesia, pictórica, é*

*um reflexo de uma sensibilidade que viu as coisas por dentro, de um modo conciso, preciso. Assim foi também a sua pintura, outro grande talento seu. E, no entanto, foram as palavras, e não as imagens na tela, que lhe deram notoriedade. Talvez porque, no fundo, Wang Wei «pintava» com metáforas, e de um modo tão eficaz que a sua poesia era também pintura. Lendo Wang Wei numa calma noite de janeiro faz-me de repente refletir no meu percurso literário, desde 1976.*

\* \* \*

*Encontrava-me na Rodésia, em Salisbury, no exílio de um hotel cuja clientela era composta na sua maioria de refugiados vindos de Angola e Moçambique. Eram almas tristes, perdidas, com um sol obscurecido sobre os ombros. Estavam ali com o mesmo desequilíbrio com que uma ave poisa num ramo frágil, e que de repente se parte. Eu era um jovem de 20 anos, triste como eles, sem grandes perspectivas e com 45 dólares rodesianos no bolso. Enfrentava a incerteza do futuro assim, sozinho, com a mala arrumada ao pé da cama. Adormecia com o cansaço da saudade e acordava com a sensação de ter tido, nas longas noites da minha inquietação, intraduzíveis sonhos de pó. Os meus pais e o meu irmão Carlos, o mais novo, estavam nos Açores. Guilherme, o mais velho, algures em Angola.*

*Numa tarde aziaga das minhas incertezas, regresssei ao quarto para esquecer-me do mundo. Sentei-me na cama e pus-me a observar o vazio que me cercava com a letargia de um presidiário. Então peguei em papel e numa caneta para escrever à minha mãe. Os meus dedos eram arados,*

*expetantes instrumentos da minha solidão e que, naqueles dias de chumbo, parecia eterna. Um pássaro deve ter voado entre o céu da minha angústia e o coração da minha ausência. Foi uma passagem célere, vertiginosa. Tocou-me profundamente e para sempre. Os dedos correram a terra do papel com palavras cuja ressonância vinha de muito longe, de um território sensorial estranho. Aquilo que viria a escrever não foi uma carta, mas o meu primeiro poema. Nesse momento compreendi que a minha voz era também a da minha ancestralidade, a da minha tribo. Era mais do que uma viagem pelo branco mar do papel. Era sentir as coisas por dentro, «vê-las» assim, vestidas com as cores da terra e do mar, da lágrima e do sorriso. Mais tarde, publicado no Diário dos Açores, de Ponta Delgada, esse pobre poema, com cheiro a maçã e degredo, viria a ser um marco na minha vida. Um caminho de chuvas na imensa pradaria do Tempo.*

\* \* \*

*Há dias em que não oiço falar português. Sinto que algo me falta – um gesto, uma palavra que diga mar, setembro, azul. Acordo, trato da minha vida, vou à rua e volto a casa com os sapatos molhados ou cheios de neve. Às vezes com o coração vazio.*

*Quando a saudade aperta, vou à Internet ler o JL ou o jornal Público, ver a RTP. Preciso, nesta casa, do som da minha língua. Ficar cativo dela – entregue a esse fascínio, a esse amor.*

\* \* \*

*Tenho livros, claro, presenças de papel que iluminam o meu espírito. Mas são vozes caladas, pregos na memória das coisas, barcos em movimento num mar de palavras. Quero uma voz, um pedacinho de sol a cantar em português neste espaço onde vou dobrando as páginas do calendário, mês após mês, entregue à imparável substância do Tempo.*

*Uma língua é mais do que um veículo de comunicação entre pessoas. Traz consigo mecanismos sociais, sensibilidades, idiosincrasias, modos de olhar o mundo. Traduz aquilo que somos, que temos de bom e de mau como elementos de uma sociedade. Reúne toda a nossa história, por muito insignificante que seja. Ela é o espelho da nossa idade. O país da nossa voz.*

\* \* \*

*Escrever um romance sobre Angola não é tarefa fácil para mim. Tenho consciência de estar a exorcizar fantasmas antigos e a cobrir as feridas com areia fina. A menor brisa, a mais fraca, pode, num instante, deixar tudo a descoberto. Angola é o meu passado, longínquo agora, passados tantos anos sobre os eventos mais dolorosos que me fizeram decidir, num soturno, cinzento e frio dia de setembro de 1975 abandonar o país. Abandonar não é o termo. Sair, diria, será o mais apropriado. Não tenho nada que ver com a Angola do presente. Não a conheço. Pior do que tudo isso, é que não desejo conhecê-la. Demasiadas são as contradições, as frustrações, os desequilíbrios. Talvez*

porque já não sou a pessoa que era. Os meus interesses são diferentes, as minhas experiências de vida, a minha «filosofia». Há coisas que hoje se tornaram insuportáveis. Sou totalmente avesso, por exemplo, a burocracias fúteis e irritantes e que existem apenas como forma de expressão totalitária, e cujos mecanismos privilegiam o aborrecimento alheio numa intransigência cuja legalidade apenas serve o despudor de mentes viradas para o abstracionismo que não serve propósito algum, mas o de exercer o poder acéfalo, a qualquer custo. Custa-me a pobreza extrema a conviver lado a lado com a abundância sem medida, a opulência suportada pelo descaminho da legalidade, a manigância, o desequilíbrio social. Muita gente morreu por Angola, pela sua independência. A desvirtuação desses princípios satura-me. A ganância sem medida tomou pulso, fincou fundações de ferro num chão de cinzas, totalmente minado em consequência de uma guerra que se prolongou por mais de trinta anos. A política envenenou as sociedades, manipulou mentalidades, corrompeu, orquestrou riquezas incalculáveis. Deu voz e proporcionou poderes a ditadores criminosos como Mugabe, e outros, espalhados pelo mundo. Angola é apenas um caso. A diferença é que nasci naquele país. Francamente desejo que prospere, seja um lugar de promessa e futuro. Mas...

Amo Angola com um amor triste e dececionado. Gostaria, no entanto, de lá poder voltar um dia, de cobrir os olhos com a sua luz, inebriado com os cheiros, as cores, de uma parte de mim que, no fundo, não deixou de acreditar numa esperança para além dos homens, essa espécie a que pertença, mas da qual às vezes me sinto tão incompatível, numa desilusão mais profunda do que a frieza e o abandono.

*Eugénio de Andrade viveu dentro das palavras. Ou delas. Talvez as duas coisas. Eu vivia em Ponta Delgada quando li os seus primeiros poemas. Foi um encontro sublime, de puro êxtase. Nunca pensei que a minha língua pudesse cantar tão alto, ser tão cristalina, tão pura. De repente aquela voz, que vinha dos campos de Portugal, quantas vezes da infância, cheia de água, sol, frutos, do branco da cal e do mais puro azul do mar, começou a brilhar nas minhas mãos como uma madrugada do sul. Foi aí que compreendi que as palavras são também música.*

*Não conheci o poeta pessoalmente. Ele vivia no Porto, na Ribeira, numa bela casa virada para o rio, rente ao rumor de palmeiras altas. Foi um gesto nobre o da Câmara do Porto, proporcionar-lhe aquele espaço, em cujo edifício funcionava também a Fundação Eugénio de Andrade. Com o falecimento do poeta, aquele espaço, além de ter perdido o seu fulgor, tornou-se num vazio. Guerras, quezílias, coisas das banalidades humanas, deixaram-na naquele estado. Se olharmos cá de baixo, ou de alguma distância, e observarmos as janelas, tocadas pelas chuvas dos dias e pela indiferença dos tempos que correm, conseguimos descobrir nos vidros um rito de silhuetas sem vida.*

*Hoje, nesta idade em que o meu corpo se tornou, prefiro conhecer os poetas, ou os autores em geral, no papel. A arte que deixam. O lado pessoal, esse, pode ficar para os jornais, para a televisão. O fascínio que sinto pela poesia de Eugénio de Andrade está na obra que nos deixou. Tinha um feitio difícil, oiço dizer. É bem possível que sim. Quando se ama as palavras assim, tão brancas, tão aéreas, como se desce à terra?*

*Aparecem todos os dias, os esquilos. Um é preto, o outro castanho. Ambos têm olhos reluzentes, pequenos diamantes escuros com os quais olham para mim com a desconfiança natural de quem é pequeno e vulnerável. Dão passinhos rápidos, movem-se como se impulsionados por uma corrente elétrica. Observo-os, curioso, da minha mesa do pequeno-almoço. Não vêm juntos. O preto, por exemplo, há poucos dias veio aqui esconder dois amendoins. Um no vaso e o outro na relva. O esquilo castanho, pelo que me apercebi, vem cá roubá-los. Acho piada a estes pequenos seres. Animam os dias. Vêm do parque ao lado, das árvores altas. Saltam de ramo em ramo como verdadeiros acrobatas, em voos prodigiosos, numa corrida. Um vizinho dá-lhes amendoins. Algum coração nobre, compadecido. Não haverá muito para comer por este lado. O inverno é longo, não tem compaixão por ninguém. E estas pequenas luzes de sombra, que correm por aqui diariamente, deixam pedacinhos de ternura no ar, a frescura da floresta, o cheiro do silêncio.*<sup>3</sup>

*Lá ando aqui com as palavras. Já não conheço outro espelho. O dia correu célere na rotina do costume – algum frio, ténue céu azul, sem pássaros nas árvores. Tão longe ainda o verão! Os vizinhos andam sempre na corrida dos carros para as casas, dos dias para as noites, gestos*

---

3. Curiosa coincidência. Eduardo Bettencourt Pinto desconhece que Eugénio de Andrade tinha um fascínio por esquilos, como pude presenciar quando o tive aqui em Providence para o lançamento de *The Shadow's Weight*, tradução inglesa de *O Peso da Sombra* por Alexis Levitin.

*de cumprimento, uma ou outra voz de vez em quando.  
Falta-me o sol tropical, a cor dos frutos, a idade que já tive.  
Tenho esta noite música brasileira no rádio, quero dizer,  
um samba sem caipirinha.*

\* \* \*

*Caminhar no escuro, as ruas quase desertas, algumas  
almas solitárias pelo caminho sob grossos casacos.  
Nenhum olhar a cruzar-se com o meu, nenhum gesto.  
Cruzo-me com solitárias e nuas árvores, adormecidas  
num estado meditativo, fechadas num círculo de escuri-  
dão. Atravesso mais uma rua e prossigo no mesmo passo.  
Tenho pressa em chegar ao lar onde vive a minha mãe.*

*Encontro-a debruçada sobre o jornal Portuguese  
Times, que lê sempre com muito interesse. Tem-no esten-  
dido na cama. Saúdo-a da porta e ela vira a cadeira de  
rodas. A luz do candeeiro da mesinha de cabeceira traça o  
seu perfil contra o silêncio noturno.*

*Um quarto pequeno, a janela para o jardim. Sobrou  
tão pouco da sua imensa vida: roupa no guarda-fato e na  
cômoda, uma televisão, algumas fotografias. A amnésia  
deixa-lhe muito pouco do dia a dia, pequenos naufrágios  
que lhe circulam o olhar, lembranças que mais parecem  
neblinas. Lembra-se do passado com nitidez, de pormeno-  
res que vão muito longe, anos e anos, longínquos porque  
são noventa e quatro anos de vida. Conta histórias dos  
Açores, mormente as de Ponta Delgada onde viveu grande  
parte da sua vida adulta antes de ir para África. Viveu em  
três continentes, quase sempre longe da família, a não ser  
no período após a descolonização, altura em que regressou*

a Ponta Delgada onde permaneceu alguns anos antes de vir para o Canadá.

Trago-lhe um documento para assinar. Fã-lo com renitência. Teve sempre uma caligrafia exímia, tão perfeita como a de uma máquina de escrever. Letras certinhas, todas do mesmo tamanho. Só o Álamo Oliveira, com a sua excelente caligrafia, faz-lhe competição. «Não sei o que tem este dedo, deixa-me isto tudo torto», reclama sempre enquanto a sua mão vai correndo o papel devagarinho até chegar ao último nome. «Vê lá se está bem. Já não sirvo para nada. Nem sequer para assinar o meu nome.» Claro que está bem. Sempre esteve. Guardo o documento na pasta e tiro o tablet. Vamos ver o Mr. Bean, o comediante que ela mais aprecia. O riso apaga em nós, mesmo que apenas por momentos, os mais profundos sulcos da solidão.

\* \* \*

Pablo Neruda era um colecionador nato. Não me recordo onde li que algumas mobílias da sua casa em Isla Negra foram feitas com madeira que ele foi encontrando na praia. Hoje há viagens organizadas de Santiago à sua casa-museu. Conchas, objetos obscuros de saudade e afeto, luzidias fragrâncias de momentos íntimos, guardou o poeta chileno, apertando contra o peito as cintilações mais sentimentais que foi encontrando por esse mundo fora. Gosto também desses objetos, mas não os trago para casa. A minha é pequena, frugal. Cabem aqui dois ou três versos, eu e a minha sombra. A casa de Neruda, alta, imponente, abrigava a luz, o vento, a chuva e os dias longos do mar. A vista das minhas janelas da frente é pobre: o parque de estacionamento, as plantas dos canteiros e o céu, quase

*sempre plano, cinzento. Não usufruo pois do magnífico som do mar, nem o vejo. Oiço, sim, o rumorejar das altas árvores das traseiras, o crocitar dos corvos pela madrugada. Certas noites chega-me o lamento profundo dos coites. O rumor do vento. O cair desenfreado da chuva.*

*Coleciono memórias, não objetos. No entanto, fascinam-me as pedras, as suas formas limpas, as superfícies lisas e brilhantes como as mãos abertas de uma criança. São a metáfora abstrata do silêncio, a indiferença perante a eternidade. Pego nelas consciente de que elas representam, de uma forma singular, a espessura e a invisibilidade do Tempo. Iguais a si mesmas, envelhecem não envelhecendo, paradas numa instância de inabitável temporalidade. Mantêm-se assim pelos séculos. Inalteráveis. O mesmo não acontece connosco, seres humanos, ou com o mundo vegetal e animal. Estamos sujeitos a um imparável ciclo de renovação constante, de princípio e fim. Vivemos para nos sucedermos uns aos outros. Sobrevivemos naqueles que levam o nosso nome depois de nós.*

*Uma pedra na mão, redonda e brilhante, é uma forma de imortalidade. Seria bom, claro, se não fosse apenas uma metáfora.*

\* \* \*

*O que é a saudade?*

*O rio Fraser parece um espelho refletindo uma imagem cansada. Cinzento, agreste, esquecido sob nuvens sem vida. Caminho devagar, cuidando que este curto passeio me dê algum alento, me renove energias e alguma*

elasticidade nas pernas, ultimamente tão sedentárias. Trago comigo a máquina fotográfica. Balouça, solta, no meu peito. Dá-me uma estranha sensação de companhia. Quem passar por mim verá o «caçador de imagens» e não o homem com os seus pensamentos. A terra húmida, alguma neve aqui e ali. Levo as mãos nos bolsos, resguardando-as do frio, agora que a tarde vai caindo e a luz se transformando numa ausência. Caminho, penso e sinto. Atravesso a memória de braços abertos, estou noutra continente, há uma esplanada. Sentado, bebo um café. Estou na ilha da minha mãe, no colo da minha infância. Há um mundo inteiro à minha frente, vozes de amigos que ecoam, risos, uma gaivota a riscar os céus com a brancura e a energia do verão. Observo a vida com os olhos da juventude, a veracidade da alegria, o entusiasmo da eternidade. Sim, caminho pelo rio Fraser. Não é o Chilo da minha infância no sul, nem oiço a minha mãe a cantar junto à porta da casa de pau a pique. É o Fraser, rio adormecido, parado, inexpressivo, silencioso. Como dialogar como uma ausência que está perante nós, sem voz, sem a memória que nos leva de arrastão para a saudade?

\* \* \*

Naquib Mahfouz, o prolífico escritor egípcio, e que recebeu o Prémio Nobel em 1988, lia todos os dias os jornais em busca de histórias. Era parte do seu trabalho de escritor, ofício que levou tão a sério que só decidiu casar-se aos 43 anos de idade, com receio de que iria prejudicar a sua vida literária. Teve duas filhas desse casamento. A verdade, porém, é que a sua vida familiar não obstou a sua carreira. Continuou a escrever e a publicar com a energia e

*a regularidade de sempre. As ruas de Cairo, a vida política, as intrigas e todo o circo existencial do seu tempo foram aparecendo nos seus romances, contos, guiões para o cinema, teatro. A vida é um grande espetáculo e NM retratou-o bem. Há escritores sentados, quero dizer, virados para dentro de si mesmos, buscando nos túneis da imaginação os temas e os enredos para os seus romances. Não há nada de mal nisso. O poder da imaginação é prodigioso. Cada um usa as ferramentas que tem e com as quais mais se identifica. O que importa é o resultado final, a qualidade do trabalho. A sociedade em que o escritor se insere determina, melhor dizendo, influencia a sua temática, a sensibilidade, a identificação com o meio. Mesmo levado pelas forças da sua criatividade para outros meios geográficos (por exemplo, o poeta madeirense José Agostinho Baptista escreveu poesia lírica sobre o México e nunca lá esteve, pelo que se consta) vem sempre acompanhado pelas influências da sua cultura, sob os seus vários domínios, desde a semiótica aos mecanismos da sociologia de grupo, identificação com ele, peculiaridade na observação dos outros, na expressão da sensibilidade, etc. Quando eu vivia em Luanda, passei grande parte da minha vida a observar o mundo que lá acontecia. Vivia rodeado de um manancial de histórias, coisas do dia a dia, fabulosas algumas, horrendas outras, alegres, tristes. Angola, tanto para um escritor como para um poeta ou um artista de qualquer género, fornece, no seu palco diário, uma miríade de oportunidades criativas incríveis como resultado daquilo que se pode observar na rua, ou nos relatos que gostosamente se ouvem da boca do povo. Isto para dizer que aqui, onde vivo, passo os dias a observar o silêncio a resvalar das paredes como uma luz órfã de vida. Tenho*

saudades do movimento, das cores, dos cheiros tropicais daquele tempo, essa festa que tanto influenciou a minha maneira de estar no mundo, onde quer que seja.

\* \* \*

John, meu amigo escocês e ex-colega de serviço, telefonou-me há semanas. Há mais de um ano que não conversávamos. Talvez há mais tempo. Quase não dou pela passagem dos dias, tão distraído que ando com as sinuosidades da vida. Fiquei de lhe telefonar. Entretanto o meu estado de saúde piorou, bem como a minha disposição. Espero que a primavera, com a sua doçura habitual, me traga um céu de brancuras azuis e uma gaivota no bico.

Quase não reconheci a sua voz. John tem a têmpera de um corredor de fundo, embora as pernas curtas, e a barrigona, que parece carregar sem grande esforço, não transmitam essa imagem dele. Anda muito depressa como se estivesse sempre atrasado. Entra por tudo o que é sítio com a determinação de uma súbita ventania, o peito de galo de combate a insinuar-se como uma ameaça. Mas é tudo fogo de vista. Ele é um pacifista, embora ferva em pouca água. Gosta de andar pelos centros comerciais à cata de saldos e delira quando chega a casa carregado de compras. Um mundo pequeno, o seu. Às vezes tocado por uma inocência quase infantil.

- Eduardo? - insistiu. - Sou o John...

A noite batia na janela com uma fúria escura e

silenciosa. No estêreo, uma voz brasileira trazia para a minha sala a frescura de uma garota do Ipanema. A voz do John, no entanto, parecia o cicio de uma brisa noturna.

– John B?

– Que se passa contigo? Já não reconheces a minha voz?

– Desculpa. Parece-me um pouco diferente. Está tudo bem contigo?

Não estava. O John tinha sofrido uma trombose. Ficava com sequelas na locomoção, no timbre de voz, no espírito. Uma casa vazia.

Não sei quem vou encontrar amanhã no café. Que John. Mais sisudo, grave, instrospetivo? Sensível? Uma lâmpada ténue na escuridão?

\* \* \*

Chuva a bater com violência contra a janela. O vento. O temporal na costa. Veio atrás do carro e acompanhou-nos até aqui.

No escuro, sob uma manta grossa, oiço o vento. O Fábio dorme no outro quarto. Ou está ainda acordado? Trouxe a guitarra elétrica. Daqui a poucos dias terá de ir tocar a Vancouver. Aproveita para ensaiar, a guitarra ligada a um pequeno aparelho e de lá aos auscultadores. Assim não incomoda ninguém.

O vento insiste, tanto que me faz lembrar o vento dos Açores. Rajadas furiosas, derrubando árvores, varrendo as ruas com uma fúria incontrolável.

Na minha cama de solteiro, sentia a velha casa da minha avó Irene estremecer. De um momento para o

outro voariam as telhas, a claraboia, os quadros da parede. Encolhia-me, afogava-me sob os cobertores, regelado. Estava num frigorífico. Nunca tinha enfrentado aquelas temperaturas na minha vida adulta. Viera de África, o corpo moldado à humidade e ao calor de Luanda. Aquele vento, empertigado e incontornável, parecia atravessar as paredes, a roupa. A alma.

Agora o vento da costa correndo o vidro das janelas, assobiando, fazendo com que regresse aos meus dias açorianos, às noites de temporal, encolhido sob o cobertor, a vida tão grande pela frente. Nesta noite de turbulência, não sinto frio. Tenho o conforto de um apartamento no monte, mas falta-me o que já partiu: a juventude, o meu pai, a minha avó Irene e o meu tio José, aquele tempo, o vento dos Açores a brincar comigo num quarto antigo. O cheiro dos meus antepassados pregado à roupa da cama.

\* \* \*

Oiço música. Chove de mansinho, como se a escuridão chorasse devagar e de bruços.

Domingo.

Vim ontem da costa. Ao aproximar-me do ferry, aquela sensação de quem deixa para trás um pedaço de silêncio amarrado ao tronco de uma árvore. A tranquilidade da floresta, a mansidão do mar. O sorriso, a bonomia daquela gente sem pressa. A costa é uma espécie de ilha de S. Jorge, perto e longe do mundo. Tranquila, com outra respiração. Afável.

Em 2010 passei por lá de bicicleta com o Fábio. Percorremos ao todo 246 quilómetros. Subidas intermináveis,

*cansativas. Dormir em tendas um sono sobre chão duro e pedregoso. No fim, já no ferry de Nanaimo para Vancouver, o Fábio de palavras fechadas na boca, o olhar a correr como uma brisa entre as gaivotas na tarde que findou consumida pelo fulgor de um poente em chamas. A nostalgia das coisas que findam e deixam marca positiva. Ele tinha quinze anos. Desde então tornou-se o meu herói.*

\* \* \*

*Encontrei-me (finalmente!) com o John. Cheguei lá antes da hora aprazada. Estranhei não o encontrar. É talvez a pessoa mais pontual que conheço. Olhei de relance para o fundo do café e acabei por me sentar a uma mesa com apenas uma cadeira. Entraram sombras, entraram silhuetas enquanto, agarrado ao telemóvel, fui, lentamente, despachando uma mensagem.*

*Entretanto vagou uma mesa perto da janela e mudei-me. O sol, da cor de uma laranja, batia nos vidros com a doçura de um sorriso alegre. Despi o casaco.*

*Ao cabo de dez minutos decidi ir ao balcão buscar um café. Foi nesse momento que senti uma ligeira cotovelada nas costas. Era o John. Tinha chegado antes de mim. Como é baixo não o vi. Ou então é dos meus olhos.*

*Sentou-se devagar, a chávena de café na mão direita. Tirou o casaco. O sol batia com a insistência de um abraço terno e prolongado.*

*Falámos de doenças, de como nos surpreende o tempo e as suas arbitrariedades. Aos poucos a pessoa vai-se habituando ao ritmo das situações por que vai passando. Acaba por se entregar ao vazio e aos fantasmas que cria, agudizando as dores e a solidão.*

*John está com o bigode todo branco. A voz, que tanto animou os serões de caraoque por tudo quanto é sala, enrouqueceu. Já não anda como um ciclone, nem as suas mãos dançam no ar como duas folhas de mangueira. Aquietou-se como uma pedra no caminho. A sua alegria empoeirou com a jornada. Não é o viajante, mas um elemento da paisagem, agora inóspita, parada, expetante.*

*Foi isso o que mais me doeu: o capitular. O sol de outra enterrado no coração da terra.*

\* \* \*

*Escrevo-te com a noite a amarrar-me os pulsos. Não venho de lugar algum, e se venho, é de um túnel. Chego a tua casa como um sem-abrigo, desorientado com o pó da estrada, a roupa coçada dos ventos e do chão das ruas, três ou quatro palavras, quase todas órfãs, e este balbucio através do qual te peço imensa desculpa pelo meu grande, imenso silêncio.*

*Ao corpo veio o mal do mundo; apertou-se-me o círculo, tornou-se num muro, tão alto como a ausência. E assim me fui apagando de mim, cego entre relâmpagos, cuidando das trevas que se levantaram do chão. Tristeza, solidão, desapontamento. Letargia. Um espaço de cinzas com pontes derrubadas, o abismo na cabeça, uma casa sem vozes e com o rumor da chuva por fora.*

\* \* \*

*Uncle Mike Yates faleceu ontem à noite. Cumpriu 81 anos de idade numa cama de hospital em Vancouver no passado dia 10 deste mês. Encontrava-se hospitalizado*

*desde dezembro. Familiares e amigos juntaram-se na sua bela casa para o jantar comemorativo do seu aniversário. Depois seguimos todos para o hospital. Hongyun, a esposa, levou um bolo de aniversário cujas velas uncle Mike conseguiu, com algum esforço, apagar.*

*Enquanto que o corpo, debilitado, o traía, a mente, enciclopédica, discorria com a vertiginosa velocidade de sempre. Sob os lençóis, inertes, as pernas sem o vigor de levar pelo mundo o seu corpo atlético, uma presença formidável e, por vezes, truculenta para com aqueles que não eram do seu agrado.*

*Chove hoje. É um dia escuro e triste, ainda mais ensombrado com esta notícia devastadora e sem remédio.*

*Ficam os livros, as memórias, as suas gargalhadas de montanheiro. Fica o fervor da sua inteligência, a imensa cultura, a eloquência, o saber sem as peneiras nem as ostentações gratuitas dos mediocres. Fica também o seu feitio difícil, quantas vezes agreste e insano. Mas assim são os génios: rasando o indelével, a magnitude e a loucura. Uma abrangência conflituosa em cujos labirintos se traduz o indizível, a incessante busca, entre luz e sombra, do mistério da nossa existência e do seu significado, questão nada pacífica para quem se atreve a redesenhar as complexidades do espírito, cobrindo-se quantas vezes com as cinzas do conflito que é o exercício da espiritualidade à escala humana, falível e em eterna busca, até se perder, quantas vezes, num inabitável deserto de lucubrações.*

*Sinto-me desolado e empobrecido. Com a idade, acumulam-se as perdas e a vida vai-se desertificando. As paredes vão-se aproximando de nós com o seu intransponível poder, exercendo sobre nós uma pressão asfixiante, como se estivessem prestes a engolir-nos a qualquer momento.*

*Adeus, uncle Mike. Obrigado pela travessia do tempo, sob temporais e ventos amenos, juntos quanto foi possível estar nesta barca em que navegámos sobre as sinuosas águas dos dias.*

\* \* \*

*Escrevo-te do quarto da minha mãe. Dorme, dorme muito os últimos sonos, disse o médico. Não a quero acordar, mesmo sabendo que nos estamos a despedir.*

*O dia foi de sol. Encontrei-a acordada, a janela aberta. Reconheceu-me e algo em si brilhou. Falei-lhe de trivialidades até não ter mais nada para dizer. Falta-me coragem para chorar dentro das suas mãos, de agarrar-me às dobras do lençol e pedir-lhe que não se vá embora. Uma mãe nunca devia morrer. Ela é a ilha mais rumorosa da minha vida. Choro com as lágrimas que escondo, tão certo, cada vez mais certo, que ainda sou o menino que se escondia atrás da sua saia com medo do vento.*

\* \* \*

Quedo-me por aqui nesta breve amostra.

Abstenho-me de comentários. A literatura portuguesa da diáspora não pode, de modo algum, ignorar semelhante

voz. Ela certamente ecoará fundo em qualquer leitor que alguma vez tenha vivido no estrangeiro (viajar como turista não conta). Se poucos terão experimentado de modo tão intenso e constante a distância e a ausência, todos mais ou menos reconhecerão nesta escrita algo que empaticamente hão de sentir também seu.

*Providence, Rhode Island*  
*21 de setembro de 2021*  
*Onésimo Teotónio Almeida*



## **OS DEDOS NA IMAGEM**



## MÚSICA

Entrega aos dedos  
o domínio da arte.

Pega na guitarra  
— cada sílaba  
um acorde.

Escuta a música  
entre os dedos.  
Um bolero é isso.

## **A GUITARRISTA**

Os cabelos caem sobre a guitarra.  
Dançam com os dedos,  
revoada de sinais  
entre a música noturna dos seus caracóis.  
A audiência, sentada na expectativa,  
não sabe acolher nas mãos  
o milagre dessa rosa.

## CÂNTICO SOBRE UMA GOTA DE ÁGUA

A música, instante ardente dos salmos,  
transforma a pedra num templo.  
Ilumina os caminhos noturnos  
das palavras,  
as páginas de lume  
dos velhos pergaminhos do deserto.  
Alma da água, do vento.  
Cintilação de cristais nas vestes das virgens.  
Dançam ainda, vês?,  
entre as últimas ruínas da luz.

## CICLO NOTURNO

Que esconde a noite  
nos impenetráveis labirintos?  
Que palavras respiram,  
abandonadas,  
sob a cabeceira?  
O desejo afunda-se na terra  
da carne.

Ouve-se uma guitarra lânguida  
entre os pinheiros,  
a janela aberta,  
a brisa,  
as cortinas num cântico  
surdo.  
O mundo é mais escuro  
junto ao coração.  
A noite, a funda noite,  
as ruínas dum caminho.

## QUADROS

No sul, as casas correm para o mar.  
Seriam brancas, ao fundo, nos dias limpos  
e altos  
se pudesses apagar da nostalgia  
um vasto outono de regressos.

\* \* \*

A voz que te abrigou das chuvas,  
agora um esplendor de orvalho  
sobre a rosa.

\* \* \*

Dá-me a tua mão, mãe.  
Dói-me tanto o mar sem ti!

\* \* \*

Que restará do trigo que cresceu  
no teu nome  
se o olhar envelheceu  
entre a escuridão do mundo?

\* \* \*

O tempo, árida terra,  
deixa na tua pele  
a idade do pó.

\* \* \*

Se abraçares os pinheiros bravos  
com as palavras mais inocentes,  
encontrarás ainda a criança  
e a sombra das suas mãos.

## AS PALMEIRAS DE EUGÊNIO

Uma palavra pode ser uma gota de água  
na mão duma criança.  
Mas Eugénio, curvado sobre os ramos  
das palavras,  
ouvia os pássaros.  
Estorninhos?  
Talvez pardais.  
Quem sabe?  
Ou, se voltarmos descalços  
pela memória,  
tropeçamos nessas solitárias aves do sul  
que entram nos olhos de repente  
e nos cegam  
com a claridade da manhã.  
Talvez o poeta ouvisse a voz da mãe  
quando cantava,  
e o canto se confundisse com a cal das paredes  
por ser tão branco.  
Mas lá fora, atravessando o sol e o vidro  
da janela, perfiladas no seu orgulho  
altivo e firme,  
as palmeiras.  
O rio deslizava  
com um brilho musical.  
As barcas, as gaivotas.  
Com a brisa veio o cheiro  
de setembro.  
Uma luz fatigada abrigou-se  
no parapeito.  
De joelhos, como numa prece,

foi-se aproximando dos versos,  
rastejando nas palavras  
com o rumor das palmeiras.  
Ao chegar à mão,  
deixou cair as sementes.

## **ALLEGRO MAESTOSO**

Ceguei à Galiza  
com um nome na memória.  
Era uma pedra, o nome,  
um cristal de água.  
Quero dizer:  
orvalhava nas últimas sílabas.  
Soube então que a sua voz,  
que cantava como o mar  
em certos dias de setembro,  
partira com o verão.  
Consigno levava  
as suas éguas  
mais brancas.

## MITOLOGIA DO SUL

Só a poesia abraça as palavras,  
deixa na sua pele a fluidez  
dos rios,  
enquanto a brisa derrama  
o seu vinho de cristais  
no sonho dos últimos  
bardos.

## VINHO

Água do ar, vento e sol.  
Água do verão nas mãos  
da claridade;

rumor da terra no sabor da essência,  
tão húmida vertigem  
dos sentidos.

Traz, copo a copo,  
o inebriante lume da água.

## RITOS

Um anjo de pedra observa o mundo  
com olhos mortos.  
A multidão comove-se.  
Balbucia preces, joelhos no chão,  
velas em riste.  
Cada fenda no rosto a linha duma utopia.  
Na mão o cheiro do lume, a cor dos ritos.  
Os devotos chegaram à fé de pedra em pedra.  
Construíram templos e varandas sobre o mar.  
Escreveram na água, no vento e na melancolia  
o tumulto da alma.  
Vieram, de geração em geração,  
por ruas ancestrais  
até às colunas dos mitos.  
Agora o menino segue pela mão  
os dogmas desse povo.  
Leva nas palavras o êxodo,  
o pergaminho dos séculos,  
o pecado, a redenção.  
Quando aprender que as pedras  
são coisas da terra,  
caminhos, paredes,  
verá então que não há morte  
ou vida no anjo do altar.  
O sofrimento desse rosto,  
inclinado sobre o vazio,  
veio das mãos dum homem.  
Não há mentira na arte.  
Só feridas de silêncio  
alimentando  
a respiração dos equívocos.

## A PALAVRA

Deixo cair uma palavra  
no regaço de abril:  
é uma semente.  
Podia ser a primavera.  
Mas vem devagar, soturna,  
a tropeçar na chuva.  
Há uma visão de sombras  
no centro do verde onde cai.  
A palavra arrasta-se pelo chão  
como um país apedrejado.  
Não é um poema nem um grito,  
mas o silêncio de um homem  
frente à janela.  
Perco a palavra como uma gaivota  
as asas sobre o mar.  
Afunda-se na escuridão.  
Os meus dedos ajudam-na a cantar  
entre as colunas  
de mais uma noite sem templos.

## **OLHAR ENTRE RUÍNAS**

Triste de tão bela a pedra  
que olhas,  
o mar em frente.

Restolham no pó  
os últimos sonhos do verão.

Um pingo de luz apaga no silêncio  
as breves pegadas  
do teu regresso.  
Tudo tão árido e vazio  
como uma mão sem amor.

Vens à ilha beber o sol.  
Num vaso de barro, à entrada da nostalgia,  
iluminam-se as ruínas  
do entardecer.

Abraça a tua silhueta na brisa  
de cal.

A casa, a grande casa da memória  
ruiu como um pensamento em chamas.

O sol, o menino  
que brincava contigo,  
os bolsos cheios de cigarras,  
agora um homem de joelhos dobrados  
junto às ravinas,

a boca rente à terra seca,  
cabelos revoltos e brancos.

Um mistério de fulgurações rompe  
os frágeis tecidos das suas vestes.

Que harpa lenta do velho sul  
gravita na brisa?  
Foram-se os músicos e os bardos.  
Dançam nos varais da melancolia  
as suas roupas noturnas, espetros líricos  
de uma tribo sem vocação para a morte.

Abres a porta.  
Um cheiro a essências mortas  
atravessa o ar num golpe de espada.  
Quantas vezes perdidas aqui,  
em cinzas pelo chão?

O mundo é um livro de assombros.  
Não olhes os espelhos.  
Há um sol de nuvens escuras  
oculto nos teus olhos,  
tão cegos como a terra.

## A VIZINHA

Pés furiosos sacodem o teto.  
De chumbo ou pedra, importunos e dominantes,  
calcam a noite.  
O silêncio estremece como um copo  
prestes a estilhaçar-se no chão.  
Nem Beethoven, que vem da sala  
com iluminadas sonatas  
consegue eliminar a disforia.  
Numa revoada alucinada  
evade-se das palavras um bando de colibris.  
Não há poema que resista ao furor  
incendiário do ruído.  
Sob a caneta escorre um veio  
de assombro.  
O que era fluido – o rio, música de fosforescentes  
substâncias,  
mistura-se, exangue,  
no desarrumo frenético das sombras.  
Nestas colmeias humanas  
onde arrumamos a vida  
um teto é um assalto  
de maus hábitos,  
uma desenfreada rua.  
Por direito de outrem  
invade-nos a intimidade  
um ladrão sonoro de pistola em riste.  
Não há por onde fugir.  
Em cada passo que deflagra por cima  
da cabeça  
um pontapé

na luz do candeeiro.  
Uma cobra rasteja  
no escuro da impaciência.  
Uma a uma morrem as palavras  
sob o pulso.  
De chumbo ou pedra,  
os passos da vizinha destroem a lua  
no canto da janela.  
Avançam, destruidores,  
sobre os lençóis  
a caminho  
dos meus sonhos.

## O PAÍS INVISÍVEL

Há uma pistola apontada  
à tua infância.  
A turba, colérica,  
cerca-te na praça pública.  
Despem-te a dignidade  
até à alma.  
Apedrejam a sombra  
que trouxeste do sul.  
Encostado ao muro da História,  
aguardas a execução.  
Largam fogo ao teu nome  
e dançam, eufóricos,  
sobre as cinzas.  
Sanguinários e gargalhando,  
mordem-te os calcanhares.  
Levarás pelo mundo uma lua de apocalipse  
na marca dessas feridas  
— a cicatriz de teres nascido  
na terra dos outros.  
O teu país  
será o odor das goiabas  
no vasto horizonte do tempo,  
uma canga de culpa  
na metamorfose  
dos tempos.

## O RELÓGIO

Estava entre papéis e sombras,  
esmagado pelo esquecimento.  
O cheiro da pulseira  
guardava o pó dos teus movimentos,  
o bater duma porta dentro da noite.  
Os ponteiros, amarrados  
à surda voz do tempo,  
cantavam como uma pedra.  
O velho relógio,  
comprado nos últimos dias de África,  
cegou no branco oceano  
das horas.

Parou, quem sabe,  
entre o rumor duma maçã  
e o orvalho  
da claridade.  
Ou rente ao crepúsculo  
sobre as palmeiras,  
os flamingos ao fundo  
em pleno voo.

São sete horas  
num relógio que dorme  
como um velho num banco,  
o mundo apagado  
rente aos pés.

Disseste um dia  
que um relógio não marca

as horas do tempo,  
mas duma vida.

Eu sei, pai.

Nesta casa vazia  
até um alfinete, caindo  
no chão,  
reproduz o som do universo.

São sete horas  
como numa catedral rodeada de pombas,  
mas vazia por dentro.

Às sete horas de hoje  
amanheceram rostos sem voz.  
A luz tombou  
entre a timidez dos ciprestes,  
exausta e fria de tanto,  
tanto  
silêncio.

## O SILÊNCIO

Cerca-te como a sombra  
de coisas  
sem forma,

livro fechado  
entre o vago pó  
do tempo.

Carrega nos braços  
a voz da água  
e um breve fio  
de lume.

Desfolha-se.  
Não é outono,  
mas traz nos pulsos  
a música dos frutos.

E dói  
como uma ferida aberta  
nos olhos  
da melancolia.

## OS ÚLTIMOS DIAS

A cama é uma nuvem parada  
num quarto triste.

Não passam gaivotas.

O azul não é o do céu,  
mas da colcha de algodão  
onde repousa o meu olhar  
quase órfão.

As cortinas abrem-se  
para o húmido jardim  
de fevereiro.

As mãos de minha mãe,  
cansadas como flores murchas,  
desenham no silêncio  
um gesto de adeus.

Retenho-as nas minhas.  
Suaves e frágeis águas  
do tempo,  
lavaram o pó do sul  
no meu corpo,  
a tinta árdua dos porões dos navios  
na juventude do meu cabelo.  
Trouxeram o pão  
com doce de goiaba,  
o rumor do mar.

Descansam agora  
como a terra seca dum jardim  
aflito.

Escurece sobre a cama  
entre as ruínas  
da sua respiração.

Curvo-me ante a sua grandeza.

O mundo é uma bola de sabão  
nos meus olhos.  
Sobe e desce  
entre as minha lágrimas  
enquanto a janela se vai fechando  
ao oceano duma vida.

## ARTE NOTURNA

Acaricia as curvas  
da noite  
entre a luz do candeeiro.

Colhe no escuro  
as romãs das palavras.

Não feches os olhos:  
um grito nada  
na água do silêncio  
como um peixe.

Escreve o mundo:  
há nomes que caem  
na terra  
como sementes.

Crescem tanto!  
São florestas, eucaliptos  
brancos.  
Abrigam a irreverente nostalgia  
das aves.

São o verde duma sombra,  
o rosto e a luz  
das mãos.

Caminham contigo  
como cães de neveiro,  
a noite funda.

Ouves os passos sobre a claridade  
adormecida,  
tão vaga nos teus olhos.

Descobre na escuridão a pedra  
onde abrigas as lágrimas.

A arte é um sinal de chuva  
nesse abrigo outonal.

## **A MINHA SOMBRA**

Cansa-te dobrar os joelhos,  
chegar aos sapatos, apertar os laços.  
Preferes estar descalça entre os meus passos  
como um cão que se esconde  
do inverno.

Foste ágil,  
tão perto da música,  
o movimento fluido da água  
como a voz que regressa do rio.  
Podia tocar-te a pele no chão,  
o cabelo loiro e longo,  
o pó vermelho nas sandálias.

Tudo é possível  
quando somos crianças.

Nua sem permissão  
sobre o fulgor das pedras,  
o sol cantava  
ao teu redor.

O tempo passou e deixámos África  
com reverência e desespero.

Atravessámos depois oceanos  
de mãos dadas  
com o destino.

Em dias bons  
colhemos no rumor das abelhas  
o sombrio ardor das camélias.

Descemos agora ao outono das vozes  
que crescem ao nosso redor como florestas adormecidas,  
até chegarmos a um ponto no tempo  
em que num abraço  
nos tornamos  
um.



## O VELHO POETA



## O POETA E A CIDADE

Um homem sentado na esplanada  
parece o fim de setembro.  
Escreve no guardanapo quanto brilha  
uma pedra abandonada  
entre o branco rumor do sul.  
Junta ao poema a imagem duma palmeira,  
dois ou três cães soltos na praia.  
Virá a noite. Regressarão as aves  
com a irremediável solidão da costa,  
a cor azul do céu, os barcos,  
vestígios da brisa e algumas lágrimas  
num sorriso sem pressa.  
Deixará numa ou noutra palavra  
o cheiro das goiabas num gesto de oferta,  
a reverberação e o odor do mar.

Enquanto escreve a cidade passa alheia  
e de óculos escuros.  
Por trás das lentes apaga-se a luz do mundo.

Em qualquer momento pensará nela  
como um rasto de pegadas surdas  
no deserto

ou num sonho  
que se perde na almofada  
como um peixe  
nas águas da tarde.

## NA ESPLANADA

Na esplanada,  
a tarde cai  
sobre as mesas vazias.  
Sente nas mãos as águas dos instantes,  
uma torrente de solidões.  
Cansa-se da brisa que corre da autoestrada  
e mergulha ao seu lado  
com o som metálico  
do tráfego automóvel.  
Abre as mãos às palavras  
da tribo.  
Trazem a leveza das sementes,  
as dispersas raízes da voz.  
Uma criança cresce  
no poema que escreve.  
Quando salta da página  
atravessa a rua a correr  
e perde-se no longo oceano  
da idade.

## CAFÉ

Entra no café com a noite  
escondida nas palavras.  
Deixa o casaco nas costas  
da cadeira.  
Pingam no chão  
restos do outono.  
Um frio de raízes ofegantes  
corre-lhe o corpo.  
Nos vidros, embaciados,  
desenham-se figuras em queda.  
Vem aqui esconder-se  
da melancolia.  
Não conhece estes vultos  
que se debruçam sobre as notícias  
tristes dos jornais.  
Estão separados por fronteiras  
invisíveis, muros de sombra  
onde repousam, fatigados,  
os velhos corvos  
das suas vidas.

## O VELHO POETA

No café, enterrado na velha cidade,  
entra o poeta.  
Todos os dias, sentado no mesmo lugar,  
viaja a cavalo das palavras.

Senta-se vergado sob o peso da sua vida,  
uma enciclopédia  
do tempo,  
um ruído silencioso de sombras.

A luz doirada da tarde  
entra pela janela  
e dança nos seus óculos.

Bebe, devagar, chá de ervas aromáticas  
enquanto a memória se agita  
num calendário de solidão.  
Abre, por fim, a pasta.  
Dispõe os papéis sobre a mesa.  
Pensa por momentos na silhueta dos beduínos  
afogados no imenso mar  
da nostalgia.

Podia escrever sobre os pombos adormecidos  
nas frias catedrais dos mitos  
ou quando se apaixonou por uma rosa  
num imprevisível dia em Alexandria.  
Mas a sua mão, irreverente, corrompe  
o movimento da luz entre duas palavras.  
Escurece de repente

sobre o rumor da sombra.  
Assim começa o poema  
que escreve.

## OFÍCIO DE PROCURA

— Retrato de Borges

É uma figura de penumbra, curvada  
sob o peso da luz. As manhãs são velas acesas  
no canto dos seus olhos.  
Da janela que abre para a memória, observa  
um cavalo de sombras amarrado ao jacarandá.  
Volta, arrastando os pés,  
à antiga secretária de mogno onde gravitam, entre papéis  
velhos,  
palavras desarrumadas. Parece, entre altas estantes de  
livros,  
uma frágil estátua de fumo e pó.

Colecionou versos a vida inteira entre esqueletos  
metafóricos,  
entre sonhos nas longas noites dos seus dias, os óculos  
embaciados pela névoa que lhe cobre os olhos.  
Pela tarde vai ao café amparado ao braço de Maria.  
Bebe chá amargo com disciplina anglo-saxónica,  
lentamente, enquanto desfolha o jornal  
para ouvir o rumor das folhas entre os dedos.  
Regressa a casa sem ter saído de si mesmo.

Chove nos seus passos de bibliotecário,  
pelas ruas da sua melancolia. A voz branca  
de Maria é uma pomba que lhe agita os sentidos.  
Antes de entrar em casa e sacudir o guarda-chuva,  
volta o pescoço e deixa o seu olhar vazio correr  
a rua que não vê.

A sua voz de metal abre a porta  
a um novo labirinto de sombras.  
Segue o cheiro dos cabelos de Maria  
pela casa adentro.  
Todo o seu corpo treme com a visão austera  
de uma lembrança.

Um corpo nu? A magnífica curva  
de um seio?  
O homem que foi perante tudo isto?

Como num poema inacabado,  
afunda-se na casa num declínio solitário  
que se vai apagando no chão  
sob o peso do seu corpo.

## O POEMA

Aparece uma frase solta  
com a repentina leveza dum pássaro.  
Se vem de noite traz o peso grave, soturno,  
do viajante atónito e indescritível,  
as grossas lentes dos óculos embaciadas,  
a extenuada respiração do outono na voz.  
O poeta abre a porta enquanto dois pingos  
de silêncio resvalam dos seus dedos.

**SUL**



## **SALINAS NO RETRATO**

Na parede,  
o retrato leva-te ao rio.

Vês o menino?

Descobre nas mãos a infância do sol.  
A memória chega fatigada ao teu olhar.  
Despe-se como um velho:

deixa na cadeira o casaco da idade,  
arrepia-se com o frio da melancolia  
entre as fendas da janela outonal.  
Quando se inclina aos sapatos  
tem a lentidão duma sombra  
em setembro.

As outras vidas do retrato  
povoam a ausência.

Menos o rio.

## NOSTALGIA

Vieste do sul  
descalço sobre o mar  
para ouvir um piano  
na ilha da tua mãe.

Profunda a noite.  
Os coiotes uivam junto aos áceres  
num lamento de intraduzível  
melancolia.  
Perturbam o sono  
da escuridão.  
Reconhecerás daqui a pouco  
os sinais  
das primeiras chuvas,  
gota a gota,  
no espelho.  
As pedras perderam  
o calor do verão,  
as cigarras emudeceram,  
as cítaras, as harpas.  
A música foi-se apagando  
como uma vela  
em sessenta e sete estações  
em b menor.  
Guardas a ilha e o mar  
sobre a cómoda  
no retrato a preto e branco.

## LABIRINTO

A mãe levava-te pela mão.  
África não era ainda a ferida de pó  
que cobre agora a moldura dos dias.  
Sinais de chuva corriam pelas tuas sandálias.  
O tempo não morria de fadiga  
como um trapo sem préstimo.  
Não sabias que o silêncio também envelhecia  
dentro de nós.  
Cobria-te os ombros uma linha de luz.  
Não era o amargo destino do sul,  
o horizonte de cinzas  
que cobre agora a silhueta  
dos que se foram.  
Tão cedo era ainda o tempo  
na mão da tua mãe,  
o mundo, a ave  
que cantava nos seus olhos.

## POEMA À MÃE/1

Sentado no muro da infância, junto à goiabeira,  
ouvía o rumor do teu vestido entre a brisa da tarde.  
O sol das tuas mãos caía nas folhas.  
Com ele ordenavas o mundo.

Não havia palavras mortas  
na voz com que me chamavas.  
Eu era um pássaro na água  
dos teus olhos;  
às vezes, o nome dos frutos  
que as quitandeiras cantavam  
pela rua fora.

Minha mãe, leva-me de regresso à infância,  
dá-me o milagre de uma flor a cantar  
nas tuas mãos,  
a música de uma pedra  
rente ao silêncio.  
Dá-me a sombra do teu sorriso  
neste muro onde agora me sento,  
a luz do tempo em ruínas,  
sem goiabas, sem sol.  
Tão grande o uivo da noite, tão longe a inocência.

Minha mãe, ó minha mãe!  
Dá-me o oiro todo de um pomar,  
os rios que atravessam os frutos  
na primeira madrugada do verão.

## POEMA À MÃE/2

Vou ter contigo ao mar  
duma sombra.  
Chamas por mim  
dentro dos meus olhos.

Como ver o teu rosto  
no inverno das imagens?

Como tocar-te  
no limite do impossível?

Não sei atravessar a rua  
da tua ausência, mãe.

Vejo-te  
quando me vejo

numa instância de luz  
a tropeçar  
nas lágrimas.

## **SALINAS**

O dia tem muitos anos.  
O sol roeu as horas  
como a ferrugem a velha âncora.  
Regressamos pela estrada  
onde o sul nunca acaba.  
Há um cais de partida  
dentro de nós.  
Não encontraremos  
a casa, o choro da hiena  
rastejando sobre o pó noturno.  
Não veremos as costas  
de quem se afastou para sempre  
do nosso sangue.  
África é uma fenda aberta no coração.  
O que há de nós entre as ruínas?  
Se olharmos pela janela dos sonhos,  
o rio, esse mar que atravessou  
para sempre a infância do sul,  
é o menino que canta com a água  
nestes versos.

## A CASA

A casa abandona-se à vertigem dos ventos.  
Entra pelas janelas a neblina dos montes,  
o cheiro da hortelã,  
a escura cor do olvido.  
Não há lenha e fogo na lareira,  
o calor de vozes e mãos.  
Os nomes dos teus mortos são páginas em branco  
entre o pó dos móveis.  
Perdeu-se o oiro de setembro  
sob uma constelação de sombras,  
nos campos sem arados,  
nos selvagens regatos de Alebag.  
Fecha a porta às quatro paredes da noite,  
à insistente vertigem dos símbolos.  
Quem parte, ó filho pródigo,  
leva aos ombros o último crepúsculo  
da infância.  
Só podes regressar à madrugada  
do teu nome.

## BALADA COM PEDRAS

Venho, sem pressa, pela longa estrada  
da memória.  
Trago aos ombros a sombra de nuvens escuras.  
Sou duma velha cidade do sul.  
Ruíram as casas, os templos, os mercados.  
Secou o trigo, os grandes rios do amanhecer.  
Não há videiras para o nosso vinho,  
nem o som da harpa alimenta as palavras  
mais inocentes.  
Chove nos olhos das mulheres.  
O nosso amanhã é uma tenda no deserto.

O destino pergunta:

- Por que te vais embora?
- Ninguém espera por mim desde o primeiro inverno  
da minha infância.

Fraqueja o couro das minhas sandálias  
neste caminho que me leva ao pó.  
Não há lençóis que recebam o cansaço  
dos meus ossos.  
Vigio as estrelas de outras terras deitado  
nas areias das minhas raízes.  
Pela manhã o olhar seguirá o silvo das águias  
e das nuvens que regressam,  
agora e sempre,  
ao interminável deserto de Alebag.

## BREVE MEMÓRIA DO MEU PAI

Os pensamentos do meu pai envolvem-no  
como vastos desertos enquanto se afasta  
da cubata para sempre.

As caiadas paredes de adobe,  
que desafiaram a ardência solar  
e as chuvas impetuosas,  
desmoronam-se.

O peso da solidão destruiu o teto.  
Vem do rio um restolhar de palmeiras.  
Toca-lhe os ombros com a fluida,  
quente brisa do sul.

As suas mãos têm o cheiro dos cafeeiros,  
dos girassóis, sonhos. Sangue.

Uma imagem de mistério persegue  
a sua alta estatura. Nada resta.

A escuridão torna-se num oceano  
de silêncio.

## AS MÃOS DO MEU PAI

Sentado no jardim,  
poisam nos teus cabelos  
as nuvens de maio.

Não vêes a cor das camélias.  
Entre os teus olhos cresceu  
a mais triste música  
da terra.

As aves do tempo  
voam em círculos  
à tua volta.

Que luz dança pela manhã,  
tão vazia sem os teus passos?

Repara:  
tenho agora as tuas mãos, pai.  
Corro-as pelo vento  
das coisas adormecidas  
nos caminhos sem regresso.

Que lume arde nas sombras  
mais frias do silêncio?  
Quantas palavras morreram  
na água?

Nas minhas mãos, pai,  
há um caminho para o teu nome.

Vê nelas as tuas,  
a infância das primeiras lágrimas.

Já não é maio.  
O outono escondeu a tua voz  
sob um mar de folhas

e olha para mim:  
pede-me a rosa  
da tua memória.

Nas minhas mãos, pai,  
há um domínio de relâmpagos.

O inverno da chuva aproxima-se.  
Deita-se na noturna obsessão  
dos dias.

Vou pelo mundo até à primavera.

Estarás no jardim  
como se não estivesses ausente.  
Como se as camélias fossem as mesmas  
e o teu olhar  
um pássaro matinal.

Nas minhas mãos, pai,  
guardarei as tuas.  
Até o calor do sol desenhar na água  
a forma das sementes.



**SETEMBRO**



## MONÓLOGO COM AS SOMBRAS

Fecha a janela quando setembro amanhece.  
Deixa que essas rosas sejam ainda o verão, os passos na  
tarde,  
o azul mais limpo da tua idade.  
Não há fulgor mais branco do que a ternura dessas pétalas,  
o mundo que fechaste por trás dos vidros.  
Ama para seres livre.

## **SETEMBRO/1**

Setembro senta-se como uma criança  
junto ao mar.

Atravessa o outono dos jacarandás  
com os pés descalços, a camisa aberta,  
a ave do olhar solta pelos campos.

Traz aos ombros o iridescente brilho das marés,  
a altivez de cavalos bravos.  
Esconde na sombra das camélias a branca respiração  
de uma palavra.

## **CORPO DE SETEMBRO**

Setembro senta-se na relva  
como uma criança.  
Descalça as sandálias,  
despe a camisa,  
enterra as mãos na inocência  
da manhã.  
Mas logo cresce.  
O seu corpo cintila  
como o homem  
que ceifa contra o sol  
o trigo mais alto  
dos seus versos.  
Pelo entardecer  
é o olhar duma gaivota  
perdido no céu grande  
do sul.



# ILHA



## **ILHA**

No espelho da água  
a sombra duma gaivota.

Leva para longe  
os sonhos do vento.

Para trás fica  
o cheiro dos araçás em setembro.

Ah!, a distância!  
Que dor tão próxima!

Levas contigo  
o que deixas  
sobre a pele nua do mar.

## A VIÚVA DA ÁGUA

O sol canta como a chuva de julho  
nas folhas de uma palmeira.  
Altas nuvens no céu, cintilantes; breves estátuas  
de bronze em movimento abraçadas ao vento  
do sul.

Sou desta torrente de luz que alcança o esplendor  
junto à costa.  
A tarde cai com as suas ruínas mais antigas.  
As lentas pernas do crepúsculo, entorpecidas e rubras,  
arrastam-se pelo horizonte.

Sento-me junto às gaivotas.  
Tenho um barco sem viagens nos acordes  
da minha guitarra.

Um olhar enevoado constrói o silêncio,  
atira-me a pérola  
de uma lágrima por trás da janela.  
Despe o meu coração.  
Sem palavras, esquecida entre grossas cortinas de sombra,  
a mulher vê em mim o dia que finda.

Não sou o mensageiro do mar – só trago o rumor  
de pulseiras de água.

Como ela, também habito a vazia casa do mundo.

## **EVOCAÇÃO DA ILHA**

Apetece-me o cheiro do pão numa manhã de Ponta Delgada, a voz repentina de um amigo num voo de melro em volta dos meus ombros, a brisa que nasce de um jardim e transforma a memória em setembro.

Passa alguém pelo nome de uma rua e vejo que sou eu ainda de calções pela mão de minha mãe, o Guilherme e o Carlos de boina, escondidos em casacos de lã, os olhos da avó Irene a rirem-se do musgo que trazemos nos sapatos da casa dos tios Veneranda e Guilherme, a Graça, a Marta e o Sérgio no quintal de uma festa enquanto uma borboleta, assustada, poisa no varal da roupa, o som de um piano ao dobrar a esquina e que parece uma mulher a cantar por trás de uma janela húmida.

Começa a chover nesse dia antigo, agora um retrato escondido na sombra das mãos que envelhecem entre as palavras e o primeiro sol de abril.

## CALHETA DE NESQUIM

Um besouro adeja enlouquecido com a intrepidez da luz  
na longa tarde de agosto.  
Perde-se num labirinto de sombras junto à porta.  
Não há chave que a abra: fechou-a o passado.  
O tempo cresceu.  
Cercou-a como um arbusto alto e lânguido,  
rente à parede.  
Ensombra o capacho.  
Não podes entrar.  
Quem saiu pela última vez fechou a porta,  
abriu o guarda-chuva e subiu devagar as escadas  
ao encontro do temporal sem fim da ausência.  
Levou a ilha amarrada aos pulsos.  
Não podes entrar no passado desse homem.  
Mas verás pela janela a máquina de escrever,  
calada a um canto da mesa, o vulto do sol  
a sentar-se na cadeira vazia, os cambados chinelos  
de antigos dias.  
O resto da casa tem o rumor de coisas abstratas,  
escuras, pobres e impenetráveis.  
O solitário cheiro dos eucaliptos  
poderá levar-te ao quintal cheio de nuvens.  
Aí sentava-se a tribo.  
Apagava com passos de dança o fulgor da lua,  
os iluminados versos dos bardos  
onde cintilava uma folha de laranjeira.  
Os cânticos alimentavam o lume  
enquanto o tempo avançava no escuro,  
trôpego de inebriado,  
com uma faca na mão.

## JOSÉ NUNO

Parecia uma gaivota que voava de abraço em abraço. No céu dos braços encontrava o poiso que insistentemente procurava. Era um homem acabado de nascer, um menino com cabelos grisalhos e revoltos sob o insistente vento de Santa Maria.

Nessa altura já vivia no mar. Os seus olhos estavam cheios de distância. O seu brilho o entardecer sobre uma casa em ruínas. Trazia telas, cores de instantes e iluminações sagradas, pequenos gestos rente às sombras de quem é homem deitado sobre a água. Parecia triste como uma árvore numa longa e interminável paisagem. A sua alma, porém, estava nas suas mãos, naqueles movimentos de criação em que ele ia descobrindo o infinito da pedra, o drama do riso e a breve alegria da pele recebendo a branca iluminação matinal.



## O AMANTE NO LENÇOL



## **MADRIGAL**

Te quiero mi amor  
como a mis manos.

Te quiero  
como el calor de la tierra,  
como el poder del agua.

Te quiero  
como el color del cielo  
en verano.

Te quiero.

Cuando te quiero, quiero  
siempre.

## INTIMIDADE

O tempo não existe ainda,  
só a janela aberta,  
o verão entre as cortinas.  
A sede pede outro corpo,  
desarruma a noite,  
deixa nos lençóis  
um veio de sombras.  
O amor cresce assim,  
no sal da pele,  
a língua nos ombros,  
nos lóbulos quentes,  
nas tuas colinas.  
Deflagra um incêndio  
nos dedos,  
nas unhas o insondável  
rumor do lume.  
A luz do candeeiro atira  
o último crepúsculo  
aos teus cabelos.  
A cama, barco  
onde navegamos  
até ao grito  
— que esplendor  
na água!  
Chego à tua boca e partem  
as aves.  
A noite cai  
sobre as pálpebras.  
Na tua respiração adormecem,  
uma a uma,  
todas as palavras.

## DANÇA

Procuro no escuro as elevações e o delírio,  
mas é a tua voz que me leva  
ao fogo.

Atravesso a floresta e o mistério,  
o sol mais bravo da noite.

Os teus cabelos ardem  
sob a eternidade das minhas mãos.

Uma gaivota grita no silêncio das sombras.

O teu corpo ondula numa viagem  
que me leva num barco de água branca,  
como se em cada setembro  
dos teus murmúrios voltasses  
com todas as rosas da madrugada  
e uma gota de chuva  
em cada unha.

Só no fim dos mais violentos relâmpagos  
regresso dos teus olhos  
nu e inocente como uma criança.

## A CAMA

Em junho, setembro  
é ainda uma sombra.  
Os dias são claros.  
As noites cantam com os grilos  
e a escuridão.

Abres a janela.  
Tanta poesia:  
lua de música, tão branca na matéria  
dos sinais acesos na terra;  
a impregnação ardente das flores  
nos vasos, o mar, tão perto,  
deitado no escuro.  
Que cama no coração!

Não te deites ainda.

A solidão, inaudível como a água  
dos charcos, abana as cortinas.  
Vigia os sonhos de olhos abertos.  
Daqui a pouco sentirás o cheiro  
dos eucaliptos.  
Poderás então abrir os lençóis.  
Deitar-te.  
Dormir devagarinho  
como a luz sobre os frutos.

## A LUA

A lua entra pela janela,  
deita-se ao seu lado  
com a nudez duma mulher.  
Acaricia-lhe os pés.  
Rente aos joelhos os seus lábios  
fervem.  
A língua  
deixa-lhe na pele a memória  
de outro corpo.  
Na cintura arde a paixão  
mais íntima.  
Mas o amante, escondido  
em si mesmo,  
desenha no escuro  
a cintilação dum nome.

## AS MÃOS

A longa cabeleira do crepúsculo  
desce-te as costas com o húmido poder  
das chuvas.

Por aí correm as minhas mãos.  
Acompanham, inebriadas, colinas,  
fronteiras, os vales  
do teu corpo.

Voam tordos, cegos de desejo.  
Correm potros brancos, indomáveis,  
peregrinos.  
Solar, a curva  
onde dança a ternura sobre a tua pele.

O amor cresce assim:  
dedo a dedo,  
altas espigas de lume na longa tarde  
das mãos.

Nuas,  
caladas, abrem sulcos como barcos  
na água do teu corpo,  
na viagem por ti.

## O RETRATO MAIS ANTIGO

Danças.  
No rumor da tua saia  
poisa  
um beija-flor.

## PRELÚDIO

Perde-te nas minhas mãos,  
que sou tão breve.  
Passa pelos meus dedos  
como a água pelos tecidos da terra.  
Grita entre as pedras dos rios  
e sob o contacto da minha pele.  
Trago um incêndio de África  
e esta agonia de homem a correr.

# CARAÍBAS



## O REGRESSO DOS MÚSICOS

Descem a rua como pescadores fatigados,  
sob o calor húmido de Havana.  
As ofegantes aves das palmeiras  
evadem-se das suas vozes.  
Calcam a noite e o lixo duma cidade  
cercada pela morte do tempo.  
Pescaram moedas, dólares e euros o dia inteiro  
nos curiosos ouvidos dos turistas.  
São um grupo de seis vozes,  
guitarras contra o peito,  
tão escuros como um céu de chuva em África.  
Saem à rua todas as manhãs  
de imaculadas camisas brancas, calças pretas,  
o bravo sol das caraíbas no cabelo,  
alheios ao cheiro a rosas húmidas que desenham  
entre os seus passos  
um breve jardim de música.  
Caminham como se dançassem com a silhueta  
do mar.  
Regressam a casa  
pelos labirintos da noite  
com a lentidão dos vencidos.  
No centro da mesa  
a garrafa de rum  
adocica a escuridão  
sob a ténue luz duma vela.

## HISTÓRIA DUM GUERRILHEIRO

1/

O ar à sua volta  
é uma floresta de claridade.  
Um romance de chuvas doiradas  
cresce no horizonte.  
Sombra, o cão,  
descansa entre os seus pés.

Há muitos anos atrás  
Candelário abandonou nos charcos  
o brilho da lua  
e subiu à montanha.  
Das suas mãos saiu fogo e raiva,  
o néctar doce das mangas,  
o rumor desvairado dos coleópteros  
entre o áspero fumo do charuto.

Batista, em Havana,  
sentado na sua poltrona de ditador,  
não ouvia a metralhadora de Candelário.  
Sorria tranquilo enquanto observava no jardim  
o breve milagre de uma rosa.  
Na sua mão de gelo cintilava  
um copo de uísque.  
A vida, que diabo,  
não passava duma gargalhada  
contra uma parede de vidro.  
Um jogo, no seu caso,  
cheio de trunfos.

Podia dormir descansado.  
Os seus amigos americanos  
eram tão eficientes, tão leais,  
que cuidavam, segundo a segundo,  
da integridade dos seus sonhos.

Candelário dormia no chão  
sob o bafo quente da floresta.  
Sentia nas costas a humidade da noite.  
Um menino pobre gritava  
nos seus olhos fechados.  
Por entre as árvores gotejava  
a intensa melancolia da escuridão.  
Cada manhã enterrava na terra  
as cinzas das estrelas que morriam  
aos seus pés.  
Passo a passo, tiro a tiro,  
chegou a Santa Clara com Che.

Batista, despenteado e sem gravata,  
flutuava num barco a caminho do exílio.  
Ia rico e sem lágrimas.

2/  
Sentado num degrau de pó  
Candelário mastiga, com os três dentes  
que lhe restam, um pedaço de pão  
com açúcar.  
Um turista europeu tira-lhe fotografias.  
Deixa-lhe três moedas de comiseração  
no boné vermelho de pedinte.  
Um polícia jovem aproxima-se

e ordena-lhe que se retire.  
«Sou parte deste chão, jovem. A minha vida  
nasceu da morte. Tenho direito  
à minha sombra», responde Candelário.  
O cão mexe os ossos do pescoço, as orelhas,  
e ergue os olhos  
para o dono.  
Candelário mastiga em silêncio.  
O mundo traz-lhe ao peito  
um mar que secou.  
O polícia afasta-se.  
A ordem das coisas  
nunca lhe pareceu tão evidente  
como a solidão  
dum velho.

**MENINA DA ÁGUA  
CANTATA EM B MENOR —  
NORDESTE,  
S. MIGUEL, AÇORES**



*We live in deeds, not years; in thoughts, not breaths;  
In feelings, not in figures on a dial.  
We should count time by heart-throbs. He most lives  
Who thinks most – feels the noblest – acts the best.*

**PHILIP JAMES BAILEY**

poeta inglês, 1816-1902



1/

Nas folhas dos jarros ouve-se o silêncio da ilha.  
Sente-se a humidade das mãos dos anjos  
cortando frutos, o sibilar da primavera  
na respiração dos eucaliptos.  
Poroso, o ar liberta odor a sonhos passados, insónias,  
momentos junto ao fogo.  
Por aqui, nesta íngreme enseada de palavras  
alcanço o ardor destas terras.  
Mas num alvoroço os pombos elevam-se  
entre o azul e ravinas crespas, deixam nas rochas  
um véu escuro e itinerante.  
Amo-os, esguios no seu fulgor cego e solitário,  
peregrinos no mistério das partidas, altas sementes  
de melancolia.  
Ouvirei passos de água  
ao meu encontro, guitarras chorosas,  
o ardente e talhado rosto de setembro  
com o doce néctar das maçãs  
— um sino tocará, cansado, no tremor da tarde.  
Venho a esta terra no regresso duma saudade.  
Trago no amor um jacinto fresco para o nome  
duma criança.

Chego às colinas. Entre fundações de luz bebo o descanso e o grito dos mais agrestes choupos do vento. As aves recolhem-se no meu olhar, ondulam em ramos secos e penumbra. Afasto heras de neblina enquanto desço aos moinhos — uma voz nasceu nestas águas. Oiço, distantes, risos que se perderam no crepitar da cal, o milho deulhado sob cânticos, tinir de talheres cortando a fome em pratos de barro.

No orvalho que resvala do silêncio ouve-se o rumor de um vestido de hortênsias roçando os joelhos. «Quando olhava em redor» disse, «sentia nos olhos a sombra de Chopin passear em volta da ribeira, suspenso no monótono cantar de cisnes imaginários. Ou na janela que dava para junho, reparando no que de si mesmo se ausentava».

Sigo pela ramagem despida da nostalgia. Sinto-a perto, cativa dos sons da casa. Nela não havia os decotes voluptuosos das senhoras de salão, seus leques orientais disfarçando gemidos e calores sensuais, a ocasional e fumegante cigarrilha. Mas sei que em suas mãos os poros absorvem os contornos dos móveis esparsos, a imobilidade em suspensão das cortinas de sarja, o cheiro das velas e dos eucaliptos. «Nesse espaço, a música era toda a infância» disse, recomendando o Noturno n.º 1 em b maior de Chopin.

Chego aqui com muito pouco: a sede da terra  
nos dedos.

A noite, como um trapo, tomba  
nos passos.

Adiante, nas casas de pedra recolhem-se  
os ígneos vultos do mar, ensandecidos  
pelos acordes das fragas coando os ecos  
das criptomérias.

Pescadores do vento, fouçando cansaços,  
elevam os braços ao destino.

São, nas escarpas, lenhadores furtivos  
fumando longos cigarros de angústias.

Olham as núbeis virgens das ribeiras  
como apagados trovadores das sombras,  
amarrados ao ignavo arder do corpo.

De tão serenas, deixam cair nos degraus  
o cicio e a aura dos segredos, as raras pulseiras  
da sua esquecida alegria.

4/

Na casa mais alta o telhado alinha-se contra o horizonte;  
ouve-se o agitado arrulhar de pombos  
noturnos.

As janelas fecham-se à húmida fosforescência  
marinha. Pelas frinchas solta-se uma exalação  
a tabaco, tangerina mordida, a estâncias súbitas  
de outros tempos.

Um ciclame cresce entre os vidros.

Ocioso vulto.

Lavarei os pés nesses degraus, íntimas feridas.

Fatigado pelo nevoeiro de errâncias,  
descanso por fim no regresso inicial.

Resto do mundo.

Dizes: «Eles não sabem que uma ilha começa na nostalgia  
de quem arde contra a noite com saudades do mar».  
Foi há muitos anos. Nessa altura apontavas as falésias  
e dizias, tangida de melancolia: «Vim dali, sabes?»  
Era uma casa na memória, ao topo do vento,  
janelas abertas às anémons da madrugada.  
Corriam lágrimas  
sobre as pétalas murchas do silêncio.  
Dois pássaros cruzaram o milheiral  
fugindo da morte.  
Esperavas por algumas palavras  
no canto da boca de tua mãe, uma maçã  
escondida no avental  
— corrias feliz para as primeiras amoras  
dos prodígios entre um jardim de ventos.  
Quase até ao verão.

6/

A luz desmoronava a neblina, muros  
de lava  
antiquíssima.

Árida, a manhã crescia entre os álamos  
e o casario.

Uma silhueta  
atravessava isolados terraços  
da nostalgia.

Absorta na transparência da música,  
procurava no vento  
quatro estações de luz.

Eram muros brancos, as primaveras.  
As mãos prendiam-se ao perfume,  
perdido respirar da idade.  
A voz crescia em volta das hastes,  
inebriada força dum ritual  
de essências,  
os cabelos queimados pela tarde.  
Rosa entre primaveras foste, diluvial  
canção da terra.

É isso que busco: a aridez felina das maçãs,  
os ombros olorosos,  
essa idade tão inocente de plantar no vento  
amoras brancas  
e selvagens.

**8/**

Sobre esses muros agitam-se as pombas brancas  
das tuas palavras;  
tão quietas ouvem o mar  
entre as nuvens do vento.  
Serenas, como foram os teus olhos colhendo  
nos cânticos do silêncio a cor do mundo,  
ou os sons duma guitarra  
numa casa vazia, tão perto agora da idade  
com que um homem ama numa mulher  
toda a música,  
os inaudíveis segredos da terra.

9/

Os caídos muros  
dos dias, húmidos, magma escuro do outono.  
Esquecidas infâncias.  
Folhas de loendros antigos volteiam  
sob os passos de quem foi crescendo  
contra a distância e o olvido.

O lume que fazia o pão da pobreza  
poisou no nome dos que se ausentavam  
da ilha, tombados sem cor  
no esquecimento,  
abandonada rosa  
na madrugada da melancolia.

Pedra a pedra a voz duma menina  
voa sobre o orvalho dos frutos.

Uma revoada de nuvens brancas  
sobre o telhado.  
Casa da ilha – pedra e água, vento.  
Abrias a janela, vias o mar, os boieiros  
conduzindo  
os seus animais tristes.  
Procuravas na figueira os frutos mordidos  
pela lua,  
ninhos do verão, rumores incendiados.  
Mas eram melros escondidos  
nos bolsos dos espantalhos,  
um remexer de sombras  
no outro lado da luz.  
Um cheiro a solidão crescia entre pedras solares  
nos longínquos pátios  
das marés.

11/

A tua sombra descia a janela  
como uma trepadeira  
de fascínios,  
o mar sempre ao fundo,  
azul, branco,  
um torpor de terra  
na respiração.

12/

A mão treme, measureira,  
no teu rosto.  
Que ilha descobro nos teus olhos?  
Os dedos são os primeiros dias de chuva  
contra a janela da tua infância,  
a voz cava da terra  
perdida no inverno.

Essa ilha  
que nunca deixaste morrer na saudade  
regressa sempre ao poema:  
cheia de margaridas,  
uma gaivota poisada  
entre as palavras e o branco  
rumor do mar.

13/

O ruído duma porta.  
Ressoam  
passos leves, as garças.

No pó  
dançam estrelas breves  
da claridade,  
céu de utopias.

Ouve-se o silêncio  
de gestos sobre o fogo, murmúrios,  
um breve cair de lágrimas.

Se falasse  
das suas mãos diria  
que afagam o adeus  
no olhar que fica.

Tão árdua, a luz canta, refulge  
entre as heras e o rumor do musgo.  
Tocas nela os sulcos  
dos primeiros anos do vento,  
imperturbável, os cabelos soltos  
na sua claridade.  
Abre-se uma porta antiga. Entras.  
Acordas no silêncio a memória  
da tua voz, livre na brancura de sentires.  
Que música faz crescer a rosa nos teus gestos,  
os passos de água, a gaivota dos olhos?  
Por que amas tanto o mistério  
de estar assim, calada, ouvindo os dias  
que se foram?  
Que vestido abandonaste na cadeira  
da primavera, que lágrima, momento,  
os lábios secos de tantas palavras?

15/

Entravas em casa com ecos  
do verão, o odor solar, brusco,  
de amoras maduras;  
ouviam-se o bater das ondas  
contra a tarde.

Nesses dias corrias pela terra  
com música subterrânea,  
um corredor de sombras frescas  
antes do milheiral.

Vês agora na mudez da neblina  
a porta cerrada, a ferrugem do esquecimento  
na fechadura,  
as pegadas das aves do mar  
nos degraus, a imóvel,  
translúcida serenidade da casa  
povoada de ecos,  
as borboletas das ribeiras  
nas mãos,  
ainda molhadas  
das últimas chuvas.

16/

Anjos de água  
levitam sobre a cor verde  
dos olhos, íris molhada  
rente ao adeus.

Pelo corpo passa a iridescente  
ondulação das ribeiras,  
o duro ar da saudade,  
essência que deslumbra, fere,  
tomba no soalho  
como a velhíssima cal  
de antigos dias.

Longos, na alma, os invernos da pobreza.  
O lume para as noites frias vinha às costas  
do rapazinho, a cor do medo no olhar,  
pois os gravetos, roubados, pesavam  
ainda mais com a escuridão.  
Entrava calado como uma pedra enregelada.  
Sacudia do casaco roto os restos da tarde, o ladrar  
furioso dos cães, a humidade morta das árvores  
que em noites de luar fazia brilhar nas suas costas vergadas  
estrelas afugentadas de um céu menor.  
Mãos urgentes retiravam o molho; pouco depois  
reuniam-se diante do fogo,  
aconchegados às vozes uns dos outros.  
O cheiro do pão escasso ardia com as sombras  
e deixava nas paredes inaudíveis ecos.  
Então vinhas. Chegavas-te ao teu irmão,  
e nos teus olhos enublados mostrava-lhes um templo  
secreto. Neles se recolhia – via as fagulhas  
arderem quietas, uma revoada de melros.  
Nesse jardim de água ele sabia  
que o sonho era maior  
que as palavras.

Com o olhar se retorna à ilha, dizes.  
O silêncio cresce como uma rosa de fascínios  
nas mãos abandonadas.  
O milho, lembras-te? Nascia  
nos cânticos das crianças, pombos marinhos  
atravessando todo o azul da ilha.  
Era no olhar que as distâncias se revolviam  
como ondas e um cão ladrava  
perseguindo a fosforescente brancura  
da luz.

Os teus vestidos cresciam de ano para ano  
como uma trepadeira sobe desesperada uma magnólia  
em busca do rumor do vento.  
Descalça nas crespas águas dos anos,  
ouviás dentro de ti revoadas de pássaros,  
lágrimas secando em lenços antigos,  
a triste música das pedras erguendo contra o tempo  
altos, inumeráveis muros  
de lamentações.  
Como uma gaivota, soubeste ouvir no sonho  
o crepitar melódico das ausências,  
a cabeça apoiada  
na imaculada túnica dos anjos.

19/

O teu corpo crescia como uma sombra  
de milho rente  
ao brumoso sol de setembro.

Repousavas a cabeça numa almofada de musgo.  
Uma serenidade anelada caía nas fissuras da terra,  
eco desamparado.

Mesmo assim cantavas.

Tão perto das conteiras  
que a tua voz era só orvalho,  
alba desprendendo verdes,  
inumeráveis  
folhas.

Ardentes,  
os lugares emanavam uma outra existência.  
Por eles passavas  
calcando presságios, sonhos.  
O regresso de outras, infindáveis  
agitações.

Colhias boninas nas labaredas do vento, gregal  
de instâncias brancas.

Eram fragores de púrpura, unhas de orvalho  
com que tocavas os instantes.  
Eu existia na ausência do teu nome, buscando-te  
nos poemas de Neruda como um naufrago,  
na branca raiz da claridade,  
até construir nas colinas do tempo  
uma varanda sobre o mar.

Aí me sentei.  
Vi-te crescer nas estações do crepúsculo,  
absorta, deixando cair na água  
sementes do olhar.

Molhado, o silêncio da ilha  
cheirava a hortelã.

21/

Corres entre o rumor do mar  
até ao fim da memória.  
Tudo parte: os vultos distantes  
dos teus mortos,  
a tia que enxotava borboletas no retrato,  
a primeira carta americana.

Corres pela água arregaçando o vestido  
e perguntas  
o que é a distância.

Não posso responder ao eco  
do meu próprio nome.

22/

As mulheres varrem  
com enormes vassouras  
de lume  
os vestígios onde ardem, brancas,  
as sombras  
da saudade.

Pergunto pelo inverno adormecido  
nas mãos,  
quantas linhas de rumor  
se entrelaçam nos bordados das viúvas,  
sentadas nos degraus de pedra  
de encontro à noite  
ouvindo o mar, seus dedos  
adejando sobre a solidão,  
um mundo de agitações.

Sobre a velha mesa de criptoméria  
depositam a toalha,  
duas  
ou três rosas de junho,  
o cesto do pão,  
os azuis, húmidos olhos  
da memória.

Nessa idade às vezes eras a tua mãe.  
Juntavas-te às canções das mulheres, agrupadas  
em círculos de solidão, debulhando milho.  
Observavas nelas o mundo.  
Ouvias nas suas vozes longínquas o vento  
lavar, com mãos de amor ferido,  
todo o verão da terra.  
Cresceste nessa melancolia.  
Ausentes do seu nome,  
deixavam nessas tardes  
o fruto duma infância por colher.

25/

Se tocares o basalto sentirás  
no sangue um bando  
de pombos bravos  
atravessar o milheiral.  
Fatigados pousarão  
nos ombros da tua ausência.

As mãos crespas: folhas latejantes, quentes  
ainda da terra, água que nunca tive.

É pouco, bem sei: pobre, trago aos ombros  
os sonolentos pombos  
do vento.

A febre nostálgica dos líricos  
mata as palavras devagar,  
sarças ardentes da alma.

Não canto aos deuses da madrugada, estátuas  
onde partem as andorinhas e os lamentos.  
Falo das origens,  
duma pedra abandonada na infância.

Entre as ruínas e o mais branco crepúsculo  
o vestido cai aos pés. Depois a sede,  
grande, sobe-me as veias.  
Sou a sombra da voz que és entre as rosas.

E tu,  
nascendo da ilha e dos voos do olhar,  
jardim de estações.  
Do lume e de ti nunca, nunca se aparta  
a primavera.

27/

Não posso dar-te a mão: cheguei tarde  
aos anos do trigo.  
Nesse tempo dançavas  
entre as ruínas da luz.

O luar dava uma volta completa  
nos teus olhos,  
ajaezado de trilos e cigarras de água.

Tinhas um corpo de rumores,  
gaivota minha  
e da memória.

**28/**

Dou-te a mão entre a névoa das harpas.  
Danças sobre as estações  
arrancando das heras os suspensos  
prodígios da luz.  
Anjos de pedra escrevem o teu nome  
no ar  
e na terra.  
Regressas à inocência buscando o incêndio  
de todos os segredos.

Sobre os teus ombros voam as borboletas  
todas de Chopin.  
O naufrágio da voz errante.  
A ilha que conheço na sede e nos olhos do silêncio.  
Regressemos aos trigais suspensos  
na memória,  
às cantigas ardendo entre as folhas azuis da tarde.  
Dois ou três melros  
beberão nas tuas mãos o primeiro outono  
da água.

**30/**

Debruçados sobre a cintilação da espuma  
ondeavam inúmeros clamores, altas luas  
de esquecimento.

«Os grilos não cantam como a água, sabes?»,  
disseste.

Nessa fotografia, roída de luz,  
o rosto perdia-se na desordem das marés.

Uma distância infinita morava na voz.

31/

A primavera  
das romãs  
era uma criança.

E colhia hortênsias  
na paisagem  
do poema.

32/

Se ergueres alpendres nos desertos,  
e um jardim de regressos,

todas as gerações do vento  
dançarão  
na única memória.

Um êxtase cintila entre o halo de março  
e os ramos da magnólia.  
Agora branca,  
levanta-se de manhã como uma mulher  
antes de amar:  
um espanto de pétalas nos olhos,  
um canto de cigarras na boca húmida.  
Uma mão secreta deixa um murmúrio surdo  
sobre as pétalas.  
Cigarras de sombra tombam  
com o orvalho.

Os desocultos fascínios do mar.  
Quase em ruínas, despenham-se os frutos  
duma temerosa agonia.  
Dispersos incêndios de silêncio alvoraçam as aves.  
Aqui se acha a breve incandescência dos anjos,  
tábuas de magma deixadas no adeus  
com inscrições de cinza.  
As palavras desta terra foram o seu vinho,  
imprevisíveis ravinas, erosões, insondáveis esplendores.  
Na mesa de basalto, entre o fulgor dum sol antigo,  
beberam para sempre a última água do verão.

35/

Setembro, costumavas dizer, vem no voo  
de pássaros brancos.

Atravessa a ilha nos olhos das crianças,  
deixa-lhes nos cabelos uma coroa  
de cintilações,

a cálida leveza dum oloroso fulgor.

E alguém acena de longe  
com um lenço de água.

Rente à nostalgia.

As estátuas descem as escarpas,  
param  
na voz das crianças.  
Ouvem-se pelas enseadas,  
cantam de mãos dadas  
em redor dos eucaliptos.

Trazem nos cabelos  
folhas brancas  
de silêncio.

Venho aqui em busca  
dessa infância.

Uma ilha foi sempre  
a minha vida.

37/

Diz,  
atirando contra a melancolia  
as pedras dos dias:

«Vou descalça na luz da alma que sou.  
Nunca durmo. Trago sementes de água  
nos olhos e só estou quando amo.»

**38/**

Levarás para sempre a ilha escondida  
no silêncio  
da voz.

Só eu a desperto, reconheço e amo.  
Nela encontro as tristes garças  
de setembro,  
o sol dos frutos e a lonjura onde o coração  
se consome de ausência.

Como tu,  
perco-me na distância  
quando cantas.

Branco, ágil e forasteiro o vento dos anos.  
Nele o teu rosto foi ardida terra de ressonâncias.  
É setembro no traço áspero do silêncio.  
Sou desta terra quando me ausento — a dor  
imutável, revoltado pó das sombras.  
Vejo a memória escurecendo os teus olhos,  
um rumor no chão, morta voz da água.  
Partes de mim como uma profecia  
de corolas secas.  
Derramas os cântaros entre palavras.  
Uma guitarra corta a noite  
no coração.  
A ilha  
é o primeiro nome de uma mulher.  
E nele cresce o rumor dum nardo.

40/

Senta-te neste banco de pedra:  
ouve o meu silêncio, lágrima  
na relva de abril.

Quando te lembrares de mim  
sob o entardecer dum rumor  
de palmeiras,  
sê uma pomba branca  
na sua sombra.

41/

Vivo, passo e nasço a cada instante  
e não me demoro:  
respiro um tempo que já morreu.  
Ardo no destino  
da candura, na cor da chuva ou duma sarça  
entre o fogo e o abraço inapagável.  
Estou de passagem, já disse.

No êxodo dos instantes escrevo  
o irreverente sussurrar da poesia,  
êxtase fugidio.  
Diria melhor, os frutos caíam do outono  
sobre olvidadas folhas.  
Ouvia-se a respiração das estátuas.  
Ninguém via a sombra duma vida tombada  
nos pátios da solidão,  
conhecia o seu nome, a imobilidade  
dos seus olhos quando esquecia  
frágeis, íntimos tremores.

Descalço-me frente às últimas palavras.  
Junto-as, achas ardentes.  
Por elas passam gaivotas famintas.  
Oíço um cão roer sons ininteligíveis, distante.  
A branca parede da memória aprisiona-me.  
Então levanto-me.  
Sinto os ossos, como raízes duma árvore extinta,  
ligarem-me às sombras.  
Entre mim e as palavras há um tinir de espadas.  
Esbracejo, vencido pelo fragor mais claro:  
uma palmeira tomba contra a tarde do mundo,  
rumoreja na minha alma.  
«Falem-me de uma mulher, dos seus olhos brancos,  
da música solar  
e do seu verão quase no fim.»

44/

O tempo ressoa  
nas diurnas sementes da terra.

Um azul vespertino enreda  
com mantos ardentes  
as silhuetas que se afastam.

Abandonam uma guitarra  
nestas palavras.  
Inexplicáveis desertos.

45/

Escrevo para que oiças um piano.  
Mas as palavras ardem mudas  
a caminho do verão ouvindo o mar.

Dá às palavras a infância da água, o jardim de pedra  
onde o grito se enrola nas lágrimas como a tarde  
enobrece o agitado coração das oliveiras.  
Nunca a fátua conviência da gravata, o sorriso ilustre  
dos faquistas e dos traidores do coração.  
O verbo que canta evoca o oiro mais raro.  
Não lhes dê uma coroa de sementes mortas.  
Os nós do mistério enrolam-se de susto  
nos calcinados joelhos da luz.

Hoje sentas-te na cadeira perto do mar  
que não tens, quieta e atenta,  
vendo como um filho desce  
os primeiros degraus da vida,  
um rubor súbito no rosto,  
coberto pela sombra das abas  
do chapéu.

Ouves passos minúsculos  
aproximando-se da memória,  
um resfolegar de criança temerosa,  
já perto das rosas que regaste  
ainda há pouco,  
pensando como se envelhece  
nos espelhos da saudade  
aspirando  
o odor nostálgico de tantos,  
longínquos dias.

Corro as cortinas, fecho  
o sol sobre os teus joelhos,  
afago-os.

Num sofá de vimes,  
rosto sereno,  
o vestido branco aberto  
como uma nuvem, vejo os teus pés  
descalços sobre  
os instantes.

Podias ser uma fotografia grega,  
deusa descansando um século  
entre  
os jardins da claridade,  
a sombra do meu olhar  
sobre as mãos.

Mas dormes.

Toco-te no rosto  
com a ponta dos dedos,  
levanto águas  
nos teus cabelos.

Sussurro-te:  
«Quero-te assim,  
silhueta a pique  
sobre as rosas do silêncio.»

A grande, funda, impenetrável noite.

Caída sobre os funchos, a lua abre sulcos de silêncio  
nas folhas.

A água reverdeceu, ano após ano, a virgindade  
das folhas.

Tão perto das estações, os potros lançam-se num tropel  
de rebeldia.

É neste território de ressonâncias que as guitarras voltam  
ao delírio das festas, os corpos dançam ao sabor das tardes  
longas, e fulvas borboletas enlouquecem de esquecimento.

Na voz dessa criança nunca a ilha esteve tão perto do mar.

A cama revolta. Nos lençóis a forma, o calor  
do corpo, o sol a derramar-se do silêncio  
para o tapete indiano.

Na cómoda de mogno  
o espelho antigo.

Nele os traços ainda frescos de quem viu ali  
o princípio e o fim de outras vozes,  
a vertigem e o susto da alma.

Os sapatos a uma canto, a frescura da terra molhada  
nas solas, restos do outono, o peso  
dum corpo que atravessa margens de fogo  
a cada passo.

Uma gata siamesa dorme no tapete,  
aquietada na sabedoria,  
anónima entre o caos do mundo.  
Porque a glória dos humanos rasteja  
com o pó,  
vã ofuscação.

O quadro na parede mostra uma infância,  
o segredo das águas em junho,  
diz-se dos seus olhos, tão breves de alegria.  
Cobre-os a penumbra, incendeia-os  
uma audível melancolia:

fendas, duas notas de piano esvoaçando perdidas  
no azul da ilha.

A cadeira parece esperar o seu cansaço noturno,

o peso das coxas, a respiração suspensa  
enquanto tira as meias, os dedos  
tateando a sombra do pinheiro bravo  
no vestido,  
o rumor do crepúsculo a esvanecer.

Se olhares a almofada  
verás os vestígios dos últimos sonhos,  
a brancura da sua bondade, duas lágrimas  
que secaram de madrugada  
já as rosas se abriam na jarra chinesa  
da mesinha de cabeceira.



## **A COR DO SUL NOS TEUS OLHOS**



*Porque eu teimo, recuso e não alinho. Sou só.*

*Não parcialmente, mas rigorosamente.*

**RUI KNOFLI**



## ESTAÇÕES BRANCAS

Ando descalço sobre o nome da cidade. Atravesso a rua.

Uma sombra  
caminha ao meu encontro. Toca-me e desfaz-se como um  
grito.

Vim de África há muitos anos e nunca regresssei à idade da  
minha  
partida.

Estou num parque, no fim de novembro. O inverno  
aproxima-se.

Sou um homem com a memória de um menino. Às vezes  
chove na

janela dos anos que correram adiante de mim.

Mas estou aqui, no parque que escurece e com o meu  
violino.

As folhas dançam, geladas. O silêncio tem a cor da neve.

Os sinais da minha respiração crescem entre as árvores  
adormecidas.

Mesmo fria e húmida a luz canta. Como um cão, beija-me  
as mãos.

Vou-me embora lentamente. Levo o teu nome na minha  
boca.

## FIM DE FESTA

Ardem os sinais do coração.  
Eis o pátio, deserto e claro  
onde adormeceram as palavras que disseste.  
Chegam aos olhos e poisam, ressoantes.  
Tudo dói, canta e arde  
entre os estorninhos das sílabas.  
Voltaste sabendo que há palavras  
que nunca morrem como as serpentes.  
Puras são, minúsculas conchas  
dando à costa da fala  
a chama entontecida e fulminante da claridade.  
Neste pátio deserto da tua vida  
dirás como o velho navegante das estações:  
«Dou-me bem com o mundo  
na selva do meu silêncio.»

## **TÃO LONGE O SUL**

Os vultos passaram com o tempo  
e caíram na distância como frutos maduros.  
Os primeiros rios foram morrendo  
dentro de ti.  
Que há dessa terra nos teus olhos?  
Perdeste-te no mapa da idade.  
Ninguém te conhece nas casas da memória.

## ÁFRICA

Vê como as minhas mãos são tristes sem ti:  
dobram-se sobre o meu peito, abandonadas,  
frias.

Tiveram sempre a cor da memória, a da água,  
e as fronteiras todas da claridade.

Quando as tuas mãos recebiam as minhas,  
entrávamos numa inebriante navegação de sentidos.

Eras no entanto uma mãe escondida na penumbra, a quinda  
à cabeça,

os pés na poeira da minha inocência.

Eu amava-te como se ama um poema, à imagem  
de tudo quanto é belo e trágico.

Oh!, como o lume dos teus braços, tão cheios de terra,  
incendiava o inverno das minhas noites mais longas!

Vi o teu corpo envelhecer dentro dos panos, a pele  
enrugar-se,

e caíres de melancolia de encontro ao sol  
de estranhas madrugadas.

No dia em que me fechaste a porta,  
as mangueiras cantavam sob o último voo  
dos flamingos.

Não sei em que letargia desaguava o teu amor,  
que incompreensíveis venenos alimentavam a tua  
indiferença.

Fui-me embora como as aves da tarde.

A sombra da minha voz voava desesperada em volta da tua  
janela.

À distância vi-te correres as cortinas.

Enquanto caía o crepúsculo  
uma ferida do tamanho do mundo crescia  
no meu olhar para sempre.

## RETRATO ANTIGO

Passa os dedos pela lombada dos livros. O pó do Tempo  
esvoaça,  
cobre-lhe as unhas, entra-lhe nos pulmões. O candeeiro da  
secretária  
aceso. Na parede um nu de Picasso. Tantas palavras, meu  
Deus!, pensa,  
correndo a polpa dos dedos suavemente pelos volumes na  
estante de  
mogno. Abre um livro. Com uma lupa começa a contar as  
palavras. A noite  
vai submergindo a casa sob um denso manto de escuridão.  
A madrugada surpreende-o sentado à secretária.  
Murmura, reparando  
no espelho sobre o tampo. Não vê na sua imagem a  
fisionomia de um  
deus. Descobre os riscos das dunas mais antigas – o rosto  
de um  
homem no fim, amando-se a si mesmo com a precariedade  
das areias.

## **MOMENTO**

A névoa. Um torpor frio. Fevereiro é assim,  
uma estátua no parque, os braços abertos à neve, à chuva e  
ao vento.

Sou o cão sem trela que passa, sem pressa, farejando o  
mundo.

## ENUNCIÇÃO

A chama permeável sobre a terra. Repouso a mão no teu  
ombro – vês  
o sol? Caminha levemente sobre a relva e leva uma criança.

## **ANOITECER EM ALEBAG**

No sul,  
entre os templos mais sombrios,  
a noite é um velho  
a caminho de casa.  
E demora-se.

## AS LÁGRIMAS DA ÁGUA

Havia um campo de girassóis na brisa.  
Ressoavam cordas sem destino, de guitarra ou de chuva.  
A lenha trazia o cheiro do verão, o calor do lume  
entre as pedras do quintal. Uma ave cantava para além  
da neblina e começavas a ausentar-te nessa música  
que só tu ouvias, tossindo com o fumo, as mãos áridas  
dos gravetos, dos elementos mais insondáveis da terra.  
O corpo era a sombra inclinada de uma voz.  
Conheci-te assim, quando cantavas entre o trigo.  
A roupa secava nos muros, coisas velhas e tristes.  
Depois a flamante energia do crepúsculo  
cobriu na paisagem o último dia.  
Restam as fotografias, pequenas nuvens  
entre os dedos.  
De vez em quando vais buscá-las às gavetas  
da melancolia.  
Um frio glacial recorda-te uma casa  
no meio do Tempo. E envelheces.  
Corres à janela.  
A luz cai  
como velhas folhas de cerejeira.  
A ilha, sabes agora, cabe numa lágrima.  
E o grito numa pedra na mão dessa criança.

## ILHA

Deixaste-me partir descalço  
sobre as minhas feridas.  
Onde estás, companheira de todas as águas?  
A noite é uma janela aberta sobre o mar.  
Os vasos das gardénias mais sombrias quebram-se  
de encontro ao silêncio.  
Cavalos de sombra trotaram por entre as árvores,  
na tua frente, nas chamas que crepitavam  
nas tuas mãos esquivas.  
Já não te vejo  
nos pingos de chuva que cobrem o para-brisas.  
Afasto-me de julho,  
do mês em que mais cresceste dentro de mim.  
Tens, sei, a natureza das florestas no outono.  
E são bravos os teus cabelos como os pinheiros da costa.  
Escondo-me agora na minha cama de pedra,  
nos meus sonhos de vidro, nos lençóis de luar com que  
    cubro  
os momentos mais fundos sem ti.

## SENTADO NA SOMBRA DO SILÊNCIO

Estou aqui, no exato momento da cidade,  
enquanto a vertigem da claridade  
se recolhe na brisa como um vulto.

## **A VELHA CIDADE**

Os cães mordem as silhuetas noturnas.  
Nesta velha cidade, a lua cobre  
os telhados com o aceno branco e triste  
de um anjo perdido.

## O CAMINHO DE REGRESSO

Um restolho de pétalas.  
Depois a brisa  
e uma pedra a cantar.  
Os sinais da memória estão aqui.  
Sentes o afago no ombro,  
a sombra de outros dias  
caminhando  
para ti?

## **AS PALAVRAS**

Odeio, com todo o amor, as palavras.

## MEDITAÇÃO DE SÁBADO

As palavras cansam. São pesadas como pedras.  
Não as amo, não as venero. Como se fossem mãos, estão  
aqui sobre os  
joelhos. Fazem parte deste corpo. Não penso nelas: são a  
voz dos meus  
dedos. Mas cansam-me.  
Prefiro o mar, esse que não tenho, tropical e morno. E água  
de coco  
na boca. Uma mulher. Prefiro uma mota, uma  
máquina fotográfica e um papagaio de papel na minha rua  
de Luanda.  
Prefiro um uísque num pátio mexicano, um merengue, um  
samba ao  
cair da tarde. Prefiro dançar descalço na areia e sob  
palmeiras. Prefiro  
viver numa jangada nas correntes doces de um rio,  
esquecer-me, esquecer.  
Prefiro aprender tudo de novo, e com arte: ser a criança a  
correr no  
coração de um velho.

## PERCURSO

Canto devagar rente ao chão, próximo das ervas noturnas.

As minhas  
mãos dançam sobre a pele, desenham as linhas secretas de  
um corpo no  
branco volume do mistério.

Persigo agora as imagens e os espelhos, este todo de  
humanidade, caos,

matéria e espírito. Dou a volta ao universo.

Regresso a este momento em que atravesso a rua mais  
antiga da minha vida.

## CAFÉ

Entram e saem do café rostos tocados pela cor da noite.

Uma mão  
poisa no meu ombro com a veemência de uma gaivota. É o

Tempo, esse  
túnel por onde se escoam todos os domínios da nossa  
fragilidade.

Estou aqui e estarei, sentado na pedra da minha noite num  
café barulhento.

Tenho comigo o meu computador e toda a minha vida.

Escrevo rente ao caos. Quero agarrar as palavras, as que  
voam de

mim e deixam um ressoo de viagem nos meus dedos.

Estou nesta cidade de encruzilhadas. Penso no cheiro das  
goiabas — o

sul era assim. Um odor de alegria, tão breve como um  
pingo de água.

Penso num beijo perto do mar porque escrevo. Penso e  
sinto os rios de

ser homem. Todos os estranhos do mundo bebem café ao  
meu redor

até se afastarem devagar na chuva tropical das minhas  
palavras.

## AS PALAVRAS CANTAM NO MAR

A casa branca, os passos leves de um gato sobre o muro.

O mar ao fundo. A secretária de pinho velho, as palavras sob o pulso.

O vulto, que és tu, deixando sementes na página.

Findou o dia.

Um relâmpago atinge os símbolos da tua vida.

O crepúsculo sobrevoa os barcos, a funda, inominável noite que se aproxima. Uma guitarra enche-se de vozes e as cigarras cantam entre o estertor de pés descalços.

Cai uma folha das tuas mãos e o muro brilha sob o luar. «És tão mediterrânico nessas palavras, ó filho de África!»,

ouves dizer dentro de ti.

Sim.

Uma casa é o país de um homem; as suas palavras as aves todas da sua história.

Bebes nos mitos os lábios húmidos de uma mulher, o vinho que sangra

de canecas de barro, a cintilante loucura de um corpo sob o chuveiro

entre palmeiras altas e esguias, tanto sol a dançar no pátio que entretanto

escureceu.

Como fugir do mar, ó bardo!, quando as pedras ardem de silêncio?

Como explicas essa orla de lume em cada dedo enquanto  
buscas nas  
palavras o incêndio do desejo na escuridão da terra?

## AS PALAVRAS DAS ÁRVORES

Cresces com fagulhas  
entre os meus dedos, entre estas palavras antigas  
com que separo os desertos de setembro.  
Aos poucos vou adormecendo com as árvores.  
Já disse tudo:  
as palavras caíram com o outono.  
Encosto-me ao muro branco do Tempo.  
Anoitece. Enrolo-me como um cão  
às raízes escuras do vento.  
Ao cântico nómada das mulheres,  
anjos de bruma ao longe, indefiníveis  
entre os albatrozes da memória.  
Raros são os sinais  
de chuva.  
Vê como atravesso o teu nome:  
risco os ponteiros do relógio  
com as asas das mais errantes aves do sul.  
Amo-te tanto que não te amo: ardes-me.  
És um mundo inesgotável no mundo de mim.  
Dá-me os teus ombros nus. Deixa-me perder neles  
o meu instinto de salteador,  
reencontrar o sol das palmeiras, as longas, altas tardes  
do mar.

## **SINOPSE**

Uma palavra às vezes chega como um pássaro.

Voa em redor da mão e canta.

Ama-te mais e para sempre

como a luz que arde no mar.

## INTROSPEÇÃO

Componho a sombra, os seus fragmentos.  
Uma guitarra fere as veias das palavras.  
Que arte esta, a do silêncio?  
Um lobo uiva rente à fala  
e neva no olhar do poema.  
Atravesso o inverno, árvores nuas,  
vales desérticos e brancos.  
Sob nuvens escuras matilhas de tédio  
perseguem, vorazes, a claridade.  
Que território este, sinuoso e abrupto,  
onde o fogo e a água formam um caudal?  
Vivo no gume da lâmina  
pólen e caos.  
Registo a ressonância do pulso  
a forma de coisas húmidas,  
páginas onde oiço o correr do sangue,  
a palpitação da terra.  
Observo o mundo  
enquanto um cavalo galopa  
entre mistério e ausência.

## UM CAMINHO PARA O SUL

Corro e canto. Chove nas últimas palavras que voam sobre  
os meus

ombros. O seu rasto perde-se entre o cheiro de novembro,  
grave e húmido.

Fica a semente. Leva-a contigo.

As palavras são átomos, genes da esplendorosa noite do  
coração.

Multiplicam-se na primavera do corpo e ficam, como  
estrelas de água,

presas às cores do olhar e do sangue.

Regressam com a respiração da memória, entre o  
crepúsculo e os brancos

e rebeldes pombos do sul.

## **MATINAL**

Deixaste cair uma palavra na minha boca,  
um fruto de água.

## VIGÍLIA

Deito-me sobre um lençol de palavras.

Não adormeço: abraçam-me  
as vozes do mundo.

No tapete, a resfolegar como um cavalo após um galope,  
os sapatos.

Entre as colinas da noite,  
desorientado,  
observo no chão as cinzas  
do meu dia.

## BRAÇOS

Os braços no ar. Por trás do balcão o empregado fazia o impossível.  
Uísque, cerveja, cuba libre. Todos a pedir. Passava da meia-noite.  
Pequenos grupos dispersos pela sala. Nos vidros, por onde passara  
uma gaivota nessa manhã, a escuridão. Esperei  
pacientemente por um uísque.  
Juntei-me a amigos. Apetecia-me sobretudo ouvir. Falava-se muito e  
alto. O copo gelado na mão. O cansaço a subir-me aos olhos.  
Gostei da noite, do longo e interminável deserto de palavras.  
Até que,  
por fim, disse boa noite. A madrugada ladrava-me rente às canelas.  
Adormeci com um livro de poemas sobre o peito e a casta sonoridade  
do vazio.

## AGOSTO

Oiço a música da tarde. Agosto é um mês vazio. O mundo  
vai-se  
embora para uma felicidade passageira: perde-se nas  
praias, entre as  
árvores de campismo, e nas altas montanhas em cujos  
topos habita  
agora uma espécie de levitação alvinitente. Cada um, pois,  
a reinventar  
a alegria, o descomprometimento. A vida está cheia de  
rédeas, compromissos,  
obrigações. Há que fugir dessas fronteiras psicológicas.  
Estou aqui. Há pássaros nas árvores, a luz é doce e suave  
ao fim  
do dia. Bebo água e como frutos como no poema de  
Odysseas Elytis.  
Ando de bicicleta. Leio. Aos poucos, lentamente, vou  
descobrir nas  
pedras o poder do mistério. Ou seja: a voz, a imensa e  
funda voz do silêncio.

## PEREGRINATIO

Tenho poucos amigos no verão. Escondo-me num poema  
impossível  
à procura do mar. Ando pela brisa, de mota ou bicicleta,  
a inventar a  
minha vida.  
Hoje o sol foi uma maçã madura caída na tarde. Quando  
voltei, a  
esplanada estava vazia. Deixei o capacete e as luvas numa  
mesa e fui  
buscar um café.  
Na mesa ao lado dois homens. Um deles olhava o céu;  
o outro, muito  
agarrado ao telemóvel, dizia coisas doces a alguém. Tinha  
um sorriso  
de triunfo, imbecil.  
Palavras cor-de-rosa, previsíveis, vazias. Meu Deus!, que  
poluição  
sonora!  
Eu queria apenas um pouco de silêncio, receber a noite nos  
meus braços, os  
seus fios de luz adormecida e voltar à memória quando  
o mar  
se aproxima de setembro.

## NÃO SEI DIZER QUE TE AMO QUANDO ESTOU TRISTE

Passo afogueado, perdido em geografias estrangeiras. Vou  
de calções,  
sandálias, e uma velha *T-shirt* com uma frase estranha  
estampada no  
peito: «The name of all things».  
Julho é um mês fugidio. Corre como um galgo sobre  
pedras translúcidas  
e raras cintilações da alma.  
O calor estala numa vibração de claridade. Onde está o  
mar? Lembro-me  
de uns olhos escuros, de um mel delicioso. Havia uma  
costa enorme  
e inquebráveis ritmos da memória. Pegadas de sombra.  
Lembro-me  
que a alegria era uma coisa triste, um pássaro, e eu acabava  
devagar a  
última cerveja.  
Há coisas assim: bocadinhos do mundo, fulgores. E assim  
me  
retrato, dançando entre vírgulas.

## O SILÊNCIO

Sinto a melancolia de Deus passar com a brisa.

## O NOME

Perseguiu-me os sentidos. Voava. Sentia o rumor das suas  
asas,

a vertigem do colibri.

No sono, no chuveiro, nas imensas escadas da madrugada.

O voo. Um

trajeto de luz entre trevas. Pensei num barco, como se  
dança na água.

Pensei nos espelhos da tua voz.

Que imagens refletiam do mundo.

## NA FLORESTA, QUEM DIRIA!

Regresso ao turvo panteão da alegria. Trago uma guitarra,  
um  
cobertor para a minha pele de sáurio e o meu  
espírito de ave. O luar é um círculo de tempestades entre  
os ramos que  
me cobrem.  
Não procures por mim nesta floresta. Há um lince à minha  
porta e dois  
cães de fila. Os meus inimigos protegem-me contra o  
imponderável.  
Canto entre árvores altas, calor e lendas. Canto e afogo-me  
em recordações.  
Podia contar-te uma história de sangue e aventuras. Ou  
apertar-te  
contra mim, dar-te os frutos das mais belas palavras. Mas  
quem se  
aventura com um forasteiro, distante e irascível, cansado  
de um mundo  
sem coração?  
Parti, amiga, com o sol da manhã. Pensa na oculta  
peregrinação  
do poema, no homem que encontras encostado a uma  
palmeira  
na tarde mais alta dos dias.  
Sou o labirinto e a obstinação da pedra. Não tenho quadros  
na parede nem cadeiras vazias. Vivo entre o sortilégio da  
água e o  
esplendor da águia.  
Mas hoje regresso aos teus olhos para adormecer  
contigo.  
Boa noite.

## AMANHECER

Leio devagar os sinais da primeira luz.  
Passa como um vulto pelo jardim. Distraída,  
o seu esplendor intimida de tão bela.  
Debruça-se sobre a relva e beija-a  
com o cantar dum pássaro.  
Há manhãs assim, limpas, puras,  
como o olhar duma criança.

## **MANHÃ NA ILHA**

Assim — um potro branco, a manhã a crescer,  
um azul breve por cima.

Estava na ilha e toda a beleza era possível.

Amei em silêncio os labirintos duma sombra.

## FRAGOR

As marcas da sombra:  
a trança solta ao sol de fevereiro,  
uma mão cheia de vento sobre o teu ombro,  
e o cão do crepúsculo a correr adiante de nós.  
Como um destino,  
leva as últimas palavras  
antes da noite.

## **HOMEM A FUGIR DO POEMA**

Sou homem e uma pedra a arder.  
Não me levem para a cidade.  
Sou daqui,  
deste tempo emprestado.

## RENTE AO CREPÚSCULO

Abre os braços e acolhe os rios  
do meu corpo.  
Ondula comigo entre as tempestades brancas  
dos lençóis,  
atravessando a noite, o dia,  
o fulgor de irremediáveis marés.  
O amor é uma viagem sem bússola.  
Perde-te comigo no horizonte  
desse mar.

## NOITE

À noite as horas adormecem no relógio. Rodeado de livros  
e silêncio,  
o zumbido do computador gravita sob a febril luz do  
candeeiro.

A noite — que labirinto de ruas acesas de escuridão!  
Estou sem respostas.

Acudam-me:

viajo com abutres pelo calendário do meu deserto.

## TRABALHO NO JARDIM

Juntei à terra o rumor das mãos.  
Entre as plantas o cão farejou o peso duma voz.  
A memória?  
Veio o sol. Depois a noite.

Antes de fechar a porta,  
olhei o jardim.  
Tudo adormecido.  
«Não sei com que cor posso desenhar  
o teu rosto no escuro», pensei,  
regressando devagar à minha vida.

## TÃO POUCO

Por entre os dedos passam os ventos do mar.

Fecho-os e recolho areia.

Levanto as mãos e o peso da noite.

Tenho tão pouco: um coração de água  
rente ao luar.

Como levar-te ao itinerário das garças,  
ao imenso sul do horizonte?

Vês?

Tenho nas mãos templos de areia.

Descalço e solto, canto com a terra.

## MEMÓRIA

Uma mochila, o sol branco, imenso da manhã.

Um livro aberto sobre os joelhos.

Um sumo de goiaba.

Dois pelicanos cruzam a baía.

Para quê a memória?

Trago-a para que estejas

sempre comigo.

## QUADRO

Aproximo-me tanto que não me sentes.  
O vestido branco esquecido na cadeira do outono,  
o ruído dos carros na rua.  
Passo sob a luz dos teus olhos,  
tão longe,  
a gabardina molhada, tu à janela do amor,  
tão longe,  
um gato a dormir no teu colo,  
a sombra  
das minhas mãos entre as tuas,  
acariciando-te.

## ERRÂNCIAS

México ou aquela praia ardente da Costa Rica onde vi  
chorar, junto à  
água do mar, o cão mais triste do mundo?  
Não sei.  
Faço literatura com a minha própria vida.  
Invento em cada passo  
um país de ressonâncias e afetos.  
Estou sempre de partida.

## MOMENTO

A trança, escura, batia-lhe nas costas. O cachecol  
atravessava os ombros,  
voava como o sol alto. Corria.  
A luz prendeu-se à sua mão como uma criança perdida.  
Subiram a escadaria, juntas,  
os pinheiros ao fundo, a alvinitente relevância  
de fevereiro num pequeno país do sul.  
Numa terra assim, de pedras, vento e sol,  
uma mulher é toda a música da  
água.

## PEQUENO ROMANCE DE ABRIL

Pego na palavra amor  
e dou-lhe o teu nome.  
Fico com ele nas mãos:  
é um barco ou uma maçã?  
Se for um barco quero viajar nele  
pelo mar dos teus olhos.  
Com a maçã levo comigo  
o sabor da tua boca.

## A FALA DO ROMÂNTICO

A cama, mar branco de nuvens.  
Deixa-me crescer nos teus braços,  
chegar ao horizonte de setembro  
nos teus cabelos,  
noite diluvial  
de ventos e gritos.  
Os teus frutos, esse peito verde  
das maçãs,  
caindo, maduros,  
na sede das mãos.  
Que dizer?  
Tudo dói.  
Até os secretos horizontes  
da alegria.

## UMA PALAVRA SOBRE A TARDE

Começas a dobrar os calções, a *T-shirt*.  
As sandálias guardam,  
como um cão, as sombras.  
A água jorra da fonte e o clarão da manhã cai  
sobre as cadeiras da varanda.  
Os frutos, na relva húmida, são as dispersas maçãs  
dos teus gestos.  
Os barcos ainda não partiram.  
Nem o oiro dos teus cabelos se agita  
com a brisa triste de setembro.  
Há ainda uma guitarra e uma festa  
quando cantas.  
O sol, essa lâmina agora cega,  
rasga-te as vestes,  
o linho e a seda da loucura.  
Partir é um regresso  
à noite outonal,  
ao cair lento das folhas,  
ao olhar que se dobra  
com o alto trigo da tarde  
até ao imenso crepúsculo  
das últimas palavras.

## RENTE À PELE

A sombra da lua gravita no lençol.  
Deita-te comigo nesta cama onde desnudo  
a claridade.  
Incendeia em mim o mistério e a leveza dos montes.  
Deixa-me beber na tua pele os gritos e a terra da água.  
Sangram lentas as sílabas: há um incêndio  
na floresta  
dos sentidos.  
Respira como a faca que rasga o mais fino tecido,  
a prumo, golpe a golpe,  
despertando o animal bravio,  
o caos infinito do instinto.  
Na viagem sem fronteiras do amor  
beijo o teu nome,  
letra a letra.

## POEMA DO LITORAL

São areia, brancos e leves,  
os teus pés miúdos.  
Que rumor deixam?  
Vens ainda de setembro, descalça,  
o verão quase no fim.  
Sobre ti cai  
a inocente luz das palmeiras.  
Gota a gota bebes  
todo o oiro da tarde.  
Que me dizes agora,  
tão perto os meus olhos,  
a nuvem branca que atravessa  
o céu e a memória?  
A minha voz corre ao teu encontro  
— nunca voou assim, tão alta  
sobre o mundo.

## MONÓLOGO COM O DESEJO

Esconde as mãos por trás  
da chuva, curva os braços.  
Abrem-se os últimos botões  
da blusa: o verão começa aí.  
As canas-da-índia escondem  
os murmúrios, setembro  
corre entre os teus braços.  
Afundo-me na terra do teu corpo  
e apertas-me  
entre as dunas e as árvores  
até sermos a única maré  
sobre o branco do lençol.

## CONHECE NAS MINHAS MÃOS

Vem, conhece nas minhas mãos  
o fim do inverno.

Amo-te.

Digo-o vencendo no chão

que ficou de ti

os lobos

da aridez

mais sombria.

## MUSICAL

Ouvias uma sonata nos dedos com que me amavas.  
Estendido sobre a luz ciciada da tua voz,  
as minhas pernas, enroladas nas tuas como raízes de  
palmeira,  
levavam-te num passeio pelo jardim da pele.  
E de lumes florescia.  
Não era num lençol de linho onde o momento do amor  
se cumpria, pintando de cal as paredes do júbilo,  
mas os cabelos húmidos sob as costas nuas,  
o ondear de um rio.  
O corpo, navegante, viajava enlouquecido  
num ritual de águas.

## O RUMOR DAS TUAS MARGENS

Persigo a tua voz, o fruto maduro  
do verão.  
É noite.  
A lua desperta no cais, deita-se  
na varanda.  
Que música corre os teus cabelos  
como se fosse as minhas mãos?  
Olho a fotografia.  
Cantas  
com a água que bate nas margens noturnas,  
mas não te oiço.  
Sei que estás aí entre o reflexo das palavras  
e o nascer da primeira rosa.  
Há uma viagem imensa no silêncio.  
Um jardim.  
Aí me sento.  
As folhas das palmeiras  
dançam como se estivesses aqui.  
Levaste setembro contigo,  
o mundo inteiro.  
Os teus pés são agora uma trovoada  
de sinais  
na imagem que resta.  
Imagino o mar.  
Assim escuto o rumor  
do teu corpo  
entre as casas brancas do litoral.

## AMOR

Um verão de chamas cresce  
enquanto ofereces o mar  
nas tuas mãos abertas.  
Entre os dedos nadam os ventos do sul;  
às vezes um rapazinho  
canta entre eles  
e atira pétalas aos teus olhos.  
É a parte de mim que não cresceu.  
Queria deixar sobre o teu vestido o rumor  
do primeiro voo de um flamingo,  
o que sou ao pé de ti:  
marinheiro de terra enlouquecida,  
potro de água a galope no esplendor  
da pele.  
Já não posso regressar ao outono:  
perdi as minhas sandálias quando corria  
nas dunas do teu nome.  
A tua claridade cega-me  
e um barco é azul  
nas ondas destas sílabas.

## TATO

Deixa-me escrever-te com fogo e orvalho.  
Tudo em mim é um incêndio rente ao mar.  
Como se regressa de um grito no vazio?

## MADRIGAL RENTE À PRIMAVERA

Começo a ouvir o teu nome com o cantar das aves.  
Chove na música das primeiras sílabas  
e uma abelha voa entre o rumor dos teus cabelos.  
Vens de muito longe, do momento em que uma pétala  
se abriu sobre o esplendor do mundo.  
Tão pura a água que corre entre o silêncio  
e o deserto onde a manhã se enche de gritos!  
Começo a ouvir-te como se numa terra em chamas  
os meus passos fossem as ervas que um dia pisaste,  
enquanto dançavas de braços abertos  
à minha solidão.

## FIM DO DIA

Recordar-te.

Não sei de que ilha da memória olhas o mar.

Os cafés agitam-se a esta hora, entram e saem os vultos da cidade.

Estou aqui e penso. Volto páginas do livro que leio, bebo café, oiço um samba.

De repente apareces com a tua voz rouca. Fecho os olhos.

É dentro de mim que ainda te vejo. É sempre verão: sinto o fulgor das palmeiras nas tuas mãos.

Levo-as à boca.

O sol calmo e macio

de setembro corre-te a pele,

deixa-te

entre os dedos quatro sílabas

e um trilho no deserto dos dias.

## ROSAS

Levanto-te os cabelos e as nuvens de junho passam pelos  
teus ombros.

Os meus dedos crescem então nas tuas costas, devagar,  
com a música

das borboletas. É na sombra do teu corpo que planto as  
rosas brancas

da minha alegria.

## PROXIMIDADE

Aproximo-me devagar. Sinto-te respirar,  
a boca tão próxima, a terra.  
A minha vida toda neste momento, no meu corpo.  
A luz do candeeiro  
desnuda-me. A tua boca tão perto!  
Um oceano, o rosto a virar-se,  
a fugir. Afogo-me dentro de mim.  
Um homem também morre na música  
que se fecha na boca de uma mulher.

## A MESA

A toalha branca, os talheres e um samba.

Não sei quem canta: se a palmeira

ou aquela voz que se arrasta

com a chuva tropical.

No restaurante,

bebo vinho e danço

com a noite.

Sobre a mesa, de repente,

a sombra do meu rosto

em busca do teu.

## MELANCOLIA

Como se morre diante de uma palavra?  
Passaram tantas  
pelos meus dedos — cardumes, nuvens,  
revoada de pombos. Areia.  
Já foram os calções e as sandálias  
da minha infância.  
Eu sei: trago-te hoje tão  
pouco!  
Há uma impenetrável neblina  
a cobrir o poema  
nesta fulgurante tarde de oiro.  
Mas às vezes tropeço numa palavra  
frágil e cansada entre outras palavras.  
Cega, surda,  
cala-se como uma pedra.

## BREVE MOMENTO COM O VERÃO POR CIMA

Sobe as escadas lentamente. Junho está perto das árvores  
– palmeiras  
altas, a brisa a despenteá-las, o teu olhar. O sol derrama  
toda a água  
da tarde sobre a tua pele. Lembras-te do nome do mar  
quando ias à  
janela? «O cheiro do limão cresce entre os teus dedos com  
a imensa  
infância dos frutos», disseste uma vez. Havia muita poesia  
na tua voz.  
Acreditei nessa mentira porque era do fogo que me falavas,  
do incêndio  
rente à perdição e à loucura. A vida é uma história  
escondida  
no teu corpo, nos teus lábios húmidos onde o crepúsculo  
solta as suas  
aves mais ardentes. Dá-me a tua mão. Vamos pelos  
caminhos da terra  
seguindo os flamingos e aquele pedaço de céu que um dia  
descobriste  
adormecido rente ao silêncio.

## VERÃO

Encho as mãos com a terra  
por onde passaste.  
Guardo nela os teus passos.  
O rumor do mar  
e do verão que levavas nos pés  
como um barco.

## **VOO**

Voo sobre ti.  
As asas das minhas mãos  
deixam na tua pele a sombra  
da minha sede.

## NEBLINA

Os templos eram brancos.  
As pombas recolhiam-se  
nas altas colunas  
com o último sol da tarde.  
Vi alguém ajoelhar-se  
perante a água de uns belos olhos.  
Penso que era Ovídio, talvez  
não. Cantava  
enlouquecido pelo seu esplendor.  
Foi há muitos anos.  
Sou desse tempo.  
Sobrevivo  
entre as pedras desses versos.

## **DO AMOR**

Só no amor podemos caminhar sobre o mar.

## **UTOPIA**

Tornar num jardim a sombra das coisas mais sublimes.

## **APÓS**

Muito grande a doçura da noite sobre a pele.

## SONATA A CAMINHO DO VERÃO

Beijo-te na memória de estar aí,  
entre os eucaliptos dos teus braços.  
O tempo nesse dia parecia uma pedra  
no meio do universo.  
A manhã voava alta  
com as aves da costa.  
Beijo-te devagar.  
A tua boca é a palavra  
onde te espero.

**NOS CAMPOS ONDE MORAM OS VENTOS  
DOS TEUS OLHOS**

Diz-me que me amas como uma pétala que cai,  
que foste a palmeira branca de todas as coisas impossíveis,  
a claridade que atravessa o mais longo oceano do outono,  
onde me vês, escondido entre palavras mudas,  
esgravatando a música de insondáveis rumores,  
e que apesar de tudo me encontras como sou, descalço  
entre pombas e magnólias, o mar e o verão do teu nome a  
crescerem  
na minha boca como uma rosa,  
cintilante e cheia de poesia.

## DEPOIS DE TI

Mordo na tua boca as últimas palavras,  
a maçã e a água das tuas sílabas.  
A imensa cidade do destino está por trás de ti.  
Vejo como chove de repente nos teus olhos;  
é como se o verão se aproximasse do fim.  
Tão escuro o sol.  
A alegria faz-se noite  
e vais-te embora.  
Um beijo é o deserto onde me perco,  
cego mais uma vez,  
e para sempre.  
Quanto pesa o silêncio  
depois de ti?  
Quantos calendários incendiados  
no fragor da melancolia?  
Apago-me devagar  
nos labirintos do teu nome.  
O que é isto se não a memória  
a correr como uma criança?

## SINAIS

Varre os sinais da lua  
que te correm a face.  
Aproxima-te.  
O mar chama-te deste lado  
onde me deito.  
Por que porta entraste nas minhas palavras?  
Em que exílio me confundes?  
Não sou daqui, como te disse.  
Fugi há muitos anos do meu nome.  
Reparte comigo o pão dos antigos,  
a cama de um poema longo.  
E este vento, oh!, este vento  
que sangra como um murmúrio  
sobre a madrugada  
de eucaliptos brancos.

## **JUNTO AO MAR QUE ANOITECE**

Durmo com as palavras que mais sinto.  
Como a um poema,  
assim te amo:  
encostado ao mais alto trigo  
da água.

## VERÃO

Solta as tranças.  
Deixa que uma chuva  
de luz dance nas tuas costas,  
a cor dos frutos do sul.  
Canta entre os passos das gaivotas  
e sobre o branco feliz  
da tarde.  
Regressa  
nesse quadro de água  
e esplendor.  
O rumor das palmeiras  
é um deus de silêncio.  
Espera por ti  
no alto mar  
do verão.

## AS CORES DOS TEUS OLHOS

Água azul, de nuvem e verão,  
os teus olhos.  
Dois potros nas colinas, castanhos  
contra a casa branca,  
os teus olhos.  
Duas estrelas que rasgam  
a noite escura,  
os teus olhos.  
Verde das maçãs num ramo  
de lágrimas,  
os teus olhos.  
O mar de abril, um barco  
e uma gaivota,  
os teus olhos.  
O diamante e a safira  
entre o luar e o amor,  
os teus olhos.  
Dois colibris cor de mel  
sobre a flor do desejo,  
os teus olhos.  
Ah!, os teus olhos  
que cantam as cores  
do mundo!  
Sendo teus são de ninguém  
quem os vir  
longe dos meus.

## VIAGEM INTERIOR

Senta-te ao meu lado. Ouves?  
Navego, com a voz, as tuas veias.  
Percorro o teu corpo por dentro,  
chego ao coração.  
Sempre te conheci aí.  
Acabavas de aparecer.  
Eu não tinha uma história para contar.  
Nem sequer uma conta no banco.  
Vivia em absoluta conformidade com os frutos.  
Observava o mar antes de o crepúsculo cair  
nas areias quentes da minha juventude.  
Admirava Che Guevara, mas identificava-me com Cristo.  
África não era ainda uma fotografia na estante,  
nem os meus pés de caminhante  
este incontrolável afluente de águas.  
Eu amava o mundo inteiro.  
Quando apareceste,  
chovia no horizonte das minhas palavras,  
pequenas e indefesas raízes de aloandro  
que escondia entre os lábios como asas doentes.  
Ficaste nessa imagem como uma estátua,  
protegendo-me sob o teu guarda-chuva  
destes anos em que o corpo envelhece  
e as sílabas, maduras como maçãs,  
caem fatigadas sobre a memória.

## **VERTIGEM**

Voa sobre os rumores do universo  
a mão ardente de um homem nu  
e a sua sombra.

## DE SETEMBRO

Por ti escrevo o desenho do sol sobre as macieiras,  
o destino da minha sombra na terra.

Estás longe, no fulminante calendário  
das emoções.

As folhas que pisaste no último outono  
ardem agora, rutilantes e húmidas,  
na tarde vazia.

Vejo-te a cantar na memória  
como no primeiro dia,  
os dedos tão cegos como frutos.

Sabes?

O odor dos eucaliptos  
é setembro a beijar  
a cor dos teus olhos.

## CANÇÃO

Talvez te encontre um dia rente a muros poluídos. Ou na  
breve sombra  
do verão numa outra cidade. Sorveremos, quem sabe, as  
últimas palavras  
diante de um sumo de maracujá. Os anos que se foram  
parecerão  
as ruínas amarelas de um calendário inescrutável. Sei que  
te amarei  
como a um livro de poemas, folha a folha, como à alegria  
de um dia tão  
branco como o desejo.  
Que imagem colherei de ti além do rumor do pássaro que  
és num ramo  
de magnólia, momento a momento, nos desertos mais  
íntimos e noturnos?  
Valerá, eu sei, a tua voz nas minhas mãos. Os teus cabelos.  
O breve momento  
em que se aprende o amor até tudo partir com o vento.

## RETRATO SOBRE A CÔMODA

Caem os últimos frutos.  
A praia estende-se para além da noite  
e o vento esconde os passos dos amantes.  
Afinas a harpa. Os dedos correm a música.  
É branco o teu vestido de algodão.  
Os teus cabelos caem  
sobre os ombros,  
molhados pela chuva de uma sonata.  
Não me vês nesta praça de mil estações,  
perdido no meio dos pombos.  
Atravesso a tarde no imenso deserto das ruas  
à procura dessa música.  
Quem vê cair das tuas mãos as pétalas  
dos mais secretos jardins?

## SENTIMENTO DE CHUVA

Os flamingos partiram numa revoada.  
O sul era tão grande dentro de ti!  
Depois o tempo cresceu como um arbusto maligno.  
Os jardins envelheceram  
e os gestos murcharam.  
A voz inebriada das guitarras, a festa das rosas,  
a resina de velhos ritos, tudo agora  
rente a um choro de cigarras.

## DOMINGO

Domingo é a noite mais triste. As árvores afogam-se no  
escuro,  
os vultos da rua. O silêncio parece um deserto. Leio poesia  
e sento-me  
nas margens dos rios à tua espera. Conta-me a tua história.  
Na tua voz  
repetem-se os segredos da terra, o fulgor da lua. Quero  
ouvir-te porque  
trazes o mar contigo.  
Domingo é um calendário de submissões. Escuto o ressoar  
de cada  
página, as asas do pássaro aflito, a vertigem do itinerário  
que é a vida,  
palmo a palmo, entre as horas fundas da noite triste — o  
domingo a  
escurecer de melancolia.

## **MOMENTO**

Uma tarde como a doçura  
dumas mãos sobre o ventre.  
Como um jardim de sombras algures na distância.  
O eco de uma guitarra desce aos pastos,  
aos pomares do sul.  
Como se ama uma mulher junto aos rios  
da nostalgia?  
Como se dorme nos seus olhos?

## **SENTIR**

Dá-me a tua mão: o nosso destino é a terra.

## HARMONIA

Se vires o outono  
no teu jardim,  
fecha os olhos.

Vê no espelho interior o filme  
da tua vida, as ardentes ressonâncias  
da paisagem onde apareces  
ao lado da tua sombra.

Vê como cantam ainda as aves de todas as águas  
sobre o céu e a terra das tuas mãos abertas.  
Algumas coisas amam-nos para além de nós.

## ESCUREÇO

Escureço contigo  
sobre os instantes,  
entre a palha e o oiro do entardecer.  
Os campos ardem. Os pássaros  
atravessam os teus olhos até ao mar.  
Em que deserto me encontras,  
afogado em ti?

## MADRIGAL

Encontrei a tua voz numa gota de orvalho.  
Olhei: os ramos da camélia mexiam  
com o vento. Eras tu a dançar.  
Então o orvalho resvalou da folha,  
caiu na minha mão  
e começou a cantar  
entre os meus dedos.

## CASI CIELO

Bebo o último sol da tua boca.  
As cadeiras estão vazias.  
Oíço um murmúrio de guitarra.  
Um bravo cavalo de água  
galopa sobre o mar.  
Os teus ombros ardiam, lembro-me. O vento.  
O vestido era branco, as sandálias duas sombras  
de palmeira.  
Não tinhas um nome para recolher os meus rios,  
e a nostalgia olhava-me como um cão.  
Um dia todos nós partimos.  
Mas eu regresso sempre a este cais,  
palavra a palavra,  
buscando-te.

## MÚSICA

O traço de um violino  
perde-se na esquina  
como um vulto na neblina.

## OH, QUANTE LAGRIME PER TE VERSAI\*

A janela da sala dava para o outono.  
Sentado ao piano, ouvia os dedos,  
uma melancolia de água sob as unhas.  
Em quantos adágios se perdia  
enquanto pensava numa mulher?  
As cortinas moviam-se entre as sombras  
e o seu olhar.  
O gato dormia, enroscado  
numa espessa teia de silêncio.  
A casa pesava-lhe como um túmulo.  
No quintal, a luz da manhã,  
fria ainda da névoa, varria as camélias.  
Sobre as pernas repousava a lã  
de uma manta vermelha.  
Enregelava-o o frio da própria vida.  
Chopin olhou o teclado.  
Sentiu nos dedos a voz de Konstancja.  
Uma substância sem medida, luminosa,  
assombrou-o.  
Começou a tocar.  
Em cada tecla atravessou  
os fluidos templos da paixão.  
Dentro de si começaram a cair  
as folhas das árvores, as chuvas e os ventos,  
a sofreguidão estonteante do sol.  
Os seus dedos correram a volúpia

---

\* De uma ária de Rossini. [N. do A.]

de pétalas destruídas pelo fragor da carne,  
as estações de Varsóvia,  
o olhar fulminante do destino.  
O outono molhava a janela.  
Suspensas, as mãos de Chopin  
acabaram por se afundar no branco  
deserto da música.



## TANGO NOS PÁTIOS DO SUL



## **A TARDE**

A tarde morre  
em abril,  
nas súbitas marés dos adivinhos.

De longe observas um súbito ritual  
de sombras:  
pedras negras, muros floridos  
pelo rocío do mar,  
a velhice sentada  
ao fim do dia  
junto ao ressoar das palmeiras.

Românticos pastores de nuvens  
espalham incêndios  
nas margens da euforia.

Levas no olhar tudo isso.  
E o branco poder da água.

## ANTES DO TEMPO

Amavas a secreta inutilidade do silêncio,  
o sol, esse cavalo solto  
em delirante galope  
entre as palmeiras.

Levantavas as persianas,  
um ardor branco tateava e ardia,  
tão leve e fascinado  
era o olhar.

Os mamoeiros cheios no quintal,  
tua mãe cortando o ar  
num macio gesto de água  
e fascinação.

Cintilante, a inviolável clemência  
dos anjos contemplava-te à distância,  
frémito solar que fluía ardente,

tão frágil e estrangeiro  
era ainda o tempo.

## CAMINHAS NOS CÂNTICOS DO SUL

Um odor a lâminas fere, junto às palmeiras,  
a última dança solar.

Estrangeiro, despes-te  
no olhar das mulheres junto ao rio.

As recordações: mármore e pó.

Em breve cobrir-te-ão os claros mantos  
do luar.

No crepitar do fogo a ardência  
do coração.

Deitado no horizonte, entre as colunas noturnas,  
ouvirás uma guitarra cobrir de sonhos  
o eco da terra, o tombar  
dum vazio.

## TANGO

Chegam do poente ébrias dançarinas.  
Uivam os cães nas pradarias da morte  
e os pirilampos iluminam a água  
nos ombros da noite.  
Nunca hás de sair desse labirinto  
onde se agitam as mulembas e o fogo,  
se escava no sonho a semente da fraternidade,  
os cavalos do verbo em galope desenfreado,  
tango do adeus  
consumindo-te os dedos.

## ALBA

Despe-se a alba sobre o ardor do limão.  
As esmeraldas solares resvalam nas paredes,  
no capim; ouvem-se  
na serenidade dos pássaros.

No quintal, lavas a cara na bacia de esmalte,  
o cabelo,  
as mudas palavras do coração.

Pouco tempo te sobra: o rio canta.

Os sons de África são toda a tua infância,  
ou quase.  
Há uma ilha na voz da tua mãe e chama-te  
para nela ouvires o mar.

## AS MULHERES

Iam descalças pelos caminhos do sul,  
filhos às costas, outros pela mão.  
Passavam como arbustos sem vida,  
secos pelo melancólico crepúsculo dos dias.  
Cumprimentavam com a delicadeza dum poema,  
raiadadas de luz, braços pendidos,  
pesados ramos de sofrimento.  
A sua tristeza levitava com a poeira  
da picada, atravessava uma fronteira de chuva  
na ausência que deixavam.

## **VOZ**

Na sombra da tua voz os anjos  
cantavam.

Chovia por vezes em setembro.

Eram alvas as manhãs e prodigiosos  
os rumores.

Na tua voz nada mais havia,  
mas um rio.

## NOS DIAS

Nos dias, que são as janelas  
abertas às andorinhas,  
crescem as sebes e nelas roseiras  
de água brava.

Regressas todos os anos  
a estas fendas,  
à cal roída dos nomes  
e das paredes,  
à inocência do rio,  
tão perto.

Tremem-te nas mãos as raízes  
da memória.

Quebram-se os espelhos  
onde vias as ardentes passagens  
dos sinais.

Enquanto deixas na cadeira a roupa  
do teu cansaço,  
passa a silhueta do teu pai na solidão  
com que curvas às sílabas  
os mais antigos frutos do sul.

## O ESCRITOR

Observa as nuvens. Nelas uma interminável utopia.  
Escreve no pátio sentado numa cadeira de verga.  
O pincel solar traça um declive na pele da água,  
o mar que cerca a ilha num esplendor azul.  
Do pequeno rádio na mesa brune uma nostalgia de Rossini.  
Atravessa rosas muito rubras junto aos muros de pedra,  
as laranjas abandonadas nos ramos  
de quem partiu.  
A brisa sacode as cortinas nas janelas abertas.  
Mergulha na casa, ressoando.  
Enquanto escreve ouve uma voz do fundo  
das coisas – vem da terra, do ar,  
de errantes aves sem regresso.  
Suspende o gesto.  
Quem escreve desenterra fantasmas,  
ou toca uma guitarra entre a euforia de campos brancos.  
Palavras, despídos galhos do lume.  
Fecha os cadernos.

Deitado numa rede entre duas palmeiras,  
deixa cair a mão que escreve.  
O cão velho da melancolia lambe-lhe os dedos.

## **REGRESSAS ÀS SALINAS OLHANDO A MEMÓRIA NO RETRATO**

Vês o triciclo da tua infância  
abandonado sobre as árduas folhas  
do sol, nas sandálias  
os sulcos do esquecimento, o couro velho,  
o ardor das palmeiras descer  
pela roupa ainda húmida no varal,  
o suplicante estrídulo  
das rolas no telhado de colmo.

Há nas janelas da casa de adobe  
o cheiro do laranjal,  
a primeira imagem  
da saudade:  
tua mãe espreitando o rio, buscando-te  
entre vultos agachados na solidão,  
no silêncio da tarde do sul,  
tão branco de água e nostalgia.

## SÓ O DESAMOR É FÚTIL

A toalha rendada sobre a mesa.  
Tua avó,  
vendo-vos da ausência lançava os dedos ao amor:  
em cada ponto engendrava instantes,  
sentada nos serões da ilha à luz duma vela,  
a mais branca pátria do coração.

Cansada, deitava-se após as gaivotas.  
Há muito se haviam recolhido as pombas  
da Matriz e a morrinha  
caía do silêncio  
molhando o basalto noturno.  
Entre os arcos da cidade  
o mar levava pela noite fora  
o rumor do Tempo, uma saudade  
de água viajando sobre o escuro.

Na casa do sul, enquanto crescias,  
tua avó, com infinita paciência,  
fazia toalhas de muito longe,  
imaginando-te a colocar os suspensórios,  
a pentear o cabelo,  
a dizer «avó» num grito da janela,  
a alegria que trazias da rua  
incólume aos desígnios da penumbra.

## TERESA

Teresa tinha no ventre a dor  
da terra estéril.  
Era nova contudo esquecida  
na melancolia de suster no corpo  
semente seca  
e na boca  
o frio de palavras mortas.

Vinha todos os dias da libata moer milho.  
Escachava as pernas, apertava o pilão  
com os pés  
e batia com a fúria de um ciclone.  
Ao lado, as tangerineiras cresciam  
todos os anos vestindo-a de sombras.

Um corpo assim de cinza  
confundia-se com a neblina  
e a paisagem austera das tardes.  
Tão vazio das flamantes mãos  
da paixão,  
abandonava-se aos olhares indiferentes  
como uma jarra tombada de dalias.

Vinha e regressava tão ausente  
que não parecia estar no mundo.

Mas o diamante negro da pele,  
exalando tangerina molhada  
e secretos odores das pedras,

ciciava no desejo  
os claros fragores  
de uma irreprimível ardência.

## TRIBO

Juntavam-se em redor da fogueira, aí pertences.  
Eles eram os caçadores das trevas, reunidos  
em volta das palavras, as mais antigas,  
as que viajaram com a chuva e o vento,  
foram lança e semente, cardo e sonho.  
Ouvias os mais-velhos, translúcidas e sibilantes  
eram as labaredas, uma floração de lumes.  
As mais frágeis fagulhas caíam exaustas  
junto aos pés descalços, um louvor quente  
saído de gravetos das matas, de cipós noturnos  
que se enredavam na obscuridade.  
Setembro aproximava-se dos cafeeiros.  
Sentia-se no ar o cheiro da flor, um trinado mineral  
atravessava o pátio, o astuto farejar das hienas.  
Estendias as mãos ao lume para aquecê-las  
de clamores, essa tribo esquecida entre o folgado  
de tresloucados insetos.  
Ainda hoje sobrevoam os sinais,  
matam a sombra do seu olhar,  
cai a noite, ardente e longa,  
sobre a naufragada memória.

## VIAJAR COM SOMBRAS



## A VELHA MÁQUINA DE ESCREVER

Uma velha e pesada Royal espera por mim junto à janela.  
Não tenho palavras que lhe dê, nem ela, coitada,  
me dá os acentos da minha língua.  
Martelei nela, há muitos anos, uma novela. Poucos leram.  
E ainda bem — só tinha uma mulher a tocar piano,  
inspirada embora pelo mais ardente sol das utopias.  
É certo que o mar e agosto cantavam entre os seus dedos.  
Mas isso não alimenta a trama de uma história  
nem inebria os sentidos do leitor.  
A literatura não se faz de exercícios empíricos,  
nem bons sentimentos curam a lepra do mundo.  
Muito menos a rebeldia de certos intelectuais  
que se julgam deuses de iluminações.  
Sentados no café,  
escrevem sobre o umbigo do ego linhas inflamadas  
de repulsa calculada  
contra o estado das coisas  
e de morte certa no bocejo e na inconsequência.  
São epigramas tão transcendentais  
quanto insignificantes.  
A fome, os políticos, os homens de negócios,  
as corporações, as doenças, as religiões, o ódio, o racismo,  
a poluição,  
enfim todos nós quotidianamente impávidos e  
indiferentes  
à humanidade mais vulnerável.  
Uma máquina de escrever, por muito velha,  
é sempre a terra fresca que acolhe as sementes das  
palavras.  
É certo que algumas, como uma mão de pedra,

também matam, ferem, deixam marcas de fogo nos  
labirintos  
do espírito.  
Mas há outras que correm dos dedos como rios.  
Essas, as mais claras e puras, são os colibris.  
Buscam de página em página  
o néctar da manhã.

## MÃE DAS ILHAS

A pereira chegou ao verão com pouco — dois ou três  
frutos onde poisa a fatigada luz do verão.

Ela está sentada numa cadeira de plástico, aliviada  
com o frescor da brisa e sob um ramo cujas folhas  
desenham ao redor dos seus cabelos uma coroa errante  
e crepuscular.

Não é uma rainha no exílio e que empobreceu com a idade,  
mas uma mãe que povoou uma casa a contento das beatas.

O direto caminho para o céu, proclamavam essas mulheres  
sombrias,

era com um séquito de filhos atrás criados a sopa e pão de  
milho, descalços,

tímidos, a pele árida dos tempestuosos ventos do norte.

Cresceram como plantas bravas entre as pedras da  
indiferença coletiva,

que sempre geriu os seus códigos sociais consoante o  
volume

e a abastança da pança mental. Ser pobre e honrado  
era uma desdita organizada pelas gravatas soberanas da  
nação.

Não sei o que pensa agora esta mulher sob os contornos  
verdes

desta árvore estrangeira onde se abriga do sol e do calor.

Tem os dedos enclavinhados sobre o colo e seca-os na  
claridade

da tarde. Vieram molhados da água da cozinha  
como peixes desorientados.

Afogam-se agora, lentamente e sem ruído,  
nas calmas águas do avental.

## ALMA

Que língua falas, alma, que braços  
estendes para além dos vidros da idade,  
do frio que queima a erva  
e dá às árvores uma veste de melancolia?  
Por que te refugias nas insondáveis labaredas  
procurando o mar nas tuas próprias mãos?  
Envelhecem amando,  
fincando na terra as sementes das viagens  
que escolheste  
no brilho das mais abandonadas pedras.

## AMINA LAWAL

Tens Wasila, a tua filha, junto à melancolia do rosto.  
Quando ela se afastar do teu peito para descobrir o mundo,  
chegarão os carrascos do regime com as mãos cheias de  
pedras.

Juntar-se-á uma multidão de cobardes ao teu redor,  
clamando pela justiça do ódio.

Terão olhos para te ver caída entre a poeira das suas  
alparcas?

Que delito receber no corpo as sementes de um homem  
que te amou?

És uma mulher bela, Amina; esse é o teu pecado e  
infortúnio.

Os oráculos da lei, que confundem amor com crime,  
festejam

a morte como uma dádiva dos céus.

O calor da tua pele estala a noite que me rodeia.

O teu nome, Amina, voa como um murmúrio sobre os  
mapas.

Atravessa oceanos, montanhas e cidades e cai  
no espanto de todos nós como uma borboleta que perdeu  
as asas

entre as tulipas do outono.

Enquanto Wasila cresce nos teus braços, a tua vida  
mingua no rumor do seu corpo — esse é o calendário  
que os senhores da morte estipularam.

Os passos que a levarem ao quintal para ver as  
mangueiras,

o balbucio das primeiras palavras,  
as papas de milho e o sumo de tangerina,

serão o gáudio decrescente da tua vida.  
Morreremos todos contigo, Amina, se do amor só restar  
as tuas cinzas.

## CAMPO DE S. FRANCISCO

As velhas árvores, o banco onde tua avó se sentava,  
a tua mãe.

O mar cantava por entre os passos dos fiéis.  
Um cheiro de velas míticas descia os degraus  
da igreja de S. José como um manto de pétalas imaginadas.  
Cresceste a correr por entre os casarios e os labirintos da  
vida,  
mas nunca saíste daquele momento  
em que a luz era um violino de ressonâncias  
inextinguíveis,  
um ardor, agora um sopro de essências raras.  
O teu olhar correu o silêncio todo do horizonte,  
perdeu-se nas montanhas crepusculares de outros céus,  
tão descalço como um estrangeiro embriagado  
nas ruas noturnas do seu anonimato.  
Foi ontem, há tantos anos!  
Que chuva esta que sentes por dentro, incessante,  
neste dia de julho em que atravessas esta memória?  
Dois homens jogam aos matraquilhos; um velho  
dorme no banco onde tua avó se costumava sentar,  
os pombos ao redor,  
tu ainda de calções, a primavera,  
o mundo inteiro  
escondido na inocência.

## CANTATA SOBRE UM ROSTO

Caso repares, vê-me desde o princípio da tua vida.  
Estive sempre aqui. No verão, corro com a sombra  
das aves.

Imagino viagens de barco observando as nuvens,  
brancas e escorridas como os cabelos da minha avó.  
A distância entre mim e a luz é uma espécie de rio:  
flui do coração até ouvir-te cantar. Quero dizer  
— o sabor a maçã que sinto na boca quando penso  
em palavras inocentes e frágeis.

No inverno sento-me numa ilha. O mar corre  
por entre os meus gestos com mil cavalos de espuma.  
Assalta-me o desejo enorme de voltar a nascer  
quando a claridade do mundo dança sobre as pedras.  
Afago-te os cabelos sob a fosforescência do crepúsculo,  
corro ao teu lado até ao parque  
aonde levamos os cães da tua melancolia.

Sou teu servo e teu senhor.

Se ainda não me vês, encontras-me sob o azul do céu  
onde a alegria é uma casa há tantos anos.

A tarde desfaz-se num universo de água.

Existo

no aroma de pequenas coisas.

À esquerda, ou no espelho da tua memória,  
passo ainda. Olha.

Trago os teus passos escondidas no meus versos.

## CÂNTICO

Morria sempre que ouvia Schubert, sentado  
na cadeira branca do verão.  
Doía-lhe um nome a sangrar sobre as rosas.  
Faltavam-lhe a casa junto à praça, os pombos debruçados  
sobre o fontanário.  
Fechava os olhos nas mãos, as enormes fendas da ternura.  
Era como se tivesse chegado cego ao fim dos dias,  
buscando o inominável, a cor infinita do mundo.  
Arregaçava as calças aos joelhos e imaginava  
as infundáveis, ardentes terras do que sentia.  
Chorava sobre o rumor da música sentado  
na sua própria ausência.  
Pensava viajando para muito longe.  
Alcançava os vibrantes pátios do passado,  
o imperturbável movimento das fronteiras  
onde ressoaram guitarras noturnas, o odor enlouquecido  
do jasmim, a curva do dedo onde o vento  
apontou outros sinais no horizonte do poema.  
As andorinhas regressavam aos telhados, iluminadas  
por quatro estações de luz.  
Ouvia Schubert, já disse.  
O adeus do verão cantava com o sol nas suas costas.  
A árdua brisa do destino era uma pulseira de agitações  
nos seus pulsos.  
Chorava, juro,  
encostado a um basáltico muro de sombras.

## IDADE

A memória abre-se nas mãos  
como um livro antigo.  
Já não tens na pele o cetim da juventude.  
Mas não és um velho perdido num solitário banco  
de jardim observando patos tristes, ou o perfil  
dos telhados onde se recolhem as pombas  
e as nuvens mais órfãs de junho.  
Ao fim da rua encontras uma floresta  
de sombras brancas, quero dizer,  
a casa.  
Ouvias um piano. É tudo quanto resta  
desse tempo — a música dos dedos nas teclas,  
os jarros altos, as olaias que cobriam as manhãs.  
O mundo agora é outro, mais ausente.  
Todos os dias há um vazio que cresce, um clarão  
de sinais cegando as imagens.  
Mas estás aqui, ouvindo o passado,  
as vozes mais íntimas que soam a chuva  
ao cair da tarde.  
Abres a porta e o verão canta  
entre as árvores. Um cão ladra.  
Um rio de luz atravessa  
os teus olhos.  
Não sabes o que é isso.  
Mas é bom o cheiro  
da relva cortada  
sobre as lágrimas da terra.

## IMAGEM NA ESPUMA

Vejo nos teus olhos as lágrimas  
que escondes do mundo.  
São pequenos lagos onde nadam, secretas,  
as luzes da cidade,  
peixes de infinita melancolia,  
incandescentes mantos  
de uma tribo em viagem pelo verão do sul.

Aproximo os dedos.  
Não vês esse gesto irromper  
do fundo da terra, dos seus templos mais áridos,  
apenas esta pele que canta o teu nome  
e as rugas dos frutos maduros.

A mão cresce, é solar. As unhas, estrelas  
de sede, pobres remos da minha navegação,  
do meu voo raso enquanto observas  
o milagre que há nas rosas do céu,  
as que se abrem de branco  
nas asas do teu olhar.

## MANHÃ DE CHUVA

O dia, escuro, tomba  
sobre a relva húmida do olhar.  
A mão que tensa escreve  
torna-se numa pedra.

O que resta à viola das palavras  
senão o último dedilhar,  
a acácia apertada entre os dedos,  
setembro ao fundo, Nero a ladrar no quintal,  
tu a fechares a porta do último dia.

Chove hoje na janela onde nasce  
o outro lado do mundo.  
As sombras dos pinheiros dançam  
sob os pássaros, aninhados num crepúsculo de águas.

Estrangeiro em quatro estações  
de esquecimento, deixa cair na terra os joelhos  
das tuas preces.

E volta, volta sempre à casa onde o Nero,  
eterno, ladra à tua espera.  
Entre as altas e brancas figueiras da chuva.

## A LAVADEIRA

Abres as persianas, olhas a rua. Do outro lado, descalça, está uma mulher, as mãos molhadas sobre o avental. A escura pele do rosto cintila.

É uma agitação de penumbra refrescando com a brisa.

Há uma trepidação algures no seu mundo.

Vê-se-lhe nos olhos. São dois lagos crispados onde refulge a luz forte da manhã; diáfanos, bebem as canções solares dos pássaros.

Que dizer de uma mulher pobre lavando o cansaço dos outros num tanque de cimento?

Sempre a viste ali, mesmo agora, muitos anos depois.

Pensas nas suas mãos com espuma do sabão, o suor de vidro a cair-lhe do rosto, o quintal afogado na crispação das árvores (algumas figueiras e dois mamoeiros solitários), e no tanque onde ela curvava a exasperada vida, dia após dia, enrugando a água suja entre os dedos numa quietação de rio adormecido no seu próprio silêncio.

## O MAR QUE ATRAVESSAVAS EM SETEMBRO

O verão cabia nas tuas mãos  
quando abrias as águas  
dos cabelos.  
Vias-te ao espelho do mar em frente.  
Ouvias os passos do vento  
sobre as espumas  
da ansiedade.  
Até que secaram  
nos vasos mais desolados  
e um ressoar musical de pedras solares  
te cobriu os pés descalços.  
Não sei quantos anos levaste para chegar  
aos meus olhos.  
Em que nuvens cumpriste  
os sonhos da madrugada,  
quantos flamingos imaginaste pousados  
no musgo das palavras mais cintilantes.  
Tudo em ti era um barco de luz na ponta  
dos dedos,  
uma trança caída sobre a janela aberta.  
Eu não existia ainda na tua boca.  
E não sabias que este homem nascia aos poucos  
nos mais solitários eucaliptos do crepúsculo.

## O PRINCÍPIO DO MUNDO

Cantas baixinho junto a uma pedra.  
É um nome que salta da voz,  
um rumor ferido  
por coisas antigas – vidas de ar  
formando a pedra que cantas.

## OFÍCIO

Apagas uma palavra como o vento árido a pegada.  
Sem piedade, limpas do branco o balbucio ténue  
como quem arranca do chão a erva daninha.  
Fica entre os dedos um cheiro a terra fresca, húmida  
e fértil.

Lavrador de música, pegas noutra.

Esperas que nessa passe um barco, os cântaros se encham  
de vinho para a festa, ou uma maçã amadureça  
nos tristes galhos do inverno.

Nunca sabes: as palavras são bailarinas imprevisíveis;  
ou te levam para um campo de águas bravas,  
ou fogem de ti rindo, por seres tão pobre.

## POEMA NO GUARDANAPO

Nadas na sombra de uma grande ausência.  
Cobrem-te os vidros do espanto,  
fragmentos de ardidos instantes,  
o peso da água incendiada.  
Imaginas então o ressoar  
de uns pés infantis  
na fotografia mais distante  
do teu nome.  
Sabes então que só na terra  
onde escondes o coração  
correrás por entre as palmeiras  
e o eco dos primeiros rios.

## ANGOLA

Chegas ao outro lado da luz e não reconheces o sul.  
Há uma pedra onde te sentas. Sabes que amas  
os templos onde agitam as cinzas dos passos.  
O teu passado é uma casa em ruínas:  
não há janelas nem portas.  
Apenas a sombra do teu pranto  
no chão que se perdeu de ti.  
Nos teus olhos húmidos  
navegam as canoas da infância.  
Ficarás velho como uma estrada sem fim.  
As montanhas serão como mil estações crepusculares.  
Mas estarás entre os teus.  
A imensa fala dessas águas  
na sua inefável corrida pela memória,  
cantará contigo para sempre.

## PRIMEIRO, ÚLTIMO ENCONTRO

Era tarde na juventude  
e acabavas de aparecer.  
Eu vinha das solitárias praias dos meus dias  
cercado de gaivotas crepusculares.

Não tinha uma história,  
nem sequer uma conta no banco  
— vivia em absoluta conformidade com os frutos.

Apareceste quando as fundações  
da enorme casa colonial começaram a ruir.  
As ruas explodiam numa incessante repetição de  
metáforas  
e labirintos semânticos,  
enquanto se levantavam litígios venenosos  
no diálogo político onde tombavam  
as mais insidiosas moscas da retórica.  
Maquinações inflamadas por demagogos lunáticos  
transformavam em pilhas de caixões  
o quotidiano da cidade  
com o deleite dos seus gatilhos e impunidade  
revolucionária  
sob a venerável bênção internacional,  
enquanto os meus dedos corriam  
pela única vez  
a luminosa cor dos teus cabelos revoltos.  
O fulgor dessa chama  
agitava-se na penumbra  
da incerteza e na fragilidade das nossas vidas.

Na fotografia ficaste eternamente sentada  
no muro caiado de branco  
junto do coqueiro onde as andorinhas se juntavam.  
Neste dia outonal, sob o guarda-chuva de cintilações  
obsidiantes,  
recolho-me no inalterável mármore  
dessa imagem.  
Regresso por um caminho a preto e branco  
às cores de outro mundo  
dessa imagem.

## QUADROS MEDITERRÂNICOS

/1

Nas altas varandas sobre o mar, os flamingos  
eram os dias.

Mulheres de cinza estendiam as roupas  
em frágeis fios de espuma.

/2

Na orla magna dos templos,  
onde se ajoelhavam os mitos,  
cantaste o jorrar do vinho,  
o entornar de taças sobre os linhos da noite;  
acesas estavam as lamparinas, os hóspedes  
reunidos nos degraus do júbilo.

/3

Levantavas das vozes colunas de buganvílias,  
ressoar de asas perdendo-se na distância,  
tecedeiras olhando o paciente trabalho do verão  
nos vasos das janelas  
onde os gatos dormiam até ao fim  
de setembro.

/4

Chegaste nos cânticos dos trovadores,  
no ranger das portas velhas das casas junto ao mar,  
nesse homem que ninguém nota, sentado  
em ervas de areia, nas pegadas brancas  
do vento  
e nos secretos presídios  
da memória.

## SOLSTÍCIO

*A Eugénio Lisboa*

Nunca se regressa do tempo, mas do espelho  
onde descobres, no silêncio  
do teu rosto, o estranho.

Nessa imagem  
és o órfão do menino que foste.  
Sabes agora  
que as garças perderam-se  
no fundo dos teus olhos,  
a clara e pueril sombra das olaias.

O tempo foi um ciclone  
sem medida.

Lembras-te de quando setembro cantava  
entre as primeiras chuvas da tua vida.

Um instante:  
a eternidade do teu mundo  
afinal tão breve como a rosa.  
Até o amor se tornou numa guitarra calada.

Mas não percas nisso o canto.

Levanta-te da melancolia,  
cama de equívocos  
e pesadelos.

Não te rendas ao fatalismo  
nos labirintos da solidão.

Segue por outro caminho  
em direção ao sul,  
à casa e à claridade  
onde os teus passos ainda ecoam  
em corrida para o rio.

## UM PAÍS? QUE IMPORTA?

Podia ter um país, desses que se apontam  
no mapa com fulgente dedo de cristal.  
Ou um cão, sabemos, companheiro fidelíssimo  
nos melancólicos parques do outono, sábados à tarde,  
quando a vida é um tédio inevitável  
e uma boa caminhada faz amortecer  
dentro de nós a falta do mar, a raiva aos cobradores  
de impostos, ao cabotinismo dos que nos olham de soslaio  
porque usamos ainda palavras como «amor» e  
«integridade.»

Os caninos, é certo, têm a pureza  
do que é leve e respirável, e uma nobreza  
tão humilde que até os deuses,  
na sua redoma de glória passageira,  
neles veem retratada a sua ulterioridade.  
Sobretudo os de hoje, pouco castos,  
muito mediáticos nos seus fatos políticos  
de homens civilizados até às unhas  
dos pés.

Os assassinos da poesia  
têm camisas rendadas  
e um aperto de mão perfumado.  
Por isso os países são irrelevantes.  
O meu, disseram-me há muitos anos,  
era uma traição à História.  
Morria comigo e com os meus amigos.  
Hoje não me faz falta.  
A minha saudade  
está rodeada de mar.  
É uma paisagem entre eucaliptos,

uma estrela de orvalho  
nos dedos da melancolia.  
Que importa?  
Tenho boas recordações.  
A minha infância foi uma casa  
nos braços de minha mãe.

## UMA MULHER

Os instantes não chegam  
para desvendar as cinzas,  
dizia o seu olhar, as oliveiras ao fundo,  
o vasto e azul céu de agosto.  
Era uma mulher de negro,  
descalça sobre as frias pedras  
do dia.  
Estava parada junto à luz,  
como numa fotografia:  
o coração voando-lhe sob a blusa,  
os olhos em chamas,  
a breve melancolia das gentes do litoral  
bailando-lhe  
nos lábios.  
Estava ali como uma árvore à espera  
dos séculos,  
respirando a claridade dos jacarandás,  
a serenidade  
de raízes de pedra.  
Talvez fosse de nenhum lugar,  
ou de todo o mundo:  
os seus pés, afastados,  
separavam dois oceanos  
de sombra.  
O verão ardia sobre os velhos telhados  
da tarde  
e uma guitarra chorava de mansinho  
nos cabelos revoltos dessa mulher.

## VERÃO

A casa, os passos do silêncio na carpete.  
Entras assim por julho dentro, descalça,  
leve como uma pluma,  
os panos da claridade rente aos joelhos,  
um fascínio demorado de instâncias  
na cintura,  
mistério rodando numa dança de serpentes,  
esse lugar de naufrágios.  
Cantas sobre os muros da ausência  
caídos de luz, ouve-se o mar,  
a tarde esquecida entre os pinheiros,  
a juventude da água na fala,  
um azul fascinado correndo entre os rumores.  
Um verão de garças recolhe-se nos pulsos,  
uma cintilação de cristal respira na ponta dos dedos,  
uma chama:  
a mão do desejo buscando-te nas sílabas  
— lugar do fogo  
e dos regressos.

**UM DIA QUALQUER EM JUNHO**



## A MÃE

Nunca nos deixa crescer.  
Temos sempre a idade das sandálias cambadas,  
dos calções sujos de amoras bravas.

Está de pé, entre os nossos olhos,  
como um jardim.

Mesmo quando os cabelos  
começam a ficar  
no pente, esbranquiçados,  
é sempre a mesma:  
flor que não cai  
no outono do tempo.

Como se a cada segundo renascesse  
do seu próprio perfume.

## A SENHORA DO INVERNO

Vive com uma cicatriz de sombra nos gestos,  
três gatos obesos, cortinas fechadas sonogando  
o obsidiante negrume invernal.

Veio de comprar bilhetes da lotaria, passo breve,  
roçagante como labareda mortificada.

Afunda-se no silêncio da casa com a displicência  
duma deusa agónica.

Sairá mais tarde, lenço na cabeça, óculos escuros,  
inebriaada por um odor de sementes.

A luz de abril será então um oceano macio,  
possivelmente algumas violetas levantarão as hastes  
se milagre acontecer no jardim do vizinho.

Mas ela passará sem olhar o mundo.

Entrará na loja do chinês para sair  
numa mobilidade carregada de sonhos.

Prisioneira  
de cintilantes fugidios paraísos,  
voltará ao reino da sua vida  
suspensa de inaudíveis  
deslumbramentos.

## A SOMBRA DAS PALAVRAS

*a Emanuel Félix*

Danças no poema nuas, as palavras.  
Irreverentes, caladas,  
estendem-se no sono branco.  
Inumeráveis,  
só respiram claridade.  
Que desarrumo nos deixam nas mãos?  
Opacas e táteis escondem-se no afago,  
ardem  
quando amamos uma mulher,  
levantamos na melancolia um grito da terra,  
o copo de vinho,  
o pão.  
Transparentes,  
dissipam-se nos dias como cristais  
esquecidos.  
São crianças, pedras, areia  
dos ventos.  
São a chuva nos olhos  
do poeta.  
A primeira sombra  
da haste fascinada.

## **CANTATA**

Se fosses um país  
levava no teu nome os pinheiros  
do mar,  
uma bandeira de rosas  
no vento que atravessa  
a alegria  
e faz dela uma ilha.

## INÍCIOS

Num círculo de jacintos, olhando as crianças de junho,  
disse:

«Um amor infeliz é como a morte dum pássaro.»

## LEGADO

Deitado na cama do adeus,  
ouvindo já o rumor  
das mais longínquas estrelas,  
murmura ao filho:  
«Espalha as minhas cinzas  
no mar da primavera.  
Sente na saudade  
o voo das andorinhas  
de Verride,  
o lume brando da brisa  
aquecendo as oliveiras,  
a voz que ouviste  
nos meus braços  
desde o primeiro dia.  
Espero por ti pacientemente  
no fim do tempo,  
cantando.»

## MONÓLOGO DO ROMÂNTICO TRISTE

1/

Sinto na tua voz o movimento duma sombra.  
Vem com a cidade que trazes para casa.

2/

A vida e os escombros da distância  
constroem uma muralha.

3/

Uma folha morta esvoaça nas palavras.

4/

O pó da solidão cobre a alegria  
até morrer como uma andorinha  
nas minhas mãos.

5/

«A felicidade é uma vaga sensação de pertença»,  
disseste um dia passando a mão pelo cabelo.

6/

Foste sempre assim: primaveril.  
Mesmo dizendo coisas cruéis.

## PAI NOS ÚLTIMOS TEMPLOS

Vieste como uma sarça abandonada  
apoiado na bengala da velhice.  
Atravessaste os pinheiros, casas velhas, a respiração  
fluida e alta das andorinhas.  
Olhas as ruínas, o arvoredado. Repousas nas recordações.  
Os passos da tua infância são agora ervas tristes,  
o ruído magno da terra, impenetrável substância.  
Não está ninguém aqui. És o último.  
Perturbam-te os fascínios, breves e coloridos de maio.  
Ouves, por instinto, o árduo crepitar de outros dias.  
Tens já a idade de um rio, canção de passagem  
e das pedras, a fulminante harpa das estações.  
Acariciando na memória a imutável efemeridade,  
regressas a uma insondável peregrinação interior.  
O poente desce sobre os rumores,  
a pele crispa-se.  
Dizes: «Aí apanhei amoras, sabes?»  
No teu olhar há um vaso branco, rosas.  
O verão solta dele as águas dos primeiros anos  
entre as oliveiras.  
Mais fundo, no intenso lago da íris,  
estás sentado num jardim  
à espera da tua mãe.

## S. JORGE

Na tarde alta a harmonia lavra  
as terras de turquesa,  
as urzes dobradas,  
o colapso dum punho  
na névoa.

Lá em baixo,  
nos teares da paixão,  
entre o casario alvinitente,  
um velho escreve  
olhando a sua alma  
nas coisas.

O rumor da vida cresce  
nos pátios de rocha.  
Desfolha-se entre os vimieiros,  
afunda-se na alegria felina  
duma guitarra abrindo no ar  
duas rosas  
quase brancas.

## UM MOMENTO TÃO PERTO

Traz um poema no coração: o labor agreste  
de silvos amadurece nele as acres maçãs da água.  
Esconde nas unhas um brilho solar.  
O pó estival cruza-lhe os olhos brancos, molhados  
por uma lágrima esquecida.  
Os cabelos, ardidos pelo incêndio  
dos pássaros, escondem o rumor dos pinheiros bravos.  
Sobe ausente os degraus do verão, os ombros  
tocados pelo azul imenso do céu mediterrânico.  
Nos seus gestos dançam margaridas, as mais antigas  
palavras, a leveza distraída  
de quem olha as pedras para reconhecer o rosto.  
Tenho tanta sede, diz,  
sentindo a doce melancolia de quem se deita  
para amar a eternidade.  
Agressor de ímpetos, deixa nela a perdida raiz  
da terra, toda a solidão,  
inacabada permanência.  
«A saudade é um amor impossível»,  
abstrata diz-lhe.

## UTOPIA

Na água lisa da pele  
a sombra de mais um dia.  
Olhas os barcos, a praia deserta,  
os jarros na janela.

Há um deus sentado  
no muro branco da memória.

Pedes-lhe a cor breve  
dos álamos  
ou uma ária de silêncio.  
Errante,  
o coração cresce no amor  
por uma mulher  
ou pelo mar no regresso  
de junho.

No fundo,  
sabes que um homem só é feliz  
no odor do poema rente ao abismo.

## YELAPA, MÉXICO

1/

Busco na voz dos que chegam a origem da claridade.  
Sinto-me mais estrangeiro nesta alvoroçada turba de  
turistas.

Molham os pés na água, os olhos secos de emoções.

Vieram pelo sol, coqueiros,  
minúsculas borboletas,  
uma fotografia azul com o mar ao fundo.

Trazem com eles o esquecimento.

Os cães da praia cheiram-lhes a roupa,  
a sombra das mãos assustadas.

Afastam-se deles vazios, confusos com o cheiro  
que trazem do mundo.

Ouvem-se guitarras mexicanas.

Um índio baixo, obeso e muito escuro  
vende nos quadros a cor da nostalgia.

2/

Peço uma tequila sob uma palapa.

Perto, uma velha índia come uma laranja.

Suga-a.

Os ossos das mãos, proeminentes, lembram a terra seca  
e árdua do sul.

Quando me for embora levo-a nos olhos,  
os cabelos grisalhos esvoaçantes,  
a música dos seus dentes na fruta  
e a serena ausência do seu olhar.

**ÁGUAS DE SOLEDADE  
FUNCHAL, MADEIRA**



## VARANDA NOTURNA

Beijas o reflexo da lua nas mãos.  
O mar é negro entre os dedos; nos gestos  
de um homem morre uma palmeira.

Os sapatos, sob a cama, guardam os últimos passos.  
Escondido nas solas arde ainda o sol da tarde.

É perverso o silêncio de um hotel.  
Os quadros, a torneira que pinga depois do corpo,  
a linha do rosto sob o vapor do espelho,  
o telefone sem voz,  
a mala com o cheiro de outra cidade.

Na varanda imensa voa a noite, as asas do coração,  
o luar metálico dum nome.

Em que lado da voz começam os labirintos?,  
os insondáveis desertos?

## UMA ILHA DENTRO DAS MÃOS

Ouves bater à porta e deixas a noite  
colada aos vidros da varanda.  
O luar dança  
no copo de uísque.

Pensavas o dia, a música no pátio,  
quem dançava de negro a salsa de Havana,  
o olhar que bebeu toda a poesia  
da tua boca.

Mas uma ilha é assim.  
Queres dizer, viagem de imagens, mãos,  
impenetráveis símbolos.  
Âncoras de bruma.

Devagar te perdes ao encontro  
da tua sombra.

## ESSENCE

Uma palmeira amanhece o olhar.  
O sol, cristalino, é um arbusto  
que arde nos vidros da janela onde cresce  
a chama estival.  
Junto a um muro de ecos está o triciclo abandonado,  
a claridade oceânica de maio.  
Espera o teu corpo, encostado à manhã  
iridescente.  
Mas além de ti não há um caminho de regresso  
à infância: és a última sombra.  
As tuas roupas, sombras crepusculares,  
e as tuas mãos que fecham a cortina  
de mais um dia no fim,  
são o que és neste momento:  
músico de perdidas estações.

## RUA

A ilha é a mulher que atravessa a rua de maio,  
absorta, leve, navegando no ar matinal.

Os saltos altos ferem as lágrimas dos jacarandás.  
Os pombos das palavras, de súbito brancos,  
atravessam o ruflar da saia.

Volta-se, os cabelos negros ondulam.  
Um perfume de urgências  
incendeia-lhe o olhar.

É uma mulher, como todas as mulheres  
que nos olham do poema:  
cintilante mistério sem rosto.  
Esvoaçando como a música, perde-se  
sobre os muros das sílabas.

## RUA DA MEMÓRIA

Atravessava, débil, a rua.  
Os braços, ao alto, seguravam a quinda.  
O coração voava-lhe das mãos,  
escondia-se nas laranjas,  
tão antigo era o andar, o medo  
dos carros.

O corpo, fio de luz  
dobrado, era um relâmpago  
nos teus olhos.  
Seguias a fragilidade  
da sua vida pela rua da infância  
abaixo.

Os panos de chita, caídos nos pés,  
varriam as pegadas.  
Que ironia: os pobres nunca existiram  
nos calendários do mundo.

Lembras-te da velha quitandeira  
amando nela  
os seres sem nome da tua aflição.

## NA DOBRA DO LENÇOL

Um frescor vem das pedras mais antigas,  
as de maio.

As crianças crescem  
com a primavera,  
matam a sede com a água das sombras  
mais brancas.

Ouves agora a música que resta.  
Já altos, contra o azul,  
perdem-se os patos selvagens  
que imaginas, as borboletas,  
o frescor de algumas palavras.

Alguns nomes morrem entre as silvas.  
Outros florescem nas tuas mãos.

## ÁGUAS DE SOLEDADE

As mulheres, envelhecidas  
pela neblina dos montes  
levam pela mão crianças de água  
— pele de terra, rocha e catos.

Acenam de longe com lenços de vento  
entre os rios do outono.  
Vêm de casas brancas onde amanhecem  
a dolência e o salitre da melancolia.

Contra a soledade apertam  
as flores mais selvagens das chuvas.

## INSTANTÂNEO

*A Luísa Villalta*

Estava ausente como o grito que incendiou  
as sombras das arcadas.  
Escrevia sobre o branco de um caderno de notas,  
sentada na esplanada.  
As palavras caíam-lhe dos dedos  
como pétalas queimadas.  
Próximas estavam as ruínas do sol.  
A luz entrava no mar  
pela última vez:  
a água lambia-lhe os joelhos  
com os seus feridos cachorros  
de espuma.

O café esfriava  
na tarde em que ausente ouvia sem ouvir  
os pombos no fontanário.  
A cor dos cravos murchos  
abria-se-lhe nos olhos.

Numa lágrima  
ouvia o repentino fechar de uma porta.

## OFÍCIO URBANO

A esferográfica corre o papel, deixa a semente,  
a íris da palavra. Constróis o mundo  
na mesa de metal da esplanada,  
lascada e turística.

A tarde é um fogo azul que arde,  
incendeia o mistério  
e a navegação da alma.

Escreves enquanto os jacarandás, distantes,  
são uma silhueta de vozes estrangeiras.

Um sismo aproxima-se dos teus dedos.

O poema não cabe nas palavras  
nem nas tuas mãos:

junta-se aos pombos na esquina da tarde,  
no ócio e no murmúrio  
de olhares distraídos.

O coração de um poeta só é visível  
entre a água dos labirintos.

## DISCURSO SOBRE UM GUARDANAPO

Talvez o amor não seja um corpo  
à tua espera nos lençóis de um instante,  
o cheiro duma floresta na boca que te beija,  
a curva do ombro nu, a forma do seio,  
a ondulação da anca sob o vestido apertado,

a cor dos cabelos onde os dedos  
encontram o mar.

Talvez o amor não seja a cama que recebe  
o teu cansaço, as marcas da noite na tua pele,  
o sabor dum fruto ou uísque  
nas praças das cidades mais estranhas.

O amor não precisa de equívocos.

Já basta de árvores perdidas  
nos bosques de cimento  
onde caem os anéis da paixão.

O amor é a chama que move os braços  
das estátuas, um sinal inesperado  
criando o fascínio  
quando o mundo é apenas um túnel  
ao fim do dia  
e alguém reconhece entre as cinzas  
a respiração do teu nome.

## ADEUS

Chegar ao fim de maio com sal na camisa,  
espelhos de água  
quebrados junto aos pés;  
tudo o que foi o mar, noites nos pátios,  
velas, gerânios, cânticos  
e barcos crepusculares navegando nos cabelos  
de quem te ouvia como se fosses um príncipe.  
Tudo fecha-se agora com pesadas chaves,  
nos últimos botões da camisa.  
Sobre as velhas telhas destas casas  
onde os pombos nascem estrangeiros,  
ouves a brisa, um frémito de pedra violada  
pela irradiação solar.  
O silêncio nasce  
no momento em que fechas a janela  
e o teu olhar se enrola  
no último rumor das cortinas.



## **COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS**

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

**Eduardo Bettencourt Pinto** nasceu em Gabela, Sul de Angola. Radicou-se no Zimbabwe (Harare e Bulawayo) em 1975. Ponta Delgada, cidade dos seus ancestrais maternos, acolheu-o na Primavera de 1976. Errante por natureza (começou a viajar sozinho aos 12 anos de idade, em Angola) viria a radicar-se, em 1983, na costa oeste do Canadá onde ainda vive.

Publicou vários livros de poesia (traduzida em várias línguas) e ficção. Foi editor da revista *online* de artes&letras *Seixo review*. Tem colaboração dispersa por jornais e revistas. Está representado em antologias em Angola, Portugal, Espanha, Itália, Letónia, Brasil, Cuba, Canadá, Israel e Estados Unidos.